

UNIVAS – UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

André Silva Barbosa

SÃO GERALDO: (A)TERRADO DE SENTIDOS

POUSO ALEGRE, MG,
2015

UNIVAS – UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

André Silva Barbosa

SÃO GERALDO: (A)TERRADO DE SENTIDOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Área de Concentração: Linguagem e Sociedade.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eni Puccinelli Orlandi.

POUSO ALEGRE, MG,
2015

Autorizo a divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

BARBOSA, André Silva.

São Geraldo: (A)Terrado de Sentidos. / André Silva Barbosa –
Pouso Alegre: UNIVAS, 2015.
117p.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de
Pós-Graduação da Universidade do Vale do Sapucaí, Universidade do
Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2011.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Eni Puccinelli Orlandi.

1. Análise de Discurso. 2. Cidade. 3. Bairro. 4. São Geraldo. 5.
Aterrado.


I. São Geraldo: (A)Terrado de Sentidos.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

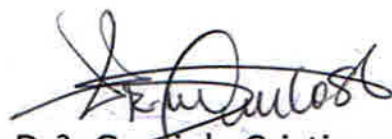
Certificamos que a dissertação intitulada "**SÃO GERALDO: (A)TERRADO DE SENTIDOS**" foi defendida, em 11 de março de 2015, por **ANDRÉ SILVA BARBOSA**, aluno regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, nível Mestrado, sob o Registro Acadêmico nº 11001206, e aprovada pela Banca Examinadora composta por:



Prof.ª. Dr.ª. Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Orientadora



Prof. Dr. José Horta Nunes
Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP
Examinador



Prof.ª. Dr.ª. Greiciely Cristina da Costa
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Examinadora

DOCUMENTO VÁLIDO SOMENTE SE NO ORIGINAL

Aos meus grandes mestres, Alexandre e Eni.

AGRADECIMENTOS

À minha namorada *Isabel*, pelo amor, pelo companheirismo, pelos ensinamentos, pela calma, pela confiança, pelo apoio nos momentos de fraqueza, por estar sempre ao meu lado, me escutando e me permitindo escutar.

Aos meus pais *Sinésio* e *Célia*, por sustentarem as bases, pela paciência em ter um filho ausente mesmo estando ao lado.

Ao meu amigo (irmão) *Matheus*, pelos ensinamentos, pelas reflexões, pelo auxílio e pela força nas horas difíceis.

Ao meu amigo (irmão) *Alexandre*, por ter me ensinado a dar os primeiros passos em uma caminhada árdua, pelos conselhos e pelo apoio.

Ao meu amigo (irmão) *Benedito Carlos*, pela confiança, pela força e pelo exemplo de vida.

Ao *Miguél*, que, mesmo nestes últimos anos em que ficou mais afastado, sempre esteve presente quando foi preciso.

A todos os colegas do curso, especialmente ao amigo *Allan*, pelas agradáveis conversas, pelos ensinamentos, por sempre escutar aquilo que eu precisava dizer, e por compartilhar as muitas risadas e reflexões comigo.

À *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais*, pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

A todos os funcionários da Univás, especialmente ao *Guilherme*, que muito nos auxiliou com o seu trabalho.

A todos os professores do curso, especialmente à *Eni*, à *Juliana*, à *Greci*, à *Onice*, à *Mirian*, à *Débora*, à *Ana Claudia*, ao *Ronaldo*, à *Andrea* e à *Joelma*, pelas aulas, que, na maioria das vezes, além do entendimento de um tema previsto, me possibilitaram refletir outras questões sobre a vida.

À professora *Onice*, também pela Leitura Orientada, pelas indicações, pelas sugestões e pelas compreensões que me permitiu realizar.

Ao professor *Lauro*, que de diversas maneiras me incentivou e me ajudou a iniciar o caminho que venho trilhando.

À professora *Greci*, ao professor *José Horta* e à professora *Paula*, por aceitarem participar da nossa pesquisa, pelas leituras aguçadas, pelas apreciações e pelas recomendações que contribuíram com o desenvolvimento do nosso trabalho.

E, finalmente, agradeço à *Eni*. Por tudo! Pela confiança, pelo respeito, pelo carinho, pela atenção, pelas tão dedicadas orientações, por ter estado sempre disponível em todos os momentos que precisei, pela liberdade que me deu para tomar decisões próprias, pelos preciosos conselhos... Enfim, por ser uma luz iluminando o meu caminho e me impedindo de tropeçar em algumas pedras da vida.

Muito obrigado. Serei eternamente grato a todos vocês!

RESUMO

BARBOSA, A. S. São Geraldo: (A)Terrado de Sentidos. 2015. 117 f. Dissertação (mestrado). Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2015.

Esta pesquisa é sobre o bairro São Geraldo da cidade de Pouso Alegre - MG, também conhecido como bairro Aterrado. A partir do campo teórico da Análise de Discurso, tal como é praticada no Brasil desde a sua fundação feita por Michel Pêcheux nos anos 60 na França, o nosso objetivo geral foi compreender o processo de significação deste bairro na cidade. Para isso, estabelecemos outros objetivos, que consistem em analisar o modo como ele é significado no discurso sobre o bairro e em seu próprio discurso. Os materiais que constituíram o corpus de nossa pesquisa são diversos. Fizemos recortes de algumas formulações sobre ele realizadas na internet, em páginas dedicadas especificamente a Pouso Alegre, como, por exemplo, a que há no site *Desciclopédia*, ou na rede social do *Facebook*, e também de matérias de jornais impressos que circularam em um âmbito local em diferentes épocas. Analisamos decretos publicados pela Câmara Municipal que são referentes ao estabelecimento de certas medidas administrativas que deveriam ser efetivadas pela Administração da cidade no início da formação do São Geraldo, e ainda um vídeo que diz sobre esse período, que é o resultado de uma pesquisa feita por um historiador. Com o cumprimento dos nossos objetivos iniciais, pudemos observar que as maneiras pelas quais o bairro é significado a partir do seu discurso e do discurso sobre ele, são muito diferentes. Após essa etapa, percebemos que os sentidos que significam a denominação São Geraldo e Aterrado também são distintos, e depois de analisar a constituição e o funcionamento desses nomes, notamos como eles acabam mesmo por produzir diferentes bairros. Tendo em vista estes nossos resultados, e a questão da localização (central) do São Geraldo em Pouso Alegre, que foi um dos fatores que despertaram o nosso interesse em fazer uma pesquisa sobre ele, dedicamos o nosso capítulo conclusivo à realização de uma discussão dos conceitos de *bairro* e de *localização* a partir dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso. Por fim, consideramos que, discursivamente, *bairro* pode ser definido enquanto o resultado de um *gesto de interpretação* de uma *territorialidade*, e trabalhamos a hipótese de que uma *localização* na cidade, ocorre simultaneamente em diferentes níveis do espaço urbano, que apreendemos através dos eixos horizontal e vertical, respectivamente referentes ao espaço horizontal da cidade e à sua dimensão simbólica.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Cidade. Bairro. São Geraldo. Aterrado.

ABSTRACT

BARBOSA, A. S. São Geraldo: (A)Terrado of Meaning. 2015. 117 p. Dissertation (master's degree). Postgraduate course at Science of Language, University of Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2015.

This research addresses the São Geraldo neighborhood in Pouso Alegre, Minas Gerais, also known as Aterrado neighborhood. Through the theoretical field of Discourse Analysis, such as it is practiced in Brazil through its foundation done by Michel Pêcheux in the 60's in France, our general aim was to understand the process of meanings of this neighborhood. To achieve it, we established other aims, which consist in analyze the way it is signified in the discourse about the neighborhood and in its own discourse. The materials which compose the *corpus* of our research are varied. We did some "clippings" of formulations about it found on internet, in pages specifically dedicated to Pouso Alegre, such as, for example, "*Desciclopédia*" page, or on *Facebook* social network, and also in articles of newspaper which were diffused in local area in different epochs. We analyzed decrees published by Municipal Council related to the establishment of certain procedures which should be done by the administration of the city in the beginning of the development of São Geraldo, and a video addressing this period, which is the result of a research done by a historian. After we reached our first aims, we could analyze the ways the neighborhood is signified through its own discourse and discourse about it are different. After this stage, we could perceive that the meanings that signify the denomination São Geraldo and "Aterrado" are also different and after analyzing the constitution and working of these names, we noticed how they end up producing other neighborhoods. Considering our results, the question of the (central) localization of São Geraldo in Pouso Alegre, which was one of the factors to do this research about it, we dedicated our conclusive chapter to achieve a discussion of the concepts of *neighborhood* and *localization* through Discourse Analysis theory. At last, we consider that, discursively, *neighborhood* can be defined as the result of a *gesture of interpretation* of a *territoriality* and we work on the hypothesis that a *localization* in a city occurs, simultaneously, in different levels of urban space, which we apprehend through horizontal and vertical axes, respectively referring to horizontal space of the city and its symbolical dimension.

Key-words: Discourse Analysis. City. Neighborhood. São Geraldo. Aterrado.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO: UM ESPAÇO, DOIS NOMES, MÚLTIPLOS SENTIDOS.....	07
2 – PONDO O PONTO DE VISTA PELA VISTA DE VÁRIOS PONTOS.....	17
2.1 – Cidades (in)visíveis.....	19
2.2 – Discurso (do) urbano.....	24
2.3 – Imaginário (do) urbano.....	27
3 – “VELHO ATERRADO”	30
3.1 – Historicidade.....	32
3.2 – Interdiscurso.....	34
4 – INCLUSO E IGUAL.....	41
5 – DISTANTE E DISTINTO.....	58
5.1 – Aterrado na Depressão.....	61
5.2 – Desciclopédia do Aterrado.....	70
6 – A(TERRA)DO SÃO GERALDO.....	81
7 – CONCLUSÕES: SOBRE O(S) BAIRRO(S) E O(S) POSICIONAMENTO(S) NO ESPAÇO URBANO.....	99
7.1 – Um bairro (não) é um bairro só (?).....	99
7.2 – Às margens no centro.....	104
8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	110
9 – ANEXOS.....	115
9.1 – Anexo - A - Matéria: Moradores do São Geraldo promovem “Semana do Bairro”.....	115
9.2 – Anexo - B - Matéria: S. Geraldo é o câncer de Pouso Alegre.....	117

1. Introdução: um espaço, dois nomes, múltiplos sentidos.

Considerando as condições iniciais apontadas resumidamente neste título, propomos a realização da presente pesquisa. O nosso objeto é um bairro da cidade de Pouso Alegre – MG que é denominado de duas formas principais: Aterrado e São Geraldo. A primeira consiste no modo como ele é popularmente conhecido, e a seguinte é a sua nomeação oficial. Filiados à Análise de Discurso praticada no Brasil a partir da sua fundação feita por Michel Pêcheux nos anos 60 na França, o que pretendemos é compreender o processo de significação deste bairro na cidade de Pouso Alegre. Com a apresentação do nosso tema surge também a necessidade de tecer diversas considerações, que dizem respeito tanto ao objeto que será estudado como à perspectiva que está definindo a maneira como olhamos para ele. O primeiro destes pontos está relacionado às condições nas quais o processo de significação sobre o São Geraldo acontece em Pouso Alegre. Já o segundo é de ordem teórica, demanda que façamos uma exposição e uma discussão de determinados pressupostos desenvolvidos em nosso campo disciplinar, que constituem as diretrizes deste estudo. Assim, fizemos a divisão do nosso texto de um modo em que nos três primeiros capítulos pudéssemos anunciar os nossos objetivos e situar essas bases sobre as quais a nossa pesquisa foi sendo construída, antes de chegarmos à apresentação das nossas análises nas partes quatro, cinco e seis, e na discussão dos seus resultados, feita no item de número sete.

Mas, ainda que, como acabamos de dizer, as nossas discussões teóricas sejam feitas principalmente nos capítulos posteriores, consideramos importante já traçarmos uma demarcação inicial sobre a relação entre “espaço” e “sentido”, que vem pressuposta mesmo no título desta dissertação. O “espaço” não será compreendido por nós da forma em que é em outras disciplinas, entre as definições pelas quais ele pode ser entendido na Análise de Discurso, começaremos por esta: o espaço enquanto “territorialidade” (ORLANDI, 2011a). Afinal, a “territorialidade”, pensada discursivamente, é um conceito que nos traz o “espaço” como um “espaço que significa”, logo, como “espaço de interpretação em que sujeitos se inscrevem” (IBIDEM, p.25).

Nesta etapa inicial, o nosso principal objetivo foi tratar do primeiro ponto que destacamos há pouco, isto é, buscamos realizar uma caracterização do São Geraldo mostrando as condições socioespaciais em que ele se encontra em Pouso Alegre. Além de situarmos o leitor quanto ao bairro e a cidade que foram trabalhados por nós, com esta mostra poderemos também elencar os fatores que inicialmente nos motivaram a realizar este estudo.

Podemos dizer que o nosso interesse começou a ser despertado com a observação de duas características do São Geraldo. Estas são habituais em diversas cidades da atualidade, mas quando postas na mesma relação fazem do bairro uma particularidade não tão recorrente e até mesmo única em Pouso Alegre. Por um lado, ele possui condições ambientais, estruturais, sanitárias e sociais precárias (FARIA, 2008), que são mais comuns às periferias urbanas. Por outro, a sua localização é na região central de cidade. Área esta que se distingue de outras regiões, devido, por exemplo, a sua “importância simbólica”, na medida em que usualmente concentra grande parte do patrimônio artístico e histórico (GADENS, 2007), e que geralmente despertam interesses comerciais e habitacionais, por apresentar benefícios como a praticidade para a locomoção da população (D’ANDREA, 2008).

Para dizer sobre o modo pelo qual o São Geraldo adquiriu essas suas condições, e tornou-se uma especificidade em Pouso Alegre, destacaremos alguns aspectos sobre a sua formação e a da cidade, bem como algumas mudanças pelas quais ambos passaram.

De acordo com a história do município, narrada por memorialistas, e disponível no Museu Municipal Tuany Toledo, as ocasiões que propiciaram a formação de Pouso Alegre remontam ao período do Brasil Colônia, precisamente ao ciclo do ouro no país. Gouvêa nos indica que o povoado, que, de acordo com ele, primeiramente recebeu o nome de “Pouso do Mandu” (2004, p. 14), começou a se formar em meados do século XVIII, com o movimento dos mineradores no Sul de Minas, após a descoberta do ouro na atual cidade de Silvianópolis (chamada na época de Santana do Sapucaí) e de Ouro Fino. Segundo ele, esse achado “aumentou ainda mais a afluência de paulistas que se dirigiam à região sul-mineira, passando pelo caminho natural onde hoje se situam as cidades de Extrema, Camanducaia, Cambuí, Estiva e Pouso Alegre” (IBIDEM, p.14). O autor sublinha que muitos paulistas se estabeleciam nesses caminhos que ligavam Santana do Sapucaí e Ouro Fino, e passavam a desenvolver atividades como a agricultura e a pecuária.

Outro fator, de interesse para o momento, diz respeito ao local que, no nível da cidade, foi primeiramente povoado: as margens do rio Mandu. Elas teriam sido escolhidas por oferecerem, assim como o próprio rio, boas condições naturais para a manutenção das necessidades dos viajantes, e por isso foi o lugar em que se edificou um rancho que ajudava os viajantes a satisfazerem as suas necessidades básicas (IBIDEM). Mas para Gouvêa, o que de fato reforçou a permanência dos viajantes neste local foi a criação, em 1755, de um órgão do governo, que era “um posto fiscal ou Registro, destinado a evitar o desvio clandestino de ouro das minas de Santana do Sapucaí e Ouro Fino, para São Paulo e Santos, visando com isso cobrar o quinto devido à coroa portuguesa” (IBIDEM p.14).

Para escrevermos sobre a formação do bairro São Geraldo, retomamos o nome pelo qual ele foi inicialmente chamado: Aterrado. Ele também foi se arquitetando, com poucas habitações próximas ao rio Mandu, porém nas várzeas do mesmo, ou seja, em locais alagáveis. Essa várzea “situada em frente da cidade, tornava-se anualmente um reservatório natural das águas da enchente”, e a “baixada do Aterrado se transformava, então, num verdadeiro lago, submergindo casas e plantações, provocando o êxodo de seus moradores, que eram na época em número reduzido” (IBIDEM, p. 107). Com a finalidade de amenizar as graves consequências causadas pelas enchentes, foram sendo concebidos diversos aterros. Segundo as informações obtidas no Museu Municipal de Pouso Alegre, o primeiro deles ocorreu no ano de 1839, com a meta de facilitar a passagem dos comerciantes pela região. Faria (2008) cita que os aterramentos se intensificaram após a elevação da Vila de Pouso Alegre à categoria de cidade em 1848. Ele diz que após esse ano “foram realizados muitos aterros para conter as cheias do rio Mandu e facilitar o deslocamento das pessoas para as áreas à direita desse mesmo rio”, e que “nessas áreas aterradas foram sendo construídas casas e se formando um bairro chamado Aterrado” (IBIDEM, p. 76).

Nota-se que o bairro foi se configurando em uma região ao lado direito do Mandu, oposta aos locais onde o centro, desde o princípio, se constituiu, área esta que precisamente correspondia à margem esquerda do rio, na qual, por exemplo, foi construído o rancho que deu origem ao povoado e também à primeira capela (QUEIROZ, 1948). Enfim, o fator que aqui pretendemos destacar é que, em seus primórdios, de acordo com sua localização, o São Geraldo, de certa forma, era uma periferia da cidade de Pouso Alegre.

Ao observarmos os dados sobre o município em questão, vemos que no decorrer do século passado ele apresentou um considerável crescimento. Isso é percebido ainda em relação ao aumento populacional na cidade, ocorrido entre os anos de 1970 e de 2010, que de acordo com os dados do IBGE (2010) mostrados na tabela 1, foi superior ao de outros municípios que estão dentre os mais populosos do sul de Minas (Poços de Caldas e Varginha).

Município	1970	1991	2010	2010/1970
Poços de Caldas	58.476	109.788	152.496	161%
Pouso Alegre	34.485	81.792	130.586	279%
Varginha	44.002	87.976	123.120	180%
Passos	55.780	84.294	106.313	91%
Lavras	45.232	65.670	92.171	104%
Itajubá	52.290	74.866	90.679	73%

Tabela 1 – Crescimento populacional em municípios do Sul de Minas, no período entre 1970 e 2010.

Fonte: Censos Demográficos do IBGE.

Neste mesmo período, instalaram-se em Pouso Alegre diversas indústrias de grande, médio e pequeno porte, e também se elevaram, conseqüentemente, as atividades comerciais, de prestação de serviços e as habitações. Com essa situação, foram sendo construídos novos bairros, e isso repercutiu em significativas modificações na cidade. Nela, podemos observar as características do processo de urbanização ocorrido no século XX, conforme apontadas por Cleps (2004). De acordo com a autora (IBIDEM, p.130, 131), esse processo foi marcado “principalmente por uma nova reestruturação espacial, cuja origem do processo encontra-se na multiplicação e diversificação das áreas de concentração das atividades de comércio e de serviços”.

Em Pouso Alegre, alguns bairros que inicialmente eram periféricos, e que também tinham um caráter marginal no imaginário local, tornaram-se centrais devido ao crescimento de outros em seu entorno. Com essa mudança, os mesmos deixaram de estar à margem no imaginário na cidade. Ao se tornarem áreas estruturalmente desenvolvidas e economicamente valorizadas passaram a despertar o interesse de diversos grupos em Pouso Alegre, tanto de se estabelecerem nesses locais comércios como residências. Podemos exemplificar essa situação elencando o caso do antigo Morro das Cruzes. Quando este era uma periferia na cidade, ele abrigava “o cemitério velho, abandonado, com parte dos muros em ruínas e os túmulos enegrecidos escondidos entre o matagal” (GOUVÊA, 2004, p.57). E nesta época, ainda de acordo com o autor, nestas condições, o Morro das Cruzes era formado também por “casebres, moradias de gente pobre, de ex-escravos e desordeiros”. Ainda com Gouvêa, podemos perceber alguns sentidos pelos quais o bairro daquele tempo era significado pela população. Ele cita que, “no passado, o bairro guardava um ar místico, com suas três cruzes de madeira, pintadas de preto, que se destacavam na parte mais alta do morro” (IBIDEM, p.57). Na próxima imagem destacamos o local onde antes se localizava o Morro das Cruzes¹. Nela observamos que essa área, que atualmente dispõe de um considerável número de comércios, residências nobres, etc., nos dias de hoje é uma região central na cidade.

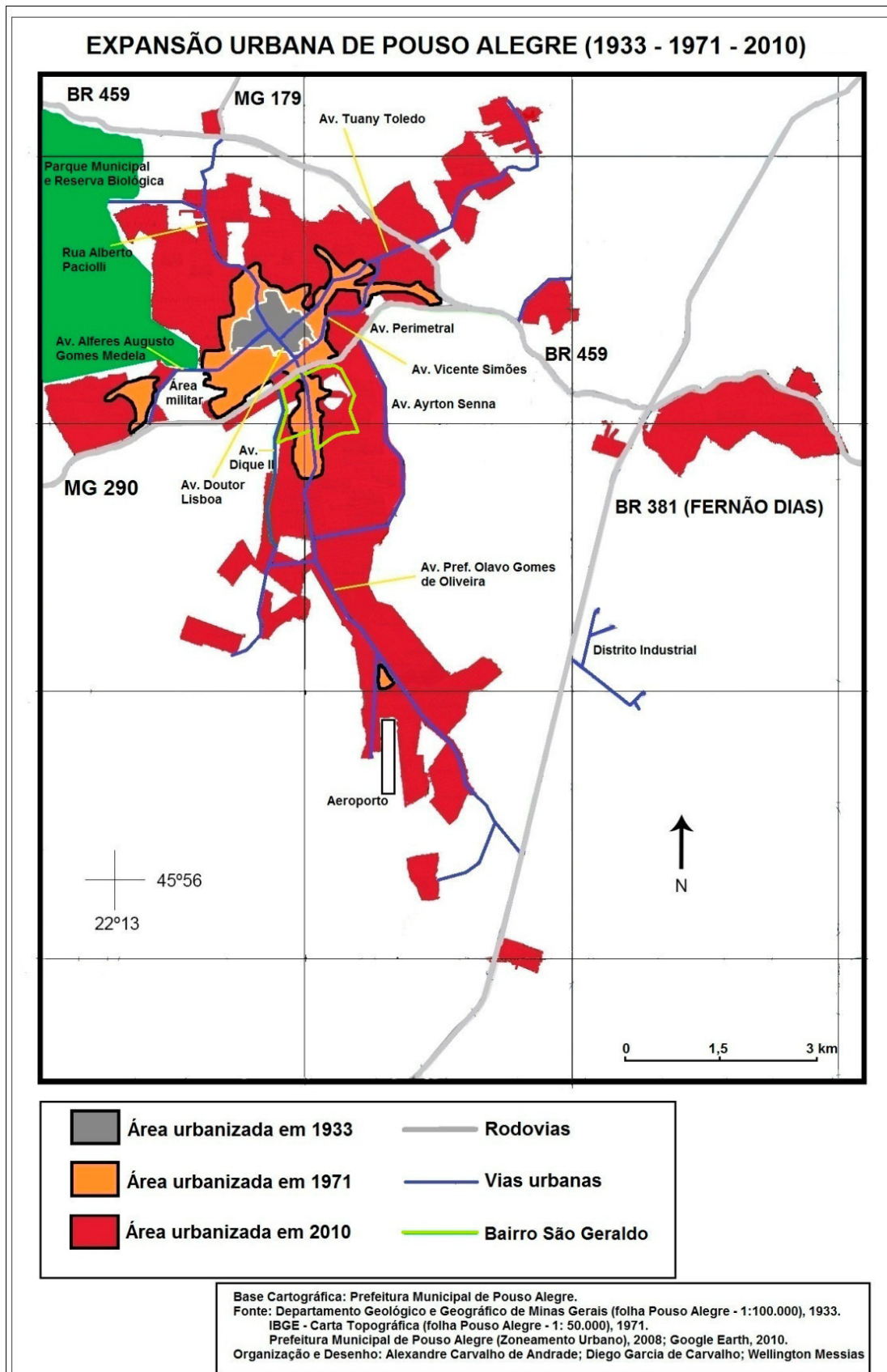
¹ Em nenhuma fonte disponível foi encontrada a delimitação do “Morro das Cruzes”, o que dificultou espacializá-lo com maior precisão. Assim, a área do antigo cemitério, no alto de uma colina ao norte da região central, foi a referência para demonstrar a localização do bairro.



Imagem 1² – Recorte da carta topográfica do município de Pouso Alegre.

Assim como o Morro das Cruzes, o São Geraldo também passou por um processo de centralização em Pouso Alegre. A sua localização, que em sua formação o caracterizava como uma periferia passou a fazer dele uma área central da cidade. Dada a ampliação de Pouso Alegre no último século, diversos bairros novos foram surgindo no município, e a região sul, que, em seu início, seguindo a direção centro-sul, é onde está situado o São Geraldo, foi uma das que se destacaram no aumento de novos loteamentos. Vejamos o mapa da expansão urbana da cidade, nele ressaltamos o local em que está localizado o bairro São Geraldo.

² Fonte: Departamento Geológico e Geográfico de Minas Gerais: Folha Pouso Alegre 1:1.000.000, 1933. Adaptada e modificada pelos autores.



Mapa 1³ – Expansão urbana de Pouso Alegre (1933 – 1971 – 2010).

³ Fonte: ANDRADE, 2014. Modificado pelos autores.

Diferentemente de outros bairros, o São Geraldo não apresentou melhorias infra-estruturais significativas no ritmo em que a cidade cresceu. A parte do bairro que mais recebeu investimentos públicos, e que, conseqüentemente, atraiu investimentos foi a Avenida Vereador Antônio da Costa Rios, que é a principal via do bairro. Essa avenida apresenta um enorme contraste com o interior do São Geraldo, que possui vários problemas, principalmente em relação às suas construções clandestinas, à pavimentação, ao acúmulo de lixos, aos esgotos a céu aberto, transtornos que ainda são anualmente agravados na época das chuvas, por causa das enchentes que até os dias atuais atingem o bairro. Nas fotos a seguir gostaríamos de chamar a atenção do nosso leitor para a disparidade entre as partes interioranas do São Geraldo (imagens 3 e 4) e a avenida que o atravessa (imagem 2), que é a principal e a mais antiga via de ligação entre o centro da cidade, a zona sul e a rodovia Fernão Dias.



Imagem 2⁴ – Avenida Vereador Antônio da Costa Rios. Foto tirada em 2012.

⁴ Fonte: Arquivo pessoal.



Imagem 3⁵ – Rua sem calçamento no São Geraldo. Foto tirada em 2012.



Imagem 4⁶ – Esgoto a céu aberto no Bairro São Geraldo. Foto tirada em 2013.

⁵ Fonte: Arquivo pessoal.

⁶ Fonte: ANDRADE, 2014.

A partir destas condições do São Geraldo em Pouso Alegre que até agora apresentamos, destacaremos as considerações de que o bairro começou a se desenvolver em uma área periférica da cidade, que posteriormente essa passou a ser uma região central, e que ele, porém, não recebeu o mesmo tratamento que outros bairros tiveram por parte do Estado. Tendo em vista a história da formação do São Geraldo, podemos afirmar até mesmo que ele foi/é constituído pela “falta do Estado” (ORLANDI, 2012a). As ações realizadas pelo Estado no bairro ocorreram principalmente nos aspectos condizentes com a demanda do município em geral, como, por exemplo, na Avenida Vereador Antonio da Costa Rios, mas para grande parte das necessidades básicas dos moradores do bairro, como o tratamento de esgoto, a água encanada, a coleta de lixo, a limpeza das ruas, o calçamento, ele não esteve presente.

Observando os modos pelos quais o São Geraldo vem sendo significado na cidade durante o seu processo histórico compreendemos que há uma forte demanda de uma parte da população pousoalegrense e principalmente dos próprios habitantes do bairro de que certos sentidos “silenciados” (IDEM, 2007) do bairro possam vir a significar. Leiamos parte de uma produção textual realizada em forma de poesia por um ex-morador do São Geraldo e aluno do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Pouso Alegre:

*O povo do aterrado, um povo muito legal
Só que tem gente que fala: mais que povo animal⁷.*

Este pequeno texto é atravessado pelo menos por duas formações discursivas. Não aprofundaremos com a sua análise, neste momento o que pretendemos é ressaltar que o sujeito em questão procura resistir aos sentidos que vem “de fora”, da *gente* sobre o *povo*, fazendo significar outros sentidos para o *povo do aterrado*.

Payer (2006) nos fala da importância da “formulação discursiva das memórias apagadas”, não como “resgate” de uma memória já significada, mas como uma possibilidade de fazer vir a significar os sentidos silenciados. Ela cita ainda que “formular, nessa perspectiva, significa dar estatuto de discurso (de real) aos sentidos, que, apagados, não foram ou não são contemplados como possíveis no conjunto do dizível” (IBIDEM, p.53). Por essa perspectiva, colocamos nossa pesquisa também como uma formulação das “memórias apagadas” (IBIDEM) do São Geraldo, dos seus “sentidos silenciados” (ORLANDI, 2007), e seguimos com o intuito de que ela possa contribuir, por exemplo, para que os sentidos, (d) *povo muito legal*, não seja(m) aterrado(s) por aquela *gente animal*. E no jogo com as palavras,

⁷ Essa poesia foi obtida durante uma aula de História na Escola Municipal Professora Clarice Toledo no ano de 2012. Na aula em questão foi proposta aos alunos a escrita de um texto que tivesse como tema principal a cidade de Pouso Alegre.

esperamos que “o irrealizado advenha formando sentido do interior do não-sentido” (PÊCHEUX, 1990a, p.17).

2. Pondo o ponto de vista pela vista de vários pontos.

Ao nos colocarmos na posição de interrogar uma cidade específica, são de diversas procedências as menções que podemos obter como respostas às nossas perguntas. De uma forma ampla, geralmente nos são mencionados aspectos que a caracterizam de um modo relativamente peculiar, e que funciona como atrativos para turistas, comerciantes, consumidores, enfim. São oferecidas categorizações que exercem a função de propagandas, que em última instância geram um dinamismo na economia local. “Cidade das Malhas”, “Cidade dos Pijamas”, “Cidade do ET”, “Cidade dos Ventos”. Esses são alguns títulos de certas cidades da região Sul de Minas Gerais, que, na ordem anunciada, correspondem à Jacutinga, Borda da Mata, Varginha e Paraisópolis. São inúmeras referências para as numerosas cidades. Borda da Mata, por exemplo, além de ser conhecida como a Cidade dos Pijamas, também é chamada popularmente de “A Cidade do Coisa Ruim”. No caso de Pouso Alegre, Ferreira (2014) nos diz sobre a tentativa que houve na cidade para significá-la pela gastronomia, classificando-a precisamente como a “Cidade do Pastel de Milho”.

Adentrando no contexto de uma cidade, alcançamos considerações sobre a mesma também em diversificados níveis. Entre outros, elas podem ser oferecidas a partir da geografia local, da distribuição socioespacial da população, ou mesmo das ações realizadas em determinados espaços da cidade. Poderíamos supor discursos como “a cidade tem aquela planície, aquelas montanhas, aquele rio”, ou, no segundo caso, seria possível escutar: “há os bairros de operários, o bairro da elite, a região em que moram os comerciantes”. Além destas hipóteses conseguimos exemplificar nossa terceira formulação através das observações de Baldini (2011), a respeito de algumas regiões de Pouso Alegre e das atividades nelas realizadas. O autor (IBIDEM, p.63) nota que para se chegar “ao centro (e à prefeitura e à igreja)” da cidade, “em cada uma das possíveis entradas, a depender de onde vem o viajante, é-se recebido ou pelas fachadas luminosas das boates ou pelas garotas de programas (mulheres e travestis)”. Aqui, percebemos outra possível descrição da cidade, desta vez com relação às práticas desempenhadas em certos locais do município. Neste momento, podemos supor o pronunciamento das seguintes falas de senso-comum: “Essa é a cidade de Pouso Alegre. Lá é aonde se governa, e se reza. Acolá é aonde ocorre aquilo que os que rezam chamam de pecado”.

Como sabemos, as cidades podem ser descritas, apresentadas, por meio de incalculáveis aspectos. Com as narrativas de Marco Polo a Kublai Khan, é isso que, em suma,

Calvino (2003) demonstra. Fazendo-nos compreender ainda, que no discurso, as cidades são (in)visíveis. Sabemos que a transição entre os possíveis planos em que a cidade poderia ser definida, é suscetível de ser realizada exaustivamente, chegando até mesmo ao extremo de um nível micro-físico ou micro-biológico. Nestas ocasiões, percorrendo uma linha iniciada no espaço concreto da cidade, talvez chegássemos até as propriedades que formam o cimento, o asfalto, etc. seguindo pelo empirismo. Ou, pelo outro lado, o do organicismo, partindo com a descrição dos grupos de pessoas de uma cidade, eventualmente acabaríamos comentando sobre as partículas do corpo humano.

Na introdução deste capítulo, passaremos somente a mais uma citação dos caminhos entre tantos que acreditamos que a cidade pode ser caracterizada: o dos bairros. Ao procurarmos saber sobre certa cidade, a descrição dos bairros que a mesma contém é uma das vias bastante provável de ser seguida por quem nos fala. Possivelmente teríamos como resposta uma listagem dos bairros da referida cidade, e algumas considerações sobre eles. Aqui chegamos a uma questão fundamental para nossa pesquisa: o bairro. E anunciamos algumas mudanças do lugar em que começamos. Com isso, não estamos indicando que faremos uma delimitação entre os planos da cidade, quer dizer, não é que partiremos de um bairro específico, supondo-o como um extremo do nível macro e seguindo em direção a um hipotético micro que ele contém, excluindo o que não está dentro dos seus supostos limites. O deslocamento de que falamos, é também menos em relação à vastidão de descrições possíveis sobre a cidade, do que sobre nossa pergunta inicial. Isto é, ao invés de indagarmos a respeito de uma cidade, no caso Pouso Alegre, interrogamos, especificamente sobre um de seus bairros, o São Geraldo. E com indagações sobre ele, não desconsideremos o fato de que o mesmo pode ser apreendido por diversas vias. Porém, tendo em vista os princípios teóricos aos quais nos filiamos, desenvolvidos a partir da análise de discurso, ressaltamos também a impossibilidade de apreendê-lo em sua totalidade.

Com as apresentações feitas até aqui, já podemos anunciar que os nossos objetivos derivam das seguintes questões gerais: quais os sentidos do bairro São Geraldo? Como este bairro (se) significa? Que “gestos de interpretação” (ORLANDI, 2012b) pousam sobre ele? Ao mesmo passo em que fazemos tais formulações, marcamos ainda outra particularidade ligada ao nosso dispositivo teórico. Nas primeiras linhas desta seção, quando falamos sobre a procura por um saber sobre a cidade, considerando os modos pelos quais supomos nossas respostas, as perguntas bem poderiam ter sido: “qual é aquela cidade”; “como é aquela cidade?”. Nesta perspectiva pressupomos a ocorrência dessas questões a partir de outras disciplinas, ou mesmo em um contexto popular. Mas, ao perguntarmos da forma como o

fazemos, sobre os sentidos de um espaço urbano, abrimos uma via para começarmos a expor que, pelo ponto de vista discursivo, a cidade não é “olhada” exclusivamente por meio de uma das suas particularidades, como as atividades econômicas, as características geográficas, os números populacionais ou as classes sociais, e sim pela linguagem. Ou melhor, pelo “discurso”.

2.1. Cidades (in)visíveis.

Sendo o discurso o nosso objeto, não significa que os aspectos da cidade mencionados anteriormente não importam para nossa pesquisa. Eles são sim de grande relevância, na medida em que implicam no processo de constituição dos sentidos pela linguagem. Vejamos. Ao produzir “um novo objeto em sua relação com a língua”, o discurso, Pêcheux inaugura “no domínio do conhecimento linguístico, um novo campo de questões” (ORLANDI, 2002, p.27), e faz do “sujeito” e da “situação”, os elementos fundamentais das “condições de produção” de um discurso (IDEM, 2010a). Pelo conceito de condições de produção, já se avista que os elementos da cidade são imprescindíveis para nós. Porém, essa não é uma relação tão simples, e não se resume somente nesse ponto, como iremos expor adiante, para nós o discurso é a materialidade na qual observamos a relação da linguagem com a ideologia. Mas, restam ainda muitas outras considerações a serem feitas para uma melhor compreensão dos nossos objetivos e do modo como procedemos com o nosso objeto de análise.

Perguntando sobre os sentidos acerca de um bairro da cidade de Pouso Alegre, e demonstrando alguns itens da teoria discursiva, até então, fica exposto que a forma pela qual buscamos alcançar os sentidos é a “linguagem”. Mas, nessa circunstância, não procuramos relacionar diversos materiais de procedência linguística, para, a partir de diferentes versões, construirmos uma descrição historiográfica de um determinado acontecimento. Pela Análise de Discurso, a história não é tratada do mesmo modo que a entende a disciplina histórica. Ela é compreendida através da “historicidade”, termo este que, de acordo com Nunes (2005. p.1), inclusive “funciona de modo a caracterizar a posição do analista de discurso em relação à do historiador”, sendo que “o deslocamento história/historicidade marca uma diferença entre as concepções de história, de um lado como conteúdo, e de outro como efeito de sentido”. Dessa maneira, o sentido não é visto como conteúdo, como se pudéssemos alcançá-lo através dos

materiais que dispomos, pela suposição de que ambos são transparentes. Mas como acabamos de destacar, ele é efeito, e assim é apreendido em sua “materialidade discursiva” (ORLANDI, 1996).

Com esse último conceito, seguimos para o entendimento de que nem a língua e nem a história são transparentes, e de que elas não possuem entre si uma correspondência exata, mas sim de que há uma mediação entre elas. A noção de “materialidade”, segundo Orlandi (IBIDEM, p.28), é “definida na ordem do discurso como forma material”, como “relação da ordem simbólica com o mundo”. Dessa maneira, a forma material nos mostra também a relação entre a língua e a história, e nos aponta para o fato de que nela há a ideologia. Acompanhando a autora (IDEM, 2002, p.23), vemos que “pela forma material, podemos trabalhar a inscrição do histórico na língua, o investimento do sentido na sintaxe”, e que para isso, é preciso seguir “o princípio segundo o qual a materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua”. Assim, temos em vista que “há um real da língua e um real da história”, mas que eles não são equivalentes, e que “a tarefa do analista de discurso”, é justamente “compreender a relação entre essas duas ordens de real” (IDEM, 1996, p.28). Em, outras palavras, a ligação entre eles, não é transparente, é opaca, sendo que ocorre na ideologia. Portanto, pelo viés do discurso, a linguagem não é tratada por uma perspectiva idealista, devido ao modo como a “ideologia” é concebida. Não deixamos de considerar que existem diversas ordens do real, e que a relação que ocorre entre eles, através da linguagem, só é possibilitada pela ideologia.

Cabe a nós dizermos que a “ideologia”, aqui, não recebe uma abordagem similar a que lhe oferece outras disciplinas, como a Sociologia, a História e algumas correntes filosóficas. Do campo da Filosofia, Chauí, por exemplo, em sua obra “O que é Ideologia” (2008, p.7), de início, cita que muitos “tomam a palavra ideologia para com ela significar um ‘conjunto sistemático e encadeado de ideias’”, e que essa definição é pressuposta por meio de “expressões do tipo ‘partido político ideológico’, é preciso ter uma ‘ideologia’, ‘falsidade ideológica’”. Para a autora, nota-se que há uma distinção entre “ideologia” e “conjunto de ideias”, e que os que assimilam esses termos como idênticos, no fim “confundem ideologia com ideário”. Na concepção de Chauí, a ideologia é uma ocultação da realidade, como uma espécie de técnica para a dominação de uma classe por outra. Segundo ela (IBIDEM, p.24) em “sociedades divididas em classes (e também em castas), nas quais uma das classes explora e domina as outras, essas explicações ou essas idéias e representações”, ou seja, esses dizeres que mascaram, essas “ideologias”, “serão produzidas e difundidas pela classe dominante para legitimar e assegurar seu poder econômico, social e político.”. Para a autora, é nesse âmbito, o

da luta de classes, onde se encontra a razão da existência da ideologia e a finalidade de “esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política”. Eis o que é ideologia segundo Chauí (IBIDEM, p.24): “Esse ocultamento da realidade social”.

Como dissemos, a concepção apresentada acima é contraposta pela análise de discurso. De acordo com Orlandi (2009, p.96), “se pensarmos a ideologia a partir da linguagem, e não sociologicamente, podemos compreendê-la de maneira diferente”, não “como visão de mundo, nem como ocultamento da realidade, mas como mecanismo estruturante do processo de significação”. Assim, chegamos por outra via ao entendimento do modo como a ideologia faz a mediação entre o real da língua e o da história. Pois, aqui, ela aparece “como ‘transposição’ de certas formas materiais em outras, isto é, como ‘simulação’ (e não ocultação, pois não há nenhum conteúdo escondido)” (IDEM, 2008a, p.272). É dessa maneira que, como prossegue Orlandi (IBIDEM, p.272), em Análise de Discurso “a ideologia não é ‘x’, mas o mecanismo de produzir ‘x’”. Não sendo equivalentes as ordens da língua e a da história, a realidade existe para o sujeito na/pela ideologia, e, ao invés de ocultação, o que essa faz realmente é uma “produção de evidências” (IDEM, 2008b, p.105). Neste processo, para o sujeito, tanto a linguagem como ele próprio, aparecem como transparentes, e o sentido surge como evidência, como sendo o único possível, pois é “pela a fixação de um conteúdo, pela impressão do sentido literal, pelo apagamento da materialidade da linguagem e da história, pela estruturação ideológica da subjetividade” (IBIDEM, p.22), que a ideologia se define.

É importante destacar ainda, que a interpelação ideológica, ocorre necessariamente a todos, que não é algo exclusivo para alguns sujeitos, enfim, que “a ideologia não é um defeito dos que não tem consciência” (ORLANDI, 2012b, p.97). O próprio termo “sujeito” já nos indica essa determinação, e nos mostra que a interpelação ideológica não é opcional, mas sim constitutiva. Como diz Althusser (1970, p.98,99), “toda a ideologia interpela os indivíduos concretos como sujeitos concretos, pelo funcionamento da categoria de sujeito”. Ou seja, a interpelação ideológica acontece “de tal forma que ‘recruta’ sujeitos entre os indivíduos”, porém, “recruta-os a todos” (IBIDEM, p.99). Pêcheux nos fala que esse conceito de “interpelação”, é como um “pequeno teatro teórico”, que foi “concebido como uma crítica ilustrada do teatro da consciência” (PÊCHEUX, 2009, p.140, 141), e que designa “pela discrepância da formulação ‘indivíduo’/‘sujeito’, o paradoxo pelo qual o *sujeito é chamado à existência*” (Grifos do autor). Ele discorre que através desses dois termos (indivíduo/sujeito), o que a tese de Althusser indica é que a figura da interpelação tem “um *efeito retroativo*”, que

evita “a pressuposição da existência do sujeito sobre o qual se efetuará a operação da interpelação”. Dessa maneira, Pêcheux mostra que não existem sujeitos antes da interpelação ideológica, e que a compreensão que a tese de Althusser permite é a de que todo indivíduo é “sempre-já-sujeito” (IBIDEM, p.141). Sobre este ponto, trazemos ainda a formulação de Orlandi (2008b, p.100), que menciona que a “subjativação é uma questão de qualidade, de natureza: não se é mais ou menos sujeito, não se é pouco ou muito subjetivado. Não se quantifica o assujeitamento”.

Com a autora temos um detalhamento a respeito do assujeitamento, e ainda do modo como ele pressupõe a questão da “interpretação”. De acordo com ela (2007, p.29, 30), “O homem está ‘condenado’ a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à ‘interpretação’: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja)”, e é desse modo que o sujeito é “irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico”. Assim, notamos que primeiramente o sujeito é assujeitado ao simbólico, pela necessidade de dar sentido, pela “injunção à interpretação”. E que, para que isso aconteça, ele estará sujeito à língua e à história, para que possa atribuir sentido, e para se significar. Pois, “não se pode dizer senão afetado pelo simbólico, pelo sistema significante”, e logo “se é sujeito pelo assujeitamento à língua, na história”, sendo que “não há nem sentido nem sujeito se não houver assujeitamento à língua” (IDEM, 2008b, p.100). É por esta via que percebemos o princípio de que não há sujeito e nem sentido sem interpretação (IDEM, 2012b). E que devido à interpelação ideológica, mesmo que a interpretação seja “sempre regida por condições de produção específicas”, estas aparecerão “como universais e eternas” (IBIDEM, p.31) para o sujeito. Devido ao modo de funcionamento da ideologia, que assim como o inconsciente, como observa Pêcheux (2009, p.139), que dissimula “sua própria existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de *evidências ‘subjetivas’*” (Grifo do autor), a linguagem adquire um aspecto de transparência, o sujeito e o sentido de evidência.

Com essas explanações delimitamos um pouco mais o modo como buscamos compreender os sentidos de um bairro nos diferentes discursos dele/sobre ele. Ao utilizar tais materiais, mantemos em consideração a forma como o “discurso” é definido, e a maneira como ele permanece na relação da “língua” com a “ideologia”, sendo a materialidade da ideologia, e tendo como sua materialidade específica a língua. Logo, não deixamos de lado o fato de que a linguagem está sempre funcionando por gestos de interpretação, caracterizados “pela inscrição do sujeito (e de seu dizer) em uma posição ideológica” (ORLANDI, 2012b, p.100), e que assim, os sentidos sempre podem ser outros, na medida em que se inscrevem em diferentes posições ideológicas. Portanto, tomando o discurso como “efeito de sentidos”,

entendemos que é em vão procurarmos pelo que um sujeito quis ou não dizer, ou mesmo verificarmos se o que ele diz corresponde à realidade factual. Assim, dialogando com algumas das nossas formulações primeiras, agora conseguimos mostrar melhor que na busca do conhecimento sobre um bairro da cidade, considerando o “real”, e não somente a “realidade”, não visamos atingir “a verdade” a respeito dos fatos, afinal, para a Análise de Discurso, “o mundo existe, mas no discurso ele é apreendido, trabalho pela linguagem”, isto é, que sendo “do mundo *para* (e não do mundo em si)” (grifos da autora, IBIDEM, p.28) de que se trata, não há uma exatidão a ser encontrada, independentemente do que um sujeito pretendeu ou não significar.

Consideramos que este momento é conveniente para retomarmos nossa interpretação das “Cidades Invisíveis” de Ítalo Calvino, quando, parafraseando o título desta obra dissemos: as cidades são (in)visíveis no discurso. Na referida história fictícia, acompanhamos as narrativas de Marco Polo a Kublai Khan, este, que por sua vez vivia o dilema de possuir vastos territórios, com diversas cidades sob seu domínio, e, no entanto, não poder conhecê-las pessoalmente, e as descrições do viajante são encontradas como uma maneira de amenizar tal situação (cf. CALVINO, 2003). Com a nossa formulação, em um diálogo com Calvino, o intuito foi justamente o de dizer que, no discurso, a cidade possui uma existência peculiar. Se por um lado elas são invisíveis, tanto para o imperador que nunca as conheceu, ou mesmo para Polo, devido à hipótese de que talvez aquelas cidades realmente nunca tenham existido, assim como Khan sugere dizendo: “As suas cidades não existem. Talvez nunca tenham existido. Certamente não existirão nunca mais.” (IBIDEM, p.26), por outro elas são visíveis. Isso quando adquirem existência na materialidade do discurso de quem diz sobre elas.

Dessa maneira, pela formulação “cidades (in)visíveis”, de um certo modo podemos representar a perspectiva pela qual compreendemos a cidade enquanto objeto de análise. Reconhecendo que, assim como já mencionamos, são diferentes as ordens da língua e da história, que estas são distintas em suas modalidades de “real”, e que pela linguagem, o que temos acesso é a uma transposição entre uma ordem e outra, ressaltamos que nunca poderemos apreender a cidade em sua abrangência, ou “a cidade em si”, mas somente compreender os sentidos que significam a partir dos seus discursos. A cidade não fala, mas significa. Porém, esses sentidos também não são transparentes, eles possuem uma forma material, são historicamente produzidos, são realizados em determinadas condições de produção, e, portanto, não são indiferentes à cidade. São por essas vias de entendimento que por uma determinada concepção, para nós a cidade é invisível: quando a olhamos só conseguimos espia-la pela fresta dos nossos olhos, e sempre restará algo que irá nos escapar

(para os muitos aspectos que Marco Polo descreve sobre uma cidade, quantos outros permanecem invisíveis ao/pelo seu olhar?). Mas por outra, a cidade é visível: a imagem é produzida no olhar, e este, mesmo contraído e direcionado pela fissura, avista o real da cidade que se significa, e assim, conseqüentemente apreende algo desse real, transpô-no para a forma material da imagem. Conflito de olhares: cidades (in)visíveis.

2.2. Discurso (do) urbano.

Ainda refletindo sobre a maneira pela qual a cidade aqui está sendo tratada, realizaremos outras abordagens. E para chegarmos a uma exposição mais precisa dos nossos objetivos, antes retornaremos à questão da “ordem da língua”, mas trazendo agora também a da sua “organização”. De acordo com Orlandi (2012b), a ordem do discurso é o objeto do analista, pois ela é o ponto de encontro entre a ordem da língua e da história. A primeira é definida “enquanto sistema significante material”, e a seguinte “enquanto materialidade simbólica” (IBIDEM, p.45). Seguindo a autora, observamos que é necessário ter em vista a distinção entre “ordem e organização”, sendo que “essa diferença, basicamente, separa uma tomada logicista ou sociologista da linguagem (ou, em outros termos, empiricista ou idealista) de uma perspectiva discursiva”. Notamos o modo como esses caminhos divergem ao entendermos que “a ordem para nós não é o ordenamento imposto, nem a organização enquanto tal, mas a forma material”, e que o fundamental não é a organização da língua, “pensada na linguística sob o modo da oposição ou da regra”, mas sim “a sua ordem: ordem simbólica, ordem do discurso (IBIDEM, p.45,46). É por essa perspectiva que, ao buscar analisar o processo de produção de sentidos, o analista não estabelece a divisão entre a língua e a história, e, portanto, não considera a língua somente em seu aspecto formal, com suas regras, e a história como um conteúdo que é transmitido pela linguagem. Como já enunciamos não se trata de uma simples transmissão, mas sim da “transposição” entre essas diferentes ordens realizada na ordem do discurso, ou seja, na materialidade da ideologia.

É necessário fazermos também algumas observações a respeito da incompletude, da falha e do equívoco. Destacamos que a incompletude é “a condição da linguagem” (IDEM, 2009, p. 52), que a falha é da ordem da língua, ou melhor, que “a língua é capaz de falha”, e que, enquanto isso, o equívoco “já é fato de discurso”, ou seja, é produzido pela “inscrição da língua (capaz de falha) na história” (IDEM, 2008b, p.102, 103). Com essas definições,

visualizamos a possibilidade do movimento dos sentidos e dos sujeitos na ordem simbólica. Esses pontos dizem respeito à abertura do simbólico, e ao modo como aí não há estabilidade, pois ainda que “o sentido e o sujeito poderiam ser os mesmos”, eles, “no entanto, escorregam, derivam para outros sentidos, para outras posições” (ORLANDI, 2009, p.53). Acompanhando essas colocações, o que procuramos destacar é que, mesmo que, pela interpelação ideológica e pelo apagamento de seu funcionamento, como lhe é próprio, haja uma produção de evidências, um efeito de saturação, sempre haverá ainda a incompletude, o possível.

Deslocando os conceitos de “ordem” e “organização”, começamos a abordá-los de acordo com a cidade, tal como propõe Orlandi, que mantém a distinção entre essas categorias, que, porém, passa a pensá-las também em relação ao espaço urbano. Nesse sentido, a autora (2001, p. 13) esclarece que a “ordem”, “é do domínio do simbólico na sua relação com o real da história (a sistematicidade sujeita a equívoco), articulação necessária entre estrutura e acontecimento”, e que a “organização” já “refere ao empírico e ao imaginário (arranjo das unidades)”. Pela noção de ordem, a cidade é considerada em seu real, com a sua disposição de lugares no espaço, seus sujeitos, suas contradições, seus conflitos, enfim, com o seu equívoco, que indica que a cidade também é um espaço de falha. Para Barbosa Filho (2012, p. 52), inclusive, “o *real* da cidade *fala na falha*” (grifos do autor). Já pela “organização”, notamos que há um movimento empreendido com a expectativa de “domar” essa ordem da cidade, que ele, porém, funciona sob o modo de um imaginário. Não que ele não produza ações empíricas na cidade, mas pelo fato de que essas jamais serão capazes de barrar a ordem, o real, a falha da cidade. Na sequência de sua frase destacada acima, Barbosa Filho (IBIDEM, p.52) acrescenta que “o saber sobre a cidade se situa no espaço de contenção da falha”.

Partindo da questão do “saber sobre a cidade”, chegamos à outra distinção, dessa vez entre o “discurso urbano”, e o “discurso do (sobre o) urbano”. Segundo Orlandi a cidade tem uma materialidade significativa, que pode ser apreendida na narratividade urbana. A autora esclarece que a cidade não (se) diz somente por “um seu narrador, um seu contador de histórias (como o cego nordestino, o violeiro, o velho indígena etc.)”, mas que o seu discurso é materializado em diversas formas, como, por exemplo, “o rap, a poesia urbana, a música, os grafitos, pichações, inscrições, outdoors, painéis, rodas de conversa, vendedores de coisa-alguma” (ORLANDI, 2001, p.11). Essas são algumas das formas do discurso urbano. Discurso este, que ainda pode ser caracterizado como discurso da cidade, que também está para o real da cidade, sendo que “assim como a materialidade da própria cidade” é constituído “de falhas, de possíveis, de sentidos ainda irrealizados que sustentam na falha e na incompletude a possibilidade de novos sentidos” (IDEM, 2004, p.64). Na medida em que não

buscam conter as condições constitutivas da cidade, os “discursos urbanos”, ou “discursos da cidade”, são formas de discurso pelas quais o real da cidade é significado.

Por outro lado, pensando agora o “discurso do urbano”, ele é entendido como aquele que “silencia o real da cidade (e o social que a acompanha)”, a partir de “uma sobreposição do urbano sobre a cidade” (IDEM, 2001, p.13). Aqui, o que ocorre é uma tentativa de conter a cidade, ou melhor, uma busca pelo seu silenciamento, com o intuito de que ela não possa (se) significar (em) suas condições reais. E para isso, “o social passa a significar pela urbanidade (planejamento, tecnologia) e perde muitas de suas características materiais estruturantes” (IDEM, 2004, p. 64). Ou seja, o que é próprio da cidade, e o social, são silenciados a partir dos saberes urbanos “especializados”, ao mesmo passo em que por estes são significados. Enfim, percebemos que o discurso do urbano, é aquele que busca a “organização” da cidade, da sua “ordem”, e que esta, por sua vez, significa pelo discurso da cidade.

Tendo em vista as exposições feitas até então, destacaremos alguns pressupostos necessários para nossa pesquisa. Assim, consideraremos que há um “discurso social”. Mas não entendemos da mesma forma que o define Angenot, como:

Tudo o que se diz, tudo o que se escreve em uma sociedade dada (tudo o que se imprime, tudo o que se fala hoje na mídia eletrônica). Tudo o que se narra e se argumenta, o narrável, o argumentável em uma sociedade dada, ou antes [...] o conjunto não necessariamente sistêmico nem funcional do dizível, discursos instituídos e temas providos de aceitabilidade e de capacidade de migração em um momento histórico de uma sociedade dada. (ANGENOT, 1984, p.20 *apud* ORLANDI, 2007).

Orlandi cita que “quando consideramos o discurso social como consenso posto em funcionamento em um estado da formação social, podemos ver que ele recobre apenas um dos aspectos dos processos de significação; o discurso social assim concebido é já um efeito do já-dito.” (IBIDEM, p.110). E é tendo em vista esse deslocamento proposto pela autora que lidamos com o “discurso social”, compreendendo-o de uma maneira abrangente, mas que, no entanto, não forma uma unidade, que “não é homogêneo”, sendo que “dá lugar a diferentes movimentos de discurso que se cruzam no espaço urbano” (IDEM, 2008b, p.187). Logo, o entendemos como um discurso que se divide em outras categorias, e que essa partição “apresenta-se como parte – nem direta nem automática – da divisão social”. Essa bifurcação pode ser representada também na distinção entre o discurso urbano (discurso da cidade) e o discurso do urbano. E a comunhão de ambos, enquanto categoria de análise é passível de ser compreendida em sua fusão, na formulação: “discurso (do) urbano”. Esta, portanto, estamos interpretando como outra expressão possível para designar o “discurso social”, que aponta

para o fato de que há diferentes modalidades de discurso no espaço urbano, como o discurso da cidade ou o discurso do urbano. Cada um acontecendo ao seu modo, como discorreremos acima.

2.3. Imaginário (do) urbano.

Anteriormente, afirmamos que o nosso objeto de pesquisa é o discurso, e que para analisá-lo buscamos atingir o seu “real”, o ponto onde a língua e a história se encontram. Agora acrescentamos que o discurso, em sua materialidade, também indica a existência de um imaginário, e que é “por essa articulação necessária e sempre presente entre o real e o imaginário que o discurso funciona” (ORLANDI, 2009, p.74). Neste momento, teceremos alguns dizeres introdutórios a respeito do “imaginário”, para que, a partir delas, possamos expor o modo como o compreendemos em relação à cidade.

Consideramos que o discurso social também funciona por uma articulação entre real e imaginário. E se como dissemos antes, o discurso social é dividido, do mesmo modo, nas suas diferentes modalidades, encontramos distintas formas do seu imaginário. Assim, temos em vista que o discurso da cidade e o discurso do urbano estão relacionados com o imaginário social, mas que cada um deles o produz de uma maneira correspondente. Como o imaginário “não ‘brota’ do nada”, e “assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história” (IBIDEM, p.42), é na materialidade do discurso (do) urbano que podemos observar o imaginário (do) urbano. Para melhor explicitar o que estamos buscando dizer, desfazemos também as nossas fusões, dizendo: no discurso do urbano, a produção do imaginário do urbano; assim como no discurso da cidade, o imaginário da cidade. Seguindo esta distinção, procuramos apreender as diferentes formas pelas quais o São Geraldo é significado no imaginário pousoalegrense, ora pelo discurso da cidade, outrora pelo discurso do urbano, que apresentarão maneiras próprias de fazê-lo, de acordo com o modo específico de funcionamento de cada um.

Antes de prosseguirmos, é fundamental destacar que essa ligação da qual falamos acontece de uma maneira peculiar. Como vimos, ao estabelecer a relação entre a divisão do discurso social com a divisão social, Orlandi (2008b, p.187) ressalta que ela não é “nem direta nem automática”. Acreditamos que esse é o ponto em que tocamos na questão das “formações imaginárias”, e onde conseguimos observar a distinção entre a posição social e a posição

sujeito no discurso. Esta diferenciação ocorre devido ao fato de que no discurso o que funciona “não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos”, mas sim as “suas imagens que resultam de projeções” (IDEM, 2009, p. 40). Quer dizer, no discurso, não são as situações dos sujeitos que funcionam como tal, mas sim as imagens que eles e a sociedade fazem dessas situações. E são “essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso” (IBIDEM, p.40). Ou seja, pelas formações imaginárias que constituem o discurso, o que nele funciona é a projeção da imagem do sujeito, e isso já indica que não há simetria na relação entre o lugar social e a posição (discursiva) no discurso, que ela não é “nem direta nem automática”.

Do mesmo modo, retomando as ligações discurso da cidade/imaginário da cidade e discurso do urbano/imaginário do urbano, ressaltamos que a correspondência que nela ocorre, é necessariamente entre os termos de cada relação, mas que não se estende à posição social do sujeito que realiza um discurso em questão. Por exemplo, um discurso feito por um morador do bairro São Geraldo, não implica que ele esteja funcionando sob o modo do discurso da cidade, como uma resistência ao imaginário negativo sobre ele, ou mesmo que faça uma representação que busque enaltecer o bairro. E analisando um discurso de um administrador de Pouso Alegre, não quer dizer que fundamentalmente estaremos diante de uma categoria do discurso do urbano, de organização das contradições da cidade, no qual o imaginário sobre o São Geraldo será pejorativo. O que nos auxiliará na observação da modalidade pela qual um determinado discurso está funcionando não é a verificação do lugar social daquele que enuncia, mas a constatação da posição desse sujeito no discurso.

Tendo em vista as exposições que realizamos até este ponto, consideramos que podemos enfim apresentar os objetivos desta pesquisa de uma maneira mais precisa. E para isso, destacaremos as nossas perguntas iniciais: como o bairro São Geraldo é significado pelo “discurso social” na cidade de Pouso Alegre? Qual é o imaginário que se constitui nesse discurso? Ao ler essas questões, percebe-se que elas possuem um aspecto geral, que elas ainda pressupõem algumas abordagens mais específicas. Portanto, tendo em vista as definições que trouxemos neste capítulo, delimitaremos alguns aspectos que buscaremos tratar. Eles dizem respeito às diferenciações entre o modo como o São Geraldo é significado no “discurso da cidade” e no “discurso do urbano”. Assim, procuraremos observar também as distintas formas do imaginário sobre o bairro, que funcionam a partir dos diversos discursos sobre ele. Desse modo, as indagações que direcionarão as nossas análises serão: como o São Geraldo é

significado no “discurso da cidade” e no “discurso do urbano”? Como é o imaginário sobre o bairro que nestes discursos se constitui?

3. “Velho Aterrado”.

Com o intuito de introduzirmos as análises, de discorrermos melhor sobre nossos objetivos, e de chegarmos a mais algumas questões teóricas que até o momento não foram abordadas, mas que também são necessárias para nós, traremos agora um primeiro material do nosso corpus. Ele é uma reportagem retirada de uma página na internet. As passagens que nos interessam neste momento são mais os comentários realizados sobre tal reportagem, e não ela propriamente. O site ao qual nos referimos, tem como seu autor um morador da cidade de Pouso Alegre chamado Airton Chips, nome com o qual o blog também foi batizado⁸.

Com os primeiros anúncios da página, e por meio dos tópicos para a “navegação” do leitor, conseguimos observar algumas características desse blog. A frase inicial diz: *Direto da Polícia e muito mais num só lugar*, e os índices, um ao lado do outro, permanecem na seguinte ordem: *idades, direto da polícia, meninos que vi crescer, outros assuntos, e fale comigo*. Como se nota, os textos redigidos são sobre variados temas, porém, eles se limitam às observações de seu autor a respeito de assuntos relacionados à algumas cidades próximas de Pouso Alegre, e com destaque aos acontecimentos desta cidade. Mas a temática principal é sobre os delitos ocorridos no município. De uma maneira informal, e com traços de humor, o autor procura relatar os crimes que aconteceram na cidade. Outra característica importante para nós é a opção oferecida aos leitores de realizarem comentários sobre os textos escritos por Airton Chips. Nesta etapa, em que os internautas podem opinar, geralmente encontramos falas que seguem na mesma direção da matéria e elogios feitos para o autor, mas, por outro lado, observamos também muitas contestações a elas.

A matéria que elencamos chama-se: *PM interrompe assalto ao Supermercado Alvorada*⁹. Ela fala sobre uma tentativa frustrada de assalto, em que dois jovens foram presos por policiais que estavam em uma viatura que passava em frente ao local. No blog referido, o bairro São Geraldo, na maioria das vezes, é chamado por seu nome mais popular: Aterrado. Mas o que despertou mesmo nosso interesse é o adjetivo que muitas vezes, nesse contexto, ele recebe, o de *velho*. Na reportagem que trazemos não foi diferente, e aqui o bairro foi citado por ser o local em que residem os assaltantes: *após cometer o crime eles voltam correndo*

⁸ Disponível em < <http://airtonchips.com/> >

⁹ Disponível em < <http://airtonchips.com/2013/08/15/pm-interrompe-assalto-ao-supermercado-alvorada/> >
Acessada em 20 de agosto de 2013.

*para casa no velho Aterrado!!!*¹⁰. Nesta ocasião, um dos leitores se pronunciou sobre essa forma de denominação do bairro, e, em seguida ele obteve uma resposta do autor.

Leitor:

Primeiro Parabéns a Policia que agiu rápido, mais como um meio de comunicação chama o Bairro São Geraldo de (velho aterrado) esse preconceito com o bairro pra mim é tão grave como o fato ocorrido, moro aqui a cinco anos e conheço pessoas de bem e nunca tive problemas.

Autor:

*Estimado leitor Wesley Vieira dos Reis...
Pode me chamar de “velho Airton Chips” que não me importo!
Abraços!*

Não realizaremos nesse momento a análise dos dizeres destacados acima. Agora, utilizaremos os mesmos somente como um auxílio para formularmos novas perguntas que irão contribuir com o desenvolvimento do presente capítulo. E nos momentos finais, especificamente na etapa de número seis desta pesquisa, retornaremos a esse primeiro recorte.

No diálogo entre o leitor e o autor, vemos que este último não se conforma com o bairro São Geraldo ser chamado de *velho Aterrado*, e que não é somente a palavra “velho” que na sua interpretação é preconceituosa, mas ainda o nome *Aterrado*. Em sua resposta, o autor não compreende de maneira semelhante, e se pronuncia somente a respeito do adjetivo “velho”. O leitor reivindica: *como um meio de comunicação chama o Bairro São Geraldo de (velho aterrado) (?)*, e o autor responde: *Pode me chamar de “velho Airton Chips” que não me importo!* Em referência ao *Aterrado*, observamos que “velho” apresenta para o leitor um sentido de preconceito, e que em relação ao autor, segundo ele, já aponta para outras direções. Aqui, percebemos um dos princípios da teoria do discurso, que diz que uma palavra não tem um sentido fixo, que a sua significação é sempre determinada pelas suas condições de produção. E tendo em vista que é necessário apreendê-las ao analisar um discurso, logo chegamos a um aspecto fundamental do nosso trabalho: a “memória”. Para compreender a diferença entre o *velho Aterrado* e o *velho Airton*, além do “contexto estrito” em que estas expressões estão sendo empregadas, é necessário observarmos também o “contexto amplo” (ORLANDI, 2009). E é justamente isso que faremos a partir daqui.

¹⁰ Optamos por manter todas as escritas da maneira em que foram formuladas. Fazemos essa ressalva, principalmente em relação aos materiais provenientes de postagens e comentários da internet, pois, nestes casos, muitas vezes estaremos reproduzindo palavras abreviadas, sem acentuações, com erros gramaticais, ou mesmo com excesso de caracteres. Como nesta frase, em que três pontos de exclamação são colocados.

O que propomos é a utilização desta situação para começarmos a tecer o fio das nossas análises. Isto é, não estamos modificando nossos objetivos. Seguindo a alternativa sugerida, o que fazemos é estabelecer uma ordem para a apresentação das análises, mas não uma modificação na finalidade das mesmas. A validade dessa oportunidade vem à tona quando se considera que um dos fatores determinantes nas condições de produção é a “memória discursiva” (ORLANDI, 2010a), compreendida como “interdiscurso” (COURTINE, 1999), (PÊCHEUX, 2009), tal como discutiremos a seguir. Na medida em que procuramos nos aprofundar nas condições de produção do discurso sobre o *velho Aterrado*, necessariamente temos que observar a memória que significa no nome Aterrado, e ainda o imaginário que é produzido sobre ele na cidade de Pouso Alegre, pois ambos condicionam a significação do discurso em questão. Assim, mantemos nossas perguntas iniciais, mas prosseguimos também com o eco da interpretação feita pelo leitor de que o *velho Aterrado* é um preconceito para com o bairro, afinal, as mesmas respostas podem elucidar as distintas questões.

3.1. Historicidade.

A memória é abordada por diferentes vias nas diversas áreas do conhecimento. Na “história nova”, por exemplo, Payer (2011) cita que “estabeleceram-se distinções conceituais importantes que identificaram diversos aspectos da memória, no próprio campo da história”. A autora (IBIDEM, p.37) nos traz uma dessas diferenciações, e menciona Pierre Nora, que “distingue a *memória histórica*, na perspectiva das grandes ‘mitologias’ coletivas, sob o modelo da rememoração, da memorização, quase confundidas com a história”, da “*memória coletiva* entendida como o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado (NORA *apud* LE GOFF, 1994)”.

Retomando o tema posto por Nunes (2005), que antes destacamos, a respeito da posição do analista de discurso e da do historiador, podemos encontrar algumas explicações sobre o mesmo com Payer, que levanta a questão do “método” e do “objeto” da história, para discorrer ainda sobre a distinção entre a abordagem da “memória” pela análise de discurso e pela história. Ou seja, ela também nos mostra algumas marcas daqueles diferentes posicionamentos. Por essa via, compreendemos que para o historiador, o “objeto” de pesquisa é o acontecimento histórico, que é alcançado através da memória, esta, que por sua vez é

buscada nas fontes historiográficas. Como destaca Robin (1995 *apud* PAYER, 2011, p.38), para a historiografia “o discurso não constitui um objeto. Os textos de arquivo são fontes que permitem, por uma adequação, o conhecimento do referente, das estruturas sociais. Não há aí teoria do texto, da leitura”.

Vemos que para o historiador, a procura pela “memória” é realizada de uma maneira muito distinta do modo como procede o analista de discurso, isso, precisamente pelas diferentes definições dos seus objetos de pesquisa, e, conseqüentemente, pela teorização que cada área constrói sobre os mesmos. Considerando o discurso, não como um meio, mas como o próprio objeto, “um aporte teórico fundamental da análise de discurso sobre a memória”, é que ela “tem um de seus modos *materiais* de funcionamento na *linguagem* (discurso)” (PAYER, *IBIDEM*, p.38) (grifos da autora). Quer dizer, por essa perspectiva, a memória não é algo que está além da linguagem, mas sim na sua própria materialidade.

O tratamento específico que a “história” recebe no campo discursivo, nos oferece ainda outros caminhos para chegarmos ao conceito de “memória”, e às suas definições nesse contexto. Com Nunes (2005, p.1), ao mencionar que “aos analistas de discurso, a história passou a ser vista não como um pano de fundo, um exterior independente, mas como constitutiva da produção de sentidos”, somos levados ao encontro da história enquanto “historicidade”, e com a maneira como esta se relaciona com a “exterioridade”. História, que, pelo estabelecimento desses conceitos, aqui, conforme disse o autor não é trabalhada como independente, mas sim como constitutiva da significação. Orlandi (2012c, p.13) esclarece que realizou esse deslocamento, da noção de história para a de historicidade, na medida em que compreendeu que “o que o analista de discurso trabalha não são os fatos ‘objetivos’, não é a cronologia, nem o que está lá fora. O analista trabalha o fora dentro”. Trabalha a inscrição da história na língua, a constituição do sentido por essa relação, e não o fato histórico “em si”.

Acompanhando Orlandi (*IBIDEM*), vemos que a historicidade, de acordo com ela é “o como os sentidos se constituem na relação da linguagem com a exterioridade, pensando a exterioridade *no* texto, discursivamente, isto é, produzindo efeitos de sentidos por e para sujeitos” (Grifo da autora). Desse modo, a história não é um conteúdo projetado sobre um determinado objeto linguístico, com a finalidade de analisá-lo. Ela é concebida como a exterioridade que possibilita (constitui) a própria significação do material analisado. Prosseguindo, a autora (*IBIDEM*, p.13) diz que imediatamente após as suas conclusões, as quais acabamos de elencar, ela procurou “colocar face à noção de *condições de produção*, a questão da memória discursiva. Exterioridade que é chamada de constitutiva” (Grifo da autora).

Pois bem, em um primeiro momento percebemos a passagem da história para a historicidade, e observamos mais de perto a ligação entre esta última e a exterioridade. E de uma forma ampla, considerando nossos últimos parágrafos, resumidamente, percorremos a trajetória entre a memória historiográfica e a memória discursiva, chegando nesta pelo conceito de exterioridade. Agora, poderemos demonstrar, de um modo mais delimitado, como a “memória discursiva” é compreendida teoricamente.

3.2. Interdiscurso.

Para tratar do domínio da memória, Courtine faz uma retomada de Foucault em “A arqueologia do saber” (1969), e da distinção formulada por ele entre as categorias de “enunciado” e de “enunciação”. Ele menciona que a enunciação “é neutralizada, seu tempo e seu lugar”, e citando Foucault (IBIDEM, *apud* COURTINE, 1999, p.18), diz que aí “o que se destaca é uma forma que é indefinidamente repetível e pode dar lugar a enunciações muito dispersas”. Assim, Courtine chama a atenção para o fato de que a enunciação está ligada com a “repetição”, e que, desse modo, “se destina, de acordo com uma dimensão de alguma forma vertical, às condições de existência dos diferentes conjuntos significantes” (IBIDEM, p.18).

E é nesse espaço vertical que ele vai situar a existência do enunciado, relacionando-o com a memória. Para isso, ele propõe a demarcação de dois níveis de descrição de acordo com o discurso. O primeiro, caracterizado como o “nível da enunciação”, é o da situação “o ‘eu’, o ‘aqui’ e o ‘agora’ dos discursos”, e o segundo é o “nível do enunciado”, que é o “espaço vertical, estratificado e desnivelado dos discursos”. Essa segunda instância é a que o autor chama de “interdiscurso”, esclarecendo que é nesse espaço “que se poderia denominar, seguindo M. Foucault, *domínio da memória*, que constitui a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciador” (IBIDEM, p.18). Ou seja, em um determinado momento de ocorrência de uma enunciação, o que o sujeito faz é uma repetição, ou melhor, uma retomada dos enunciados, estes, que já foram constituídos na exterioridade dessa situação, no domínio da memória, que fornece os “enunciados ‘preconstruídos’, de que sua enunciação apropria-se” (IBIDEM, p.18).

Essa retomada dos “pré-construídos”, porém, não é de conhecimento do sujeito, ou melhor, como nos mostra Pêcheux (2009, p.162), há o “esquecimento nº1”, que indica que “o sujeito falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o

domina”. O sujeito permanece sob a evidência da sua formação discursiva, a ele “escapa” a determinação produzida por essa, e assim, ele esquece que o que diz já foi constituído exteriormente, nesse “exterior” que “determina a formação discursiva em questão” (IBIDEM, p.162). Dessa forma, observamos que a constituição dos pré-construídos também é algo que não é atingido pelo sujeito. Ainda com Courtine (IBIDEM, p.18,19), ressaltamos que no interdiscurso “o sujeito não tem nenhum lugar que lhe seja assinalável”, que no domínio da memória o que ressoa é “somente uma *voz sem nome*”. Isto é, a memória, enquanto interdiscurso, não é representável para o sujeito, não lhe é acessível.

A respeito do “pré-construído”, Pêcheux nos mostrará como ele se caracteriza como “o que é pensado antes, em outro lugar ou independentemente”. A partir de Paul Henry (1977 *apud* PÊCHEUX, 2009, p.89), ele elenca esse conceito discorrendo que o “pré-construído” designa “o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado”. Retomando a questão da evidência produzida pela interpelação ideológica, e o efeito de transparência da linguagem aí existente, Pêcheux acrescenta que essa evidência dissimula o “caráter material do sentido” (IBIDEM, p.146). Por meio das duas teses pelas quais ele irá discorrer sobre a relação de dependência dessa materialidade para com a memória discursiva, poderemos destacar alguns pressupostos fundamentais para nossa exposição. Vejamos a primeira, que:

Consiste em colocar que o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (PÊCHEUX, p.146).

Com esta formulação, o autor nos diz sobre o modo como o sentido de uma palavra não é fixo, ou melhor, sobre como uma palavra não possui um sentido próprio, sendo que ele significa sempre de acordo com a “posição” ideológica do sujeito no discurso. Esta é correspondente à “formação discursiva”, que é definida pelo autor como “aquilo que, numa formação ideológica dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (IBIDEM, p.147). Ele cita que as formações discursivas “representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”.

Ainda em relação às formações discursivas, em um outro texto (PÊCHEUX, 1984), Pêcheux nos fala sobre o fato de que os “objetos” discursivos “são sempre conjunturalmente determinados enquanto objetos ideológicos”, e que eles possuem “a propriedade de ser ao

mesmo tempo idênticos a eles mesmos e diferentes deles mesmos”, que assim, existem “como uma unidade dividida, suscetível de se inscrever em um outro efeito conjuntural” (IBIDEM, p.157). Ele discorre sobre como os mesmos “objetos” podem adquirir diferentes sentidos quando inscritos em formações discursivas distintas, mencionando que, “não há, de início, uma estrutura sêmica do objeto, e em seguida aplicações variadas dessa estrutura nesta ou naquela situação”, mas, “a referência discursiva do objeto” que “é construída em formações discursivas (técnicas, morais, políticas...) que combinam seus efeitos em efeitos de interdiscurso” (IBIDEM, p.158).

Vemos que o sentido não é algo específico de uma formação discursiva, que um “objeto discursivo” não tem um sentido inicial que seria utilizado por outras formações discursivas em ocasiões distintas, mas que ele se constitui pelo seu deslocamento na relação contraditória entre as diferentes formações discursivas. Esse deslocamento do “objeto discursivo” tem sua condição no fato de que “os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a *uma outra* formação discursiva” (IBIDEM, p. 158) (grifo do autor). É desse modo que Pêcheux nos indica que “o interdiscurso, longe de ser o efeito integrador da discursividade torna-se desde então seu princípio de funcionamento”, isto é, que ele não é o espaço de agrupamento das formações discursivas e dos sentidos, como se estes fossem pré-existentes a ele, mas sim as suas possibilidades.

Voltando com a segunda tese formulada pelo autor, compreendemos melhor essa questão, e também a relação entre o “interdiscurso” e as “formações discursivas”. A sua asserção, neste passo, é a de que “*toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas*” (PÊCHEUX, 2009, p.148, 149) (grifos do autor). É a partir dessa passagem que ele definirá o interdiscurso, afirmando que ele é esse “‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas”. Por esta citação, notamos que a relação de “dependência” ocorre das formações discursivas para com o interdiscurso, e não ao contrário. É neste sentido que o interdiscurso não é o “efeito integrador da discursividade”, afinal, como ele é o “todo complexo com dominante das formações discursivas”, ao passo em que estas existem, é porque já foram nele constituídas.

Com a primeira tese de Pêcheux, notamos que o sentido é sempre determinado pelas formações discursivas, agora, com a segunda, observamos de um modo mais preciso como o conhecimento dessa determinação não é algo evidente para o sujeito. Isso, pela “transparência

do sentido” que se constitui na formação discursiva, que é também pela qual a dependência dela para com o interdiscurso é dissimulada. Continuando, ele (IBIDEM, p.149) caracteriza o interdiscurso como “a objetividade material contraditória”, e esclarece que essa “reside no fato de que ‘algo fala’ (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas” (grifo do autor).

Através do conceito de “interdiscurso”, neste momento reencontramos a noção de “memória”. Pela definição que acabamos de destacar, vemos que o interdiscurso consiste na memória discursiva, a exterioridade do discurso, “que fala antes”, que fornece a possibilidade de significação. Em outra passagem (1990, p.145 *in* ORLANDI, 2011b), expondo a relação entre esses conceitos, Pêcheux nos diz sobre o caráter material da memória discursiva. Ele indica que o termo interdiscurso caracteriza “um corpo sócio-histórico de traços discursivos que constitui o espaço de memória da sequência”, sendo esse “corpo de traços” a “materialidade discursiva, exterior e anterior à existência de uma sequência dada”. Assim, chegamos novamente à caracterização do interdiscurso como um “espaço de memória”, que por sua vez, possibilita a significação de uma sequência.

Acompanhando o autor, observamos que a materialidade da memória discursiva constitui um “já-dito”, que, no entanto, funciona como um “não-dito” em um determinado discurso. Ele (IBIDEM, p. 146) ressalta que o “não-dito da sequência não é, assim, reconstruído sobre a base de operações lógicas internas, ele remete aqui a um já-dito, ao dito em outro lugar”. Com Orlandi (2010b) temos também outro esclarecimento sobre esse tópico. A autora afirma que a “memória – o interdiscurso, como definimos na análise de discurso – é o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentido”, e acrescenta que “ela se constitui pelo já-dito que possibilita todo dizer” (IBIDEM, p.64). Ainda com Orlandi (IBIDEM, p.65), é necessário ressaltar que a memória também é estruturada pelo esquecimento, e que o já-dito não se limita ao que foi empiricamente falado no passado e que permanece na memória como uma lembrança. O já-dito é “palavras já ditas e esquecidas, ao longo do tempo e de nossas experiências de linguagem que, no entanto, nos afetam em seu ‘esquecimento’”. Retomando Courtine (1999), podemos dizer que na memória fala “somente uma voz sem nome”, e com Orlandi (2012c, p.14) afirmar que a “memória, saber discursivo *‘fala por conta própria’*”, e que em seu funcionamento *“somos falados pela ideologia”* (Grifos da autora).

Teorizando a “memória”, Achard também nos aponta aspectos fundamentais sobre ela. Um deles consiste no fato de que ela “não restitui frases escutadas no passado mas julgamentos de verossimilhança sobre o que é reconstruído pelas operações de paráfrases”

(ACHARD, 1983, p.16). Nesse seu texto, Achard irá discorrer sobre a “repetição” e a “regularização”, levantando ainda a questão do “implícito”. Este último, segundo o autor, opera:

Sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado, enquanto cada discurso, ao pressupô-lo, vai fazer apelo a sua (re)construção, sob a restrição ‘no vazio’ de que eles respeitem as formas que permitam sua inserção por paráfrase. Mas jamais podemos provar ou supor que esse implícito (re)construído tenha existido em algum lugar como discurso autônomo (IBIDEM, p.13).

Observamos, nesta citação, que não podemos provar que o implícito se encontra formulado em outro lugar, “como discurso autônomo”, que surgiria na significação de um determinado enunciado pela sua memorização. Mas, que ele ocorre na base de um imaginário que o representa como memorizado por meio das relações de paráfrases que se instauram entre o enunciado e o “saber discursivo”. Por exemplo, o dizer *velho Aterrado* pode produzir um sentido “X” na medida em que aí surgem como implícitos outros discursos. Se chamarmos de “Y” o sentido de “*velho*”; e de “Z” o de “*Aterrado*”, podemos dizer que o sentido “X” da enunciação “Y-Z”, não implica que em algum momento tenha existido independentemente a seguinte formulação: “a junção das duas últimas letras do alfabeto significa X”. Mas, pode ser que por uma paráfrase entre “A” e “Y”, e entre “B” e “Z”, no deslize entre os termos, “X” seja produzido, imaginariamente. Isso devido ao que diz Pêcheux, sobre o “antes, em algum lugar, independentemente”, talvez “uma voz sem nome”, como em Courtine, ter dito que “a junção das duas primeiras letras do alfabeto representam X”. Neste caso o que fazemos é somente levantar um exemplo a título de explicação. Afinal, temos em vista que nesse nível simbólico não há garantias, nem exatidão, e como Achard ressalta “o papel da memória discursiva são as valorizações diferentes, em termos por exemplo de familiaridade ou de ligação a situações, atribuídas às paráfrases, que entretêm então, graças ao processo controlado de derivação, relações reguladas com o atestado” (IBIDEM, p.16). Entendemos que na perspectiva discursiva “o atestado constitui um ponto de partida” para a análise, mas não “o testemunho da possibilidade de uma frase”, tal como seria para o “modelo chomskiano” (IBIDEM, p.16).

Para Achard “se situarmos a memória do lado, não da repetição, mas da regularização, então ela se situaria em uma oscilação entre o histórico e o linguístico” (IBIDEM, p.15, 16). O autor cita que pela repetição de um enunciado uma regularização dos implícitos, “que se apóia necessariamente sobre o reconhecimento do que é repetido”, se

instaura nesse processo, e que “esse reconhecimento é da ordem do formal”. Assim, a recorrência de uma determinada palavra é possível de ser constatada, mas, como afirma o autor, há um “jogo de força simbólico que se exerce no reconhecimento do mesmo e de sua repetição” (IBIDEM, p.16). Dialogando com Achard, Pêcheux (1983) define a memória discursiva como “aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita” (IBIDEM, p.52).

Para discorrer sobre o “jogo de força na memória”, ele retoma a questão de “saber onde residem esses famosos implícitos, que estão ‘ausentes por sua presença””, mencionando que para Achard, eles estariam na série formada pela regularização sob a repetição. Série esta, que, no entanto, seria sempre capaz de “ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo, que vem perturbar a memória” (IBIDEM, p.52). É neste ponto que Pêcheux situa o “jogo de força”, entre a ruptura e a regularização em que se estabelece o implícito. Ele demonstra que o “jogo de força na memória”, sobre a repetição, ocorre sob duas formas: “uma que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula”; e, ao contrário, uma outra que produz uma “‘desregulação’ que vem perturbar a rede dos implícitos”. Este transtorno da série dos implícitos, segundo Pêcheux (IBIDEM, p.53), é caracterizado como “uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase”. Dessa maneira, percebemos que a repetição de um enunciado, ou de uma frase, que dá condições para a formação de uma regularização dos pré-construídos, no nível formal pode ser verificada. Mas, no plano simbólico, pelo lado da regularização, por causa da possibilidade de deslize pelo acontecimento discursivo, temos como característica constitutiva a instabilidade.

O que expomos até este momento em relação à “memória”, são alguns pressupostos fundadores da teoria do discurso. Quando falamos sobre interdiscurso, formação discursiva, pré-construído, não-dito ou já-dito, trazemos algumas categorias que necessariamente estão presentes em todos os materiais de nossa pesquisa. Pois, como insistimos, tais conceitos são constitutivos do funcionamento do discurso. Utilizando o dizer que antes elencamos, que chama o bairro São Geraldo de *velho Aterrado* podemos indicar algumas breves considerações em diálogo com o que mostramos. Pois já conseguimos avistar que o discurso em questão só significa porque existe uma memória anterior e independente a ele, que na formação discursiva do *velho Airton*, que realizou o dizer em questão, ele vai significar de uma maneira, e que para o leitor que criticou essa fala, ele significará de outra.

Notamos também que a palavra *Aterrado*, surge como um pré-construído da enunciação em que ele recebe o adjetivo *velho*, e que é essa memória, que dessa maneira, forma um já-dito desse dizer, que pode nos direcionar para os diferentes sentidos da palavra *velho*, quando posta em relação ao *Airton*, ou ao *Aterrado*. Mas, por enquanto, não iremos mais longe com essa análise. O que fizemos neste momento foi somente uma exemplificação das possibilidades de abordar os aspectos da memória que já destacamos.

4. Incluso e igual.

Optamos por dividir as nossas análises em diferentes etapas, estando todas elas relacionadas ao nosso objetivo geral, referente aos sentidos do/sobre o bairro São Geraldo em Pouso Alegre. Cada um desses momentos possuem, porém, uma orientação de acordo com os seus objetivos específicos que serão apresentados nas devidas ocasiões. Nesta parte, o principal intuito é compreender como o São Geraldo é significado no imaginário produzido no discurso do bairro, isto é, nos materiais que analisamos, que, como veremos, consistem em discursos que estão funcionando sob essa modalidade. Devido ao São Geraldo estar sendo significado nestes discursos, ao mesmo tempo já estaremos abordando ainda o imaginário sobre ele, quer dizer, aquele que é constituído a partir dessa formação discursiva do bairro.

Gostaríamos de ressaltar que ao falarmos em discurso do bairro não necessariamente estamos nos referindo ao discurso feito por um morador do São Geraldo, afinal, “em toda língua há regras de projeção que permitem ao sujeito passar da situação (empírica) para a posição (discursiva)” e “o que significa no discurso são essas posições” (ORLANDI, 2009, p.40). Ou seja, para nós, o discurso do bairro é aquele realizado por um sujeito que discursivamente se posiciona como morador. De acordo com Pêcheux (2009, p.150) “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)”. Considerando essas palavras, diremos que a posição discursiva morador é marcada pela identificação do sujeito com a formação discursiva do bairro. Mas como aquela “identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito”, como prossegue o autor (IBIDEM, p.150), “apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (...) que constituem, no discurso do sujeito, *os traços daquilo que o determina*, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito”, não podemos definir essa formação discursiva de antemão. Isto é, somente com as nossas análises teremos a chance de compreender os sentidos que constituem a formação discursiva e, conseqüentemente, a posição sujeito morador do São Geraldo.

A presença do bairro é comum nos noticiários em Pouso Alegre. Ela é dada em diferentes ocasiões, por exemplo: quando é mencionada alguma ação social ocorrida em seu espaço; quando nele há um determinado acontecimento; ou ainda quando alguma prática realizada na cidade é proveniente de algum de seus moradores. Dentre essa variedade que tivemos acesso, nesta primeira parte, selecionamos um corpus que nos permitiu observar regularidades e especificidades referentes ao objetivo em questão, tal como notamos em

outros materiais. Aqui, analisaremos uma matéria do jornal *Folha do Vale* publicada no dia 10 de junho de 2011¹¹. Nela é noticiado um acontecimento que ficou denominado de *Semana do Bairro*, que foi promovido pelos moradores do São Geraldo e pelos integrantes da *Associação Viva Geraldo!*, esta que, por sua vez, é formada por diversos órgãos, instituições e profissionais autônomos.

Acreditamos que esse material é muito relevante para esta situação, pois como mostraremos, ele nos fornece diversos caminhos para chegarmos ao(s) objetivo(s) que traçamos. Por um lado, ele nos coloca a possibilidade de apreender e discutir as ações realizadas na *Semana do Bairro*, do modo como nele foram divulgadas, e por outro, a de analisar os dizeres dos moradores e representantes do São Geraldo. E tanto as atividades feitas durante o evento, quanto essas falas trazidas pelo jornal, nos interessam na medida em que estão funcionando enquanto formas do discurso do bairro. Ou seja, operando discursivamente desta maneira, poderemos abordar, a partir delas, as formas do imaginário do/sobre o São Geraldo que aí se constitui.

Teremos também a possibilidade de já traçar algumas considerações em relação ao imaginário que os não-moradores do bairro fazem sobre ele. Isso não de uma maneira direta, mas por um procedimento específico: o das “formações imaginárias” (PÊCHEUX, 1969). De acordo com os materiais que analisamos, poderemos observar esse imaginário respeitando o fato de que estaremos partindo das “formações imaginárias” presentes no discurso do bairro. Ou seja, procederemos nossa análise a partir do mecanismo de “antecipação” (IBIDEM): I(MSG) faz da I(NMSG) do SG. Quer dizer, é a imagem feita pela posição sujeito morador do São Geraldo sobre a imagem que os não-moradores fazem dele, e não esta última propriamente que estaremos tratando nesta parte. Aqui, poderemos observar o modo como o bairro é significado pela formação discursiva dominante sobre ele na cidade, na medida em que esses sentidos dessa formação vêm irromper no discurso do próprio São Geraldo.

Após essa apresentação introdutória das principais questões que determinaram a realização desta parte de nossa pesquisa, passaremos agora a uma exposição mais detalhada da reportagem aqui utilizada.

Noticiando sobre o evento *Semana do Bairro*, ela discorre que nele foram promovidas diversas ações, desde intervenções feitas no próprio São Geraldo até o diálogo entre representantes dos moradores e membros do Poder Público de Pouso Alegre. De acordo com o jornal, *as atividades tiveram início no domingo, dia 5 de maio, e encerraram no*

¹¹ A matéria completa está nos anexos de nosso trabalho.

sábado, dia 11. Ele diz ainda que no dia 5 houve uma caminhada pelo bairro e o plantio de árvores, que no dia 6 foi o dia da reunião do projeto do Orçamento Participativo, que no dia 7 representantes do bairro participaram da Tribuna Livre, na Câmara dos Vereadores e que na quarta e quinta-feira membros do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) recolheram materiais como garrafas pet, cabo de vassoura e óleo, para reaproveitamento. E por fim, cita que o encerramento no sábado, dia 11, seria marcado com uma roda de capoeira na Praça José Luis Serpa, localizada no bairro.

Na matéria são mostradas também as principais solicitações dos moradores feitas durante a reunião na Câmara Municipal e as promessas realizadas pelos administradores da cidade para investimentos em seu espaço: *projetos para melhorias nas áreas da saúde, educação e segurança pública foram levantados. Um relatório sobre as prioridades, em longo prazo, foi apresentado aos vereadores. Em relação à educação, no relatório foi destacado o pedido da reforma da Escola Municipal Profa. Isabel Coutinho Galvão, o CIEM do bairro São Geraldo, e ainda a proposta de uma construção de um complexo de esportes ao lado do CIEM, nos terrenos da escola e da prefeitura. Sobre a saúde, foi pedida melhoria no atendimento aos moradores do bairro, com um número maior de profissionais na Policlínica, que se encontra no bairro. E no que diz respeito aos projetos da prefeitura, eles foram apresentados por meio do diretor da escola CIEM do São Geraldo que, segundo o Jornal, em sua participação na tribuna da Câmara, informou que, em conversa com Perugini, o prefeito disse a ele que as obras do Ciem São Geraldo, orçadas em R\$480 mil, devem começar em julho, e que ele lembrou também da construção da Avenida Dique II, mencionando que ela vai trazer tranquilidade à população e à escola, que não mais sofrerão com as enchentes. Ainda na ocasião da reunião na Câmara Municipal temos uma outra atividade nela realizada, que foi a distribuição de adesivos para carros, com o slogan da campanha, patrocinados pela Folha do Vale. A campanha referida, cujo lema é “Eu amo o bairro São Geraldo eu cuido do Bairro São Geraldo”, parece ter sido o intuito primordial do evento.*

Agora, para além das intervenções efetivadas durante ele, e das que foram planejadas no mesmo, vejamos as finalidades da campanha de acordo com a reportagem. Nela é citado que a programação da Semana do Bairro foi organizada pela Associação Viva Geraldo *com o objetivo de trabalhar a imagem do Bairro São Geraldo na cidade de Pouso Alegre. Sobre a Associação, é afirmado que ela trabalha no sentido da melhora do bairro e da visibilidade do São Geraldo, no restante da cidade. O Jornal destaca as falas do diretor da escola CIEM São Geraldo, também membro da Associação, que disse que o bairro pede para ser visto com*

carinho e não piedade, e diz que segundo o diretor da escola, tráfico de drogas, prostituição e violência não são problemas isolados do bairro.

Na alternância entre a retomada dos dizeres do diretor e dos comentários sobre eles, acrescentados na matéria, vemos ainda outras falas que nos interessam.

Após anunciar a caminhada e o plantio de árvores que marcou a abertura do evento, é posto que *segundo o diretor do CIEM é preciso mostrar que o bairro pode ser mais cuidado e preservado*. Sobre as sugestões encaminhadas pelos moradores aos vereadores e à prefeitura da cidade, é mencionado que *todas as propostas seguem o objetivo de contribuir para que o bairro tenha uma imagem positiva*. A reportagem traz ainda uma última fala do diretor, que disse que o São Geraldo *não teve chance de se projetar por ser área de baixo valor econômico, margeado por dois rios, alagável nas épocas de vazante do Mandu e Sapucaí Mirim, e passou a ser um lugar para os menos afortunados pela vida*, e por último, acrescenta que para ele *o bairro é um retrato da insensibilidade dos homens públicos que passaram pela administração de Pouso Alegre*.

Pensando o acontecimento Semana do Bairro, inicialmente já notamos que o São Geraldo possui diversas demandas, e que estas passam por duas vertentes. São elas: as intervenções administrativas no seu espaço e a mudança no modo como ele é visto, tanto pelo restante da cidade, como também pelos seus próprios moradores. Percebemos que esta última questão, referente à sua “imagem”, é a mais significativa para os fins da campanha. Aliás, o que se observa é que ambos os objetivos se relacionam sob uma organização que compete para que as primeiras ações possam desencadear esse objetivo principal.

Como veremos, o evento surge como uma medida abrangente que se realizou nas outras atividades distribuídas nesse período, principalmente para tratar os sentidos do São Geraldo na cidade. Como diz a reportagem, o trabalho da Associação Viva Geraldo é justamente para a *melhora do bairro e da visibilidade do São Geraldo, no restante da cidade*, e foi com o *objetivo de trabalhar a imagem do Bairro São Geraldo na cidade de Pouso Alegre*, que o evento foi desenvolvido. Sobre a caminhada pelo bairro e o plantio de árvores no mesmo, na abertura da Semana, o argumento do membro da Associação, segundo o jornal foi o de que *é preciso mostrar que o bairro pode ser mais cuidado e preservado*, e as propostas empreendidas pelos moradores, que foram apresentadas na reunião na Câmara Municipal *seguem o objetivo de contribuir para que o bairro tenha uma imagem positiva*.

Notamos que o próprio jornal expõe o objetivo principal dos moradores do São Geraldo com a realização do evento, e analisando de acordo com o nosso dispositivo teórico o

modo como aquelas ações e esses dizeres se relacionam chegamos às considerações mais relevantes para nossa pesquisa.

Vemos que o primordial para os moradores não é somente “cuidar” do bairro, mas também “mostrar” que ele é um local que pode ser melhorado. A caminhada e o plantio de árvores se justificam no fato de que *é preciso mostrar que o bairro pode ser mais cuidado e preservado*. (grifo nosso). Quer dizer, tais atividades foram empreendidas não somente com a finalidade de tratar aquele espaço diretamente, mas sim de expor para seus próprios residentes, para outros pousoalegrenses, e, considerando a falta do Estado no bairro que antes mencionamos, acreditamos que principalmente para os administradores da cidade, que o São Geraldo também é receptivo para melhorias, para investimentos infra-estruturais. Ou seja, é um argumento para que eles possam entrar e atuar no bairro. Uma caminhada por ele pode indicar que as suas ruas são locais de passeio. Árvores plantadas talvez sejam um alerta de que o São Geraldo também pode ser alvo das medidas ecológicas que se espalham por diversos locais de Pouso Alegre. Mas a própria construção de uma rua já não é uma afirmação da possibilidade de passagem? Um espaço com condições similares as de outros, como a terra fértil em que árvores são plantadas, já não demonstra que ele também é passível para isso? Não na interpretação dos administradores da cidade, que, como a campanha nos mostra, se identificam com uma formação discursiva distinta da dos moradores do bairro.

Consideraremos a hipótese de que os espaços do São Geraldo estão entre o “sem-sentido” e o “não-sentido” na cidade¹². Isso ao observar a (re)afirmação de determinados sentidos em relação a ele que é feita através das atividades realizadas durante a campanha. Pensemos sobre a rua, por exemplo, partindo de algumas de suas finalidades apontadas por Carlos (2007). Ressaltando a sua multiplicidade, entre outras, a autora menciona que a rua pode ter a função “*de passagem*”, “*da festa*”, “*da normatização da vida*”, “*do encontro*”, “*da reivindicação*”, “*da segregação social*” (IBIDEM, p.53) (Grifos da autora). No caso da caminhada pelo São Geraldo, observamos que com ela se tenta fazer (re)significar diversos sentidos como esses destacados acima. Vale ressaltar que para com o último, ela está ligada ainda de uma maneira diferente. Carlos diz que “*as ruas têm o sentido de segregação social*” na medida em que “*elas apontam a hierarquia social através de uma hierarquia espacial – marcadas nas formas de uso*” (IBIDEM, p.53) (Grifos da autora). Ou seja, a relação entre a caminhada pelo bairro e o sentido “*da segregação social*”, como o define a autora, ocorre pelo objetivo de se combater esse sentido. Nesta ocasião, as ruas do São Geraldo adquirem o

¹² O “sem-sentido” é o sentido que já significou e não significa mais, ele “refere ao que já não faz sentido”, enquanto o “não-sentido” indica “o que virá a fazer sentido” (ORLANDI, 2010b, p.18).

sentido de “segregação social” ao passo em que na hierarquia espacial não se localizam em um ponto favorável, o que pode ser percebido com a carência de se fazer significar os sentidos que são comuns para outras ruas da cidade, que, acompanhando o raciocínio de Carlos, se perderam devido aos modos de uso do referido espaço. Dito de outro modo: os usos das ruas do bairro são significativamente distintos dos que são feitos de outras ruas de Pouso Alegre, e assim, constituindo uma hierarquia social por meio dessa hierarquia espacial, eles criam condições para a segregação do São Geraldo.

É tendo em vista tais observações que notamos que certos espaços do bairro estão entre o “sem-sentido” e o “não-sentido” para muitos pousoalegrenses. Quando pensamos nas condições em que a caminhada pelo São Geraldo é realizada, considerando que, como diz Canguilhem (1990 *apud* PÊCHEUX, 1994) “o sentido é sempre relação à”, percebemos que, entre outros, ela produz os sentidos de encontro, de ocupação, de festa, de passear pelo bairro. Enfim, ao reunir os moradores em trânsito pelas ruas, assim como o próprio nome da Associação Viva Geraldo! o que a caminhada em suas condições de produção faz significar é que há vida no São Geraldo(!). E assistir a uma empreitada para demonstrar para os habitantes de uma cidade que há vida em um determinado bairro, que uma rua pode ser um local de passeio, ou mesmo para as outras atividades que destacamos, é verificar que tais sentidos do local em questão, permanecem no campo do “sem-sentido” e do “não-sentido”, variando de acordo com a formação discursiva em que se inscrevem. Afinal, percebemos que esses sentidos, que já teriam sido produzidos com construção das ruas, das casas, com a própria formação do bairro que expõe que há pessoas (vida) naquele local, já não significam mais, ou jamais tenham significado para alguns. E é daí que surge a necessidade de (re)significar esses espaços, de fazer com que o seu “irrealizado advenha formando sentido” (PÊCHEUX, 1990a, p.17). O mesmo vale para o plantio de árvores. Se em outros locais da cidade, uma praça, uma calçada, ou um canteiro são alvos do cultivo de plantas, então esses locais já foram significados para a cidade como lugares passíveis de receberem essas intervenções.

Analisamos ainda outras passagens da reportagem que estamos abordando, que nos permitem uma melhor compreensão sobre o modo como o “sem-sentido” e o “não-sentido” habitam o São Geraldo. Pelas observações destacadas acima, podemos compreender que o “sem-sentido” em questão, está em relação a uma parcela dos moradores do bairro, pois na medida em que nele residem, são os primeiros a ter a oportunidade de experimentar as suas ruas como locais de passeio, de encontro, etc. E se em algum momento é preciso realizar um evento para fazer significar tais sentidos para esses moradores, é porque eles já deixaram de significar, ou seja, nesta perspectiva estão como “sem-sentido”. E por outro lado,

encontramos o “não-sentido”, este que por sua vez se inscreve em outra formação discursiva, a dos pousoalegrenses que não residem no São Geraldo. Isso fica entendido ao apreendermos a imagem que os moradores fazem da imagem que os não-moradores fazem do bairro, que inclusive é o que condiciona a realização de toda a campanha.

Vejamos nas sequências abaixo a quem se destina o objetivo dos moradores de *mostrar que o bairro pode ser mais cuidado e preservado*, ou o de *contribuir para que o bairro tenha uma imagem positiva*:

*S1 - Com o objetivo de trabalhar a imagem do São Geraldo **na cidade**, a Associação Viva Geraldo! organizou uma programação especial no bairro e até participação na reunião da Câmara dos Vereadores durante essa semana.*

*S2 - A Associação formada por diversos órgãos, instituições e profissionais autônomos, trabalha no sentido da melhora do bairro e da visibilidade do São Geraldo, **no restante da cidade** (Grifos nosso).*

Observa-se que o público alvo da campanha realizada durante o evento é principalmente as pessoas que não moram no bairro. Nas primeiras palavras grifadas, de certa forma é até mesmo criada uma separação entre São Geraldo e Pouso Alegre, como se ele não estivesse localizado no interior desta. A posição em que ele surge naquela formulação geralmente é comum de ser ocupada por algo que está em oposição à cidade. Como, por exemplo, nas frases a seguir: “produtos do **campo na cidade**”; “**forasteiros na cidade**”. Sobre essa diferenciação, no grifo da segunda passagem do jornal observamos uma especificação. O jornal aponta que o que é trabalhado é a *visibilidade do São Geraldo, no restante da cidade*. Quer dizer, embora o bairro esteja em uma região central de Pouso Alegre, ele não é visível como querem os seus moradores. Por essa perspectiva ficam mais compreensíveis os sentidos da distinção entre o posicionamento do São Geraldo e da cidade estabelecido na S1. E na segunda sequência, o que significa não é que ele está geograficamente distante da cidade, mas sim que, embora localizado na região central de Pouso Alegre é invisível, ou melhor, “irrealizado” (PÊCHEUX, 1990a) para os habitantes que nele não residem.

Com a formulação “*no restante da cidade*”, podemos entender também que essa oposição que localiza o São Geraldo fora da cidade por outro lado se desfaz, sendo que nela o bairro é colocado como uma parte que, aliada ao “*restante*”, constitui a cidade. Porém, mesmo que esse distanciamento, digamos geográfico, deixa de significar por essa perspectiva, uma distinção entre os moradores do São Geraldo e de outros bairros de Pouso Alegre permanece. E é considerando alguns enunciados como “*é preciso mostrar*”, “*para que o*

bairro tenha uma imagem positiva”, “*trabalhar a imagem do São Geraldo na cidade*”, “*trabalha no sentido da melhora do bairro e da visibilidade do São Geraldo, no restante da cidade*”, que constatamos que essa diferenciação que sobressai é basicamente em relação ao modo de interpretar o bairro. O foco da campanha não está voltado para os outros habitantes do São Geraldo, mas sim para os que não o são. Objetivo direcionado especificamente em trabalhar nestes os sentidos do bairro já experimentados pelos seus moradores.

Através de recortes das passagens que analisamos, com as “mesmas” palavras, poderíamos resumir este ponto dizendo que os intuitos são: “*mostrar uma imagem positiva do São Geraldo no restante da cidade*”; “*trabalhar no sentido da visibilidade do bairro no restante da cidade*”. Pelo *restante da cidade*, as ruas do bairro, as suas praças, não foram interpretadas como locais de passeio, de festa, de ocupação, etc. Para os administradores de Pouso Alegre, ele não significou como local de investimento público. Assim, o que a nossa análise faz compreender é que sentidos como estes, realizados na formação discursiva do São Geraldo, e que para seus habitantes são constitutivos do mesmo, estão como “não-sentido” na formação discursiva dos outros pousoalegrenses e da administração do município. “Irrealizados”, que podem (ou não) vir a significar.

Destacamos ainda que esse é o modo pelo qual a “falta de visibilidade” do bairro está significando naquele discurso. Embora a vista do São Geraldo seja restrita para quem apenas passa pelas avenidas que o atravessam, devido ao modo de disposição dos seus espaços, como mostramos inicialmente, o que se busca, neste caso, não é que o *restante da cidade* tenha o bairro em seu campo de visão. Nesta ocasião, a “visibilidade” está no nível simbólico, especificamente relacionada ao “não-sentido”. E é isso que produz condições para a criação da Associação Viva Geraldo que, como diz o Jornal Folha do Vale, *trabalha no sentido da melhora do bairro e da visibilidade do São Geraldo*. Aqui, ser visível é ser (fazer) sentido. São essas observações que nos permite jogar com tais palavras e deslocar o sentido de “procedimentos metodológicos” da Associação, tal como colocado na frase do jornal, para o de “objeto” de seu trabalho dizendo: *a Associação trabalha (n) o sentido da melhora do São Geraldo* (grifo nosso).

Adiante passaremos a delimitar algumas considerações sobre as formas como o São Geraldo significa no imaginário dele/sobre ele, assim como constatamos a partir da análise desse primeiro material. Pelo percurso que realizamos até então, acreditamos que vários apontamentos sobre esse imaginário já foram mostrados indiretamente. Porém, retomaremos certas passagens das nossas análises com o intuito de destacar alguns pontos mais significativos em relação à nossa pesquisa. O primeiro destes é observado através das

necessidades dos moradores do bairro apontadas na reportagem, justamente a de *melhorar a visibilidade do São Geraldo na cidade*, ou a de fazer com que *o bairro tenha uma imagem positiva*. Ainda nestas passagens, vemos surgir como pressuposto a afirmação de que o bairro possui uma imagem negativa na cidade, que esta é um pré-construído que está sustentando o imaginário do/sobre o São Geraldo que nelas se inscrevem. Assim, em relação ao imaginário “sobre” o bairro, a sua negatividade que falamos acima, aparece neste caso através do imaginário “do” bairro. Não é a negatividade na concepção dos seus moradores sobre ele, nem mesmo a negatividade pelos não-moradores do São Geraldo. É a imagem que os moradores do bairro fazem da imagem que os não-moradores fazem sobre ele que não é positiva: IM(INM(SG)): negativa. Enfim, ressaltamos que uma das particularidades do São Geraldo que observamos nos discursos que analisamos é a de compreender que o imaginário dos pousoalegrenses sobre ele é negativo.

Por outro lado, no imaginário do bairro a respeito dele mesmo, essa negatividade desde o início é negada, e uma positividade sobre ele é instaurada. Até então estamos ressaltando esses dois pontos, primeiro discorremos sobre a negatividade, e agora encontramos a positividade. Porém, o que ainda não fizemos foi explorar a seguinte questão: o que significa negatividade e positividade nessa ocasião? Mas agora essa abordagem se torna imprescindível. E trataremos antes sobre a “positividade”, e posteriormente retomaremos o funcionamento da “negatividade” no discurso em questão. Assim, inicialmente seguiremos questionando: quais são os sentidos da positividade do São Geraldo presentes no material analisado?

A percepção de que os realizadores da campanha em prol do bairro, além de propor medidas práticas para as intervenções administrativas em seus espaços, tomam como objetivo primordial o trabalho dos sentidos do São Geraldo na cidade, nos mostrou que o modo como o bairro é interpretado em Pouso Alegre não agrada certa parte dos seus moradores. Dessa observação retiramos a consideração de que no imaginário produzido pela campanha, enquanto discurso, o bairro é visto de uma maneira negativa para a cidade, e concluímos que o seu intuito principal foi afirmar sentidos positivos do São Geraldo para os pousoalegrenses. Foi isso o que compreendemos com os acontecimentos da caminhada e do plantio de árvores no São Geraldo, e também ao refletir sobre as outras atividades promovidas na *Semana do Bairro*, como o recolhimento de materiais recicláveis, ou a roda de capoeira formada em uma praça do mesmo. Afinal, em suma, considerando as suas condições de produção, não estariam estas últimas significando que os moradores cuidam da sua limpeza, que no São Geraldo há a

prática de esportes ao ar livre? E assim afirmando os sentidos de que ele é um espaço limpo, um local de lazer e de diversão?

Notamos que no imaginário do bairro que é produzido nos discursos que analisamos o próprio possui um caráter positivo, e que esse aspecto resume-se na demonstração de que ele é um bairro que não se distingue dos outros em relação às suas condições de existência. Ou, dito de outro modo, nesse imaginário o bairro é positivo porque ele é semelhante aos demais da cidade. Esse é o sentido da positividade até então.

Essa conclusão ainda pode ser observada e desenvolvida pela análise do discurso do representante da Associação Viva Geraldo, o diretor da escola Ciem São Geraldo, quando ele menciona que o bairro *não teve chance de se projetar por ser área de baixo valor econômico, margeado por dois rios, alagável nas épocas de vazante do Mandu e Sapucaí Mirim, e passou a ser um lugar para os menos afortunados pela vida*. Lembremos ainda, que segundo o diretor, ele *é um retrato da insensibilidade dos homens públicos que passaram pela administração de Pouso Alegre*. Percebemos que os momentos em que algumas condições do São Geraldo são destacadas ocorrem em alternância com palavras que funcionam como justificativas para elas. No primeiro enunciado podemos ver as afirmações de que o bairro é uma região pouco valorizada economicamente, e que é um local de moradia de uma população de baixa renda. Essas considerações indicam aspectos constitutivos do bairro, e que o diferencia de vários outros em Pouso Alegre. Em o São Geraldo *“não teve chance de se projetar”*, também se coloca que ele está em um plano diferente dos outros bairros de acordo com a questão econômica.

Mas, observamos que esses dizeres desempenham o papel de explicar tal situação. Modificando a ordem daquela frase, e trazendo para o plano do dito os termos “isso porque”, que no discurso em questão estão como “não-ditos” (ORLANDI, 2009), ele ficaria assim: o bairro *é um lugar para os menos afortunados pela vida*, isso porque *é uma área de baixo valor econômico*, isso porque *não teve chances de se projetar*, isso tudo porque *é margeado por dois rios, alagável nas épocas de vazante do Mandu*. Com essa inversão na organização daquele discurso, e com a inserção das palavras “isso porque”, o que estamos buscando destacar é que na sua ordem as justificativas aí presentes estão significando ao modo de uma anulação específica das diferenças do São Geraldo. Em várias passagens temos a afirmação de que ele se diferencia na cidade. Porém, pela explicação de que tudo isso ocorre porque ele é *“margeado por dois rios, alagável nas épocas de vazante do Mandu e Sapucaí Mirim”*, a situação de desigualdade do bairro é caracterizada de uma forma precisa, ao passo em que é fundamentada pela sua localização geográfica. Ou seja, a razão dada para justificar as atuais

condições do São Geraldo é da ordem das “causas naturais”, e não da do social, a qual colocaria em questão as formas pelas quais a cidade foi (é) administrada. Enfim, se por um lado é posto que o São Geraldo é diferente, por outro ele é definido como semelhante, pois, o que aquele discurso faz significar é que ele é igual a qualquer outro bairro que estivesse sob tais determinações geográficas seria: diferente.

Outro ponto que gostaríamos de sublinhar é o fato de que na materialidade do discurso do diretor, ser *uma área de baixo valor econômico* surge como uma causa para o São Geraldo não ter tido *chance de se projetar*, e não como um efeito da atuação dos *homens públicos que passaram pela administração de Pouso Alegre*. Outra paráfrase daquele discurso que propomos é: o bairro é *um lugar para os menos afortunados pela vida*, isso porque é *uma área de baixo valor econômico*, isso porque *não teve chances de se projetar*, isso tudo porque os *homens públicos que passaram pela administração de Pouso Alegre* não trataram das consequências dele ser *margeado por dois rios, alagável nas épocas de vazante do Mandu e Sapucaí Mirim*. Com esta nova modificação, o que pretendemos destacar é que a falta que faz com que o bairro seja uma região *de baixo valor econômico*, não é a de oportunidade (*chance*), assim como no discurso do diretor, mas sim a do Estado, que não efetivou intervenções para atender às necessidades do bairro, decorrentes da sua localização entre os rios.

Retomando o lema estabelecido pela Associação Viva Geraldo, com a matéria do Jornal Folha do Vale observamos que aquele é uma das realizações mais significativas para a campanha feita pela associação. Na página do jornal, abaixo do título da reportagem, com letras destacadas em negrito em um tamanho superior é dito: *Projeto “Eu amo o bairro São Geraldo. Eu cuido do bairro São Geraldo” é destaque na programação*. No último parágrafo do texto, discorrendo sobre a reunião na Câmara dos Vereadores, está escrito: *concluindo, os representantes do bairro afirmaram que “a partir desta semana, o lema do Viva Geraldo! é ‘Eu amo o bairro São Geraldo. Eu cuido do bairro São Geraldo’*. E por fim, é acrescentado que *foram distribuídos adesivos para carro com o slogan da campanha patrocinados pela Folha do Vale*. Anteriormente notamos como a negatividade sobre o São Geraldo é negada no discurso do bairro, e vimos que a afirmação que surge junto com essa negação é a de uma positividade em relação a ele. Assim, não poderíamos deixar de perguntar sobre o modo como essa positividade se encontra no slogan da campanha elencado acima, uma vez que este foi um dos pontos fundamentais do trabalho da imagem do bairro empreendido com o evento.

Tal lema traz o pré-construído (PÊCHEUX, 2009) de que “quem ama cuida”. Poderíamos destacar algumas negações significadas com esse dito, porém acreditamos ser

mais produtivo prosseguirmos pelo caráter principal do mesmo, que é o de afirmação. Esta, que consiste em determinar alguns sentidos sobre o “amar”, que acaba significando aí como “cuidar”. No slogan da campanha, esse dizer é reinscrito, e recebe a inserção de alguns termos que o contextualiza na cidade de Pouso Alegre: “*Eu amo o bairro São Geraldo. Eu cuido do bairro São Geraldo*”. Neste caso, além dos sentidos do pré-construído retomado, surgem novas colocações relacionadas à situação em questão. E estas são praticamente duas: “eu amo o bairro São Geraldo”; “eu cuido do bairro São Geraldo”. As afirmações presentes no lema, não ultrapassam a de que um alguém ama o São Geraldo, a de que um (outro) alguém cuida do São Geraldo, e a que surge na retomada do pré-construído “quem ama cuida”, que é o “não dito” que liga essas duas proposições e torna um só o sujeito que ama e o que cuida do bairro. E assim, o fator positivo que se busca significar nesta ocasião é o de que alguém ama e, consequentemente cuida do bairro.

Quando perguntamos a respeito dessa necessidade de se destacar, através de uma campanha, que existe um sentimento de amor para com o bairro na cidade, vemos que ela se constrói sobre aquele pressuposto de que a forma predominante da relação dos pousoalegrenses para com o São Geraldo é no mínimo a do desafeto, ou mesmo a da hostilidade. Esse pré-construído do discurso do bairro pode ser observado também por outro ângulo, em outra passagem do pronunciamento do diretor do Ciem do São Geraldo, no momento em que ele diz que “*o bairro pede para ser visto com carinho e não piedade*”. A diferenciação entre “carinho” e “piedade” colocada neste discurso, nos leva a pensar sobre as condições em que tais formas de sentimentos podem acontecer. “Piedade”, assim como o “carinho”, pode ocorrer para com algo que é amado, admirado ou considerado. Porém, a ocasião em que o sentimento de carinho não encontra possibilidade de existência é a da relação de hostilidade. Mas a piedade sim. Um sujeito pode ter esse sentimento até para com aquilo que ele odeia, mas não o carinho. E o que o discurso do bairro demonstra é que a piedade, que deixa a margem para se considerar estes sentidos de hostilidade, já é um sentimento marcante para com o São Geraldo em Pouso Alegre. Piedade, a qual se procura substituir justamente pelo carinho. Enfim, entendemos a piedade aí pronunciada como uma “metáfora” (PÊCHEUX, 2009) da hostilidade, que, portanto reafirma essa forma de sentimento para com o bairro. Realizando este “deslize” teríamos: “o bairro pede para ser visto com carinho e não hostilidade”.

Analisando ainda outro “ponto de deriva” (IBIDEM) daquele enunciado, questionamos se o carinho não seria uma “metáfora” do amor. Tendo em vista ambos os deslizes destacados, o discurso do diretor não poderia ter sido: “o bairro pede para ser amado

e não hostilizado”? Sabemos que não foi. Porém, é considerando as suas “condições imediatas” de produção (ORLANDI, 2009), nas quais o lema “*Eu amo o bairro São Geraldo. Eu cuido do bairro São Geraldo*” é uma formulação que condiciona os seus sentidos, nele vemos a possibilidade de significação dessa demanda de algo que vai além do cuidado ou do carinho: o amor.

O que o slogan da campanha precisamente faz é colocar ao nível da formulação do discurso certos sentidos “silenciados” (ORLANDI, 2007) em Pouso Alegre do/sobre o São Geraldo. Um possível enunciado de base para eles seria: “O São Geraldo é amado”. São sentidos de amor em relação ao bairro, que constituem o seu discurso, e que seus moradores e representantes, neste caso, procuram fazer significar também fora do bairro. Considerando os dizeres de Payer (IBIDEM, p.53), a respeito da “memória silenciada”, que indica que a formulação dos seus sentidos pode criar condições para que venham a significar aqueles que ainda “não foram ou não são contemplados como possíveis no conjunto do dizível”, compreendemos que o lema da campanha formula certos sentidos constitutivos do bairro, cumprindo o objetivo de produzir a possibilidade de que eles se inscrevam também na formação discursiva dos não-moradores do mesmo. Não estamos afirmando que esses determinados sentidos “não foram ou não são contemplados como possíveis no conjunto do dizível”, mas que eles são sim impossíveis, irrealizados, porém em uma região específica desse conjunto, que é a da formação discursiva dominante em Pouso Alegre nos discursos sobre o São Geraldo. Assim, no lugar possível, o “discurso do bairro”, os dizeres “*Eu amo o bairro São Geraldo. Eu cuido do bairro São Geraldo*” são formulados, para que os sentidos que possam derivar da sequência “o São Geraldo é amado” se inscrevam na cidade. E como a memória “não restitui frases escutadas no passado mas julgamentos de verossimilhança sobre o que é reconstruído pelas operações de paráfrases” (ACHARD, 2010, p.16), entendemos que essa inscrição já cria as condições para que os sentidos de carinho, de cuidado, de afeto, enfim, para que os “não-sentidos” do São Geraldo venham a significar no discurso do *restante da cidade*.

Agora passaremos a apreensão de outra instância da produção desses discursos, a da sua “circulação”, afinal temos em vista que “os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam” (ORLANDI, 2008b, p.12). Para nós, a circulação é referente aos “trajetos dos dizeres” (IBIDEM, p.11), que por sua vez, não diz respeito à movimentação física de uma formulação por um determinado espaço. Ela está ligada às maneiras pelas quais os sentidos são postos em trânsito: “escritos em uma faixa, sussurrados como boato, documento, carta, música, etc.” (IBIDEM). Ou seja, a circulação se relaciona à forma material

em que os sentidos tomam corpo na formulação. Materialidade que não é estática. Quer dizer, ainda que na prática ela seja uma faixa imóvel em algum prédio, ou uma carta esquecida no fundo de uma gaveta, antes ela já circulou do plano da constituição para o da sua formulação. E nestes casos, quem sabe moverá novamente ao interpelar o sujeito que caminha em direção ao prédio, ou o outro que procura algo guardado na mobília.

Esses esclarecimentos nos auxiliam em nossa devida exposição do modo como apreendemos a circulação do discurso que estamos analisando. A distribuição de *adesivos para carro com o slogan da campanha*, feita durante o evento *Semana do Bairro*, foi a forma escolhida pelos representantes do São Geraldo para fazerem isso acontecer. Aqui, além de ser realizada como entendemos teoricamente, assim como assinalamos no parágrafo anterior, a circulação ocorre ainda de uma segunda maneira. Nesta ocasião, os sentidos do enunciado “*Eu amo o bairro São Geraldo. Eu cuido do bairro São Geraldo*”, primeiramente são postos em circulação em forma de adesivos, e estes, posteriormente, percorrem as ruas pelo movimento dos carros que os carregam. Seria diferente se ao invés de fazer e distribuir adesivos para carros, eles fossem fabricados para serem fixados em casas, por exemplo, que não se movimentam pela cidade.

Essa especificidade nos remete novamente à distinção entre os sentidos do São Geraldo em Pouso Alegre, ou, pelo menos ao modo como essa divergência aparece no imaginário do bairro. Pois ela indica que, para os moradores e seus representantes, é fundamental fazer com que os sentidos dessa afirmação de amor para com o São Geraldo possam ultrapassar limites. Não só o do seu silenciamento, mas o que há entre esses sentidos e o imaginário da cidade. Inscrição esta que, pelo modo de circulação daquele discurso, através dos automóveis, se procura atingir com uma última transgressão: a dos limites do próprio São Geraldo. Por essa perspectiva observamos em destaque a diferenciação sendo posta em relação ao espaço da cidade, e compreendemos que o efeito da oposição entre as maneiras de se interpretar o bairro em Pouso Alegre dividem principalmente os que nele moram ou não. E se anteriormente discorremos sobre a posição discursiva em que os sentidos de amor para com o São Geraldo encontra a sua possibilidade de produção, agora, relevando também a particularidade dessa sua maneira de circulação, podemos dizer: do lugar possível, o (discurso do) bairro, eles são formulados para circular (significar) em regiões (discursivas) desconhecidas na cidade.

O material que estamos analisando nos mostrou diversas formas escolhidas pelos moradores do São Geraldo para reverter a negatividade pela qual eles compreendem que o bairro é interpretado em Pouso Alegre. Antes, vimos como, ao negá-la, o seu discurso produz

a afirmação de certos sentidos positivos sobre ele. Agora chegamos ao momento em que buscaremos observar como ela está significando: quais são os sentidos da negatividade aí? Essa indagação pode ser discutida através da abordagem de outra menção do diretor da escola CIEM São Geraldo que, segundo o Jornal, disse: *tráfico de drogas, prostituição e violência não são problemas isolados do bairro*.

Tendo em consideração a distinção que ressaltamos, entre os sentidos do São Geraldo na formação discursiva dos seus moradores, e na do restante de Pouso Alegre, sustentada no próprio discurso do bairro, neste momento podemos perceber sentidos dessa formação discursiva dos não-moradores que também se fazem presentes no discurso do São Geraldo. Na passagem em questão, eles se encontram através dos pré-construídos que nela são retomados. Estes, de acordo com o enunciado, se relacionam à significação do bairro como o local em que *tráfico de drogas, prostituição e violência* são praticados na cidade. Essa declaração da existência de tais atividades no São Geraldo não é negada, pelo funcionamento daquele discurso, esse pré-construído é até mesmo admitido. E ele consiste assim em uma negatividade que primeiramente é atribuída ao bairro, e que adquire esse modo de significar ao passo em que aquelas ações são reconhecidas enquanto “*problemas*” do mesmo. E é sobre esse primeiro pré-construído que um outro é retomado, isso nas seguintes palavras: “*não são problemas isolados do bairro*”.

Com essas, notamos novamente que o trabalho no sentido *do São Geraldo na cidade de Pouso Alegre*, pelo qual se busca a *melhora do bairro no restante da cidade*, ocorre especificamente através de uma sobreposição de sentidos, que em última instância produz o efeito de igualdade do bairro. Diversa é a maneira como essa sobreposição é realizada, pois oscila de acordo com a situação. Inicialmente ela está direcionada aos sentidos do bairro, e em seguida aos de outros espaços da cidade. No instante em que o pressuposto é a positividade (de outros bairros), como a valorização econômica, a boa infraestrutura, a sobreposição é a das suas diferenças, e o que ela faz significar é: o São Geraldo é igual a outros bairros. Mas, ao passo em que a hipótese é a da sua negatividade, o que é sobreposto são as diferenças entre os próprios bairros da cidade, e os sentidos produzidos neste momento são os de que: outros bairros são iguais ao São Geraldo. No primeiro caso, o bairro é igualado aos demais, já no segundo estes é que são assemelhados a ele. Enfim, o que o discurso do bairro nos permite compreender é que a negatividade que ele busca negar, assim como a positividade que ele procura afirmar, também está girando em torno da diferença e da igualdade entre o São Geraldo e os outros espaços de Pouso Alegre. Para os moradores do bairro, a negatividade é

referente à sua definição como um espaço único. Eis o pré-construído retomado pela negação em seu discurso: “o São Geraldo é diferente”.

Negativo é ser diferente, ou ser diferente é negativo? Ser colocado como um local distinto dos demais, aqui é significado como algo prejudicial. Por quê? Negativo não é necessariamente o diferente, e este, por sua vez, não possui uma negatividade inerente para existir. Aspectos favoráveis podem estar diferenciando um bairro, do mesmo modo em que não precisaria exclusividade para o mesmo ser negativo, pois a verificação de outros iguais a ele não anularia esse seu atributo. E, antes de tudo, como já destacamos “o sentido é sempre relação à” (CANGUILHEM, 1990 *apud* PÊCHEUX, 1994). Portanto, é devido aos fatores que constituem a especificidade serem desfavoráveis ao São Geraldo que em seu discurso se procura evitá-la.

Observamos isso anteriormente, quando notamos que os moradores afirmam a igualdade baseados no pressuposto de que a sua particularidade em questão não atrai benefícios para o bairro. E é o que agora, por outra perspectiva novamente entendemos. Pertencer ao imaginário da cidade como o único em que o tráfico de drogas, a prostituição e a violência são empreendidos não traz vantagens para ele. É nesta medida em que o pré-construído de que “o São Geraldo é diferente” aqui é retomado pela negação no discurso do bairro, devido às práticas que constituem o sentido dessa diferença.

Inicialmente sublinhamos que para os moradores do bairro o principal não é somente “cuidar” do seu espaço, mas também “mostrar” que ele é um local que pode ser melhorado. Notamos que as ações realizadas durante a campanha foram feitas também para expor aos governantes que assim como outros bairros ele é um local receptivo para investimentos infra-estruturais. Agora, após as análises deste capítulo, podemos por fim acrescentar a consideração de que os habitantes do São Geraldo de fato estão buscando estas mudanças através de certas mostras aos seus não-moradores, que, porém, na maioria das vezes essa exposição é feita pela formulação de sentidos que em outras formações discursivas não se realizam de um modo a alcançá-las. Observamos que o discurso do bairro, nestes casos, não metaforiza os sentidos das suas reivindicações com palavras que fazem eles se inscreverem na formação discursiva da administração da cidade, que é a esfera de onde as melhorias do São Geraldo deveriam começar a ser efetivadas. Ele não diz, por exemplo, “é uma obrigação da administração da cidade realizar melhorias no bairro, assim como é feito no restante da cidade”, “o bairro pede para ser visto com seriedade, tratado com a responsabilidade que uma administração municipal deve ter e não com descaso”, ou até mesmo: “ainda que você não ame o bairro você deve respeitá-lo!”. No caso do lema “*Eu amo o bairro São Geraldo. Eu*

cuido do bairro São Geraldo”, por exemplo, o devido “cuidado” que o bairro deve receber é posto como uma incumbência da própria população da cidade, como um encargo das práticas assistencialistas e não do Estado. O “cuidar”, nesta ocasião, é colocado como um compromisso exclusivo daqueles que “amam” o bairro, e não precisamente dos órgãos públicos que o administram.

Lembremos novamente do discurso do diretor do Ciem São Geraldo, especificamente da passagem em que ele diz que o bairro *é um retrato da insensibilidade dos homens públicos que passaram pela administração de Pouso Alegre*. Aqui, ele não remete a atual situação do São Geraldo à histórica falta de responsabilidade que os governantes tiveram para com o bairro. Gesto este que poderia fazer o funcionamento deste discurso passar do desabafo ao protesto. O diretor atribui as condições precárias à falta de algo que de certa forma é opcional para um administrador, e não para aquilo que é obrigatório até mesmo para o político mais indiferente em seu lado pessoal. Ele diz que a questão foi devida à falta de sensibilidade, e não à falta de compromisso *dos homens públicos* para com a região que eles governaram, em suma: à falta do Estado. Dada a afeição dos moradores pelo bairro, os seus discursos seguem na direção de afirmar para os pousoalegrenses os aspectos positivos que ele contém. Eles expõem o sentimento de *amor* que possuem pelo São Geraldo, clamam para que ele seja visto com *carinho* e não *piedade*, ou *hostilidade*. No entanto, nestas condições, a busca por mudanças fica na esfera sentimental, e não chega a atingir o plano político. O amor “vence” a luta.

5. Distante e distinto.

Até agora já tivemos a oportunidade de apreender alguns sentidos que constituem o imaginário sobre o São Geraldo. Porém, essa abordagem não foi empreendida pelas “formações imaginárias” (PÊCHEUX, 1969) presentes no “discurso do urbano”, mas sim a partir daquelas realizadas nos discursos que estão funcionando sob o modo do “discurso da cidade” que, para Orlandi (2001), é o discurso que diz a cidade em seus sentidos, sempre em movimento. Ou seja, como destacamos, na parte anterior, esses sentidos foram notados por nós através da “antecipação” existente nesse discurso. Essa observação que antes atingimos de uma maneira secundária, nesta seção passa a ser o nosso principal objetivo. Dessa maneira, o que agora pretendemos é compreender como o “discurso do urbano” produz sentidos sobre o São Geraldo. Como o bairro é significado no imaginário que aí se constitui?

Os materiais que escolhemos para esta etapa são variados. Por isso dividimos a apresentação das nossas análises em dois momentos. Primeiramente traremos uma imagem referente ao São Geraldo que foi formulada em uma rede social na internet. Analisaremos também alguns “gestos de interpretação” (ORLANDI, 2012) dessa imagem, realizados na forma de comentários sobre ela. E por fim, na última parte deste capítulo trataremos da página da cidade de Pouso Alegre no site Desciclopédia, precisamente dos enunciados que falam do São Geraldo. Ainda que esses textos marquem uma diversidade do nosso corpus, por outro lado eles indicam uma semelhança, que reside no fato de que todos eles foram formulados e circulam na *internet*. Com isto, somos levados a tecer algumas considerações sobre o modo como esse processo discursivo vem sendo tratado em nosso campo teórico, analisando sua materialidade, a digital.

Para discorrer sobre a materialidade digital em que o urbano se diz, também temos vários estudos realizados a partir do dispositivo teórico da Análise de Discurso que produzem conhecimentos que abrem um leque de questões para pensá-la.

Assim como o Estado capitalista funciona até mesmo pela falta na individuação dos sujeitos (ORLANDI, 2012a), começamos sublinhando a abrangência do eletrônico dizendo que ele também produz um efeito de certa maneira similar, sendo que até “os que não tem acesso à internet são afetados pelo digital” (ABREU, 2011, p.67). Mesmo aqueles que não acessam esse espaço são determinados por ele, ainda que pela falta. Essas consequências acarretadas pelo digital não ocorre simplesmente pela existência de aparelhos eletrônicos, ou pela amplitude que a internet vem adquirindo, mas através da “discursividade do eletrônico”

(DIAS, 2011). Quer dizer, pela relação entre o modo como as novas tecnologias são desenvolvidas, o estatuto que elas adquirem ao interpelarem os sujeitos, e a forma como a própria sociedade se re-significa ao significá-las. Enfim, o efeito produzido pelo digital na atualidade não se resume aos objetos eletrônicos, ela está no:

Processo histórico e ideológico de significação da nossa sociedade contemporânea, do modo como estamos nela, como significamos os espaços e somos por eles significados, da forma como somos individuados pelo Estado na forma do discurso da tecnologia (IBIDEM, p.23).

No contexto dessas determinações do eletrônico, em que temos a sua presença e a sua falta, ambas afetando os sujeitos, notamos que essa última ainda cria condições para a produção de uma sobreposição da exclusão social. A presença desta falta produz a possibilidade do deslize para o discurso da “inclusão digital” os sentidos da “inclusão social”, (CASTELLANOS PFEIFFER e DIAS, 2008, *apud* SARIAN, 2011, p. 81). Atuando em meio à divisão social, a distribuição do digital, assim como a própria sociedade, também é dividida. A igualdade social, impossível do capitalismo, desliza para igualdade digital, e a primeira, pressuposta inicialmente pelo discurso da inclusão social como meta a ser atingida, metaforizada no discurso da inclusão digital é sobreposta pelos sentidos da segunda. Mas, assim como para a igualdade social, na contemporaneidade, não há condições para a igualdade digital ser efetivada.

Castellanos Pfeiffer e Dias nos dizem ainda sobre um outro deslizamento, desta vez da inclusão digital “para ‘alfabetização digital’ trazendo aí a Escola como lugar onde essa indistinção social/digital se dá pela educação (IBIDEM). A impossibilidade da igualdade digital se constitui justamente pela impossibilidade da igualdade social, e nestas tentativas de se preencher uma falta com outra falta, uma desigualdade com outra desigualdade, novos deslocamentos em relação aos sentidos de igualdade social/digital vão sendo produzidos, assim como as autoras nos falam. Dessa forma, a discursividade do eletrônico cada vez mais adquire novos lugares para se significar. E é nestas condições em que ela vem ocupar também o espaço urbano.

Teorizando essa determinação da cidade pelo eletrônico, e a da sociabilidade por ambas, Dias (2011) trabalha com a categoria “e-urbano” para significá-las. Ela diz que o “e-” proveniente do eletrônico, “passa a constituir o espaço urbano em sua própria formulação”, que assim, palavras como “e-book, e-learning, e-busines, e-gov e outras como, e-comércio, e-cidadania, e-compras, estão tomadas, de modo geral, na evidência do sentido, como se o

eletrônico fosse um sentido natural para todos” (IBIDEM, p.11). E é para não deixar de considerar esse aspecto do real da cidade, a sobreposição do urbano pelo eletrônico, para que ele não seja tomado em sua evidência, que a autora utiliza do conceito “e-urbano”. “Através dele, da forma material da palavra, mas também da forma material da cidade”, como ela própria diz (IBIDEM, p.14), podemos compreender: “1) o processo de produção de sentido no e do espaço urbano, significado pelo eletrônico, e 2) o processo de produção da vida no que diz respeito às suas relações sociais nesse espaço urbano significado pelo eletrônico”.

Tendo em vista que os comentários que analisaremos, além de serem “gestos de interpretação” (ORLANDI, 2012) da imagem sobre o São Geraldo, assim como os discursos do Desciclopédia, “intervêm no real do sentido” (IBIDEM) do próprio bairro, isto é, que não são gestos de interpretação somente da imagem, mas sim do próprio bairro, podemos dizer que aqui também exploraremos o espaço “e-urbano” (DIAS, 2011), porém guiando-nos por uma coordenada inversa. Pois, o que apreenderemos será principalmente o processo de produção de sentidos no e do espaço eletrônico significado pelo urbano. No espaço eletrônico: afinal ele é a materialidade pela qual o imaginário sobre o São Geraldo é realizado neste caso. E do espaço eletrônico: ao surgir assim como outra materialidade discursiva na qual o real da cidade vem se inscrever.

Em nosso terceiro capítulo fizemos uma discussão a respeito da “memória”, e mostramos uma das maneiras como ela é compreendida em nossa perspectiva, expondo principalmente o conceito de “interdiscurso” (PÊCHEUX, COURTINE). Agora chegamos ao momento em que é necessário apresentarmos outros modos como ela é teorizada em nosso campo. Além da memória constituída pelo esquecimento, o “interdiscurso”, que é o irrepresentável, “pensado antes, em outro lugar ou independentemente” (PÊCHEUX, 2009), aquele no qual ressoa “somente uma voz sem nome” (COURTINE, 1999), temos ainda a “memória institucional” e a “memória metálica” (ORLANDI, 1996).

A “memória institucional”, que também pode ser chamada de “memória de arquivo”, é aquela que “não se esquece, ou seja, que as instituições (Escola, Museu, eventos etc.) praticam, alimentam, normatizando o processo de significação, sustentando-o em uma textualidade documental” (IDEM, 2006, p.5). É o arquivo de materiais institucionalmente mantidos. Quanto à “memória metálica”, ela pode ser compreendida através da sua diferenciação para com a memória discursiva. Enquanto esta última consiste em uma “memória histórica”, “vertical”, marcada pelo esquecimento, a metálica é justamente “a que não falha”, uma memória “formal”, “horizontal”, que “lineariza”, por assim dizer, o

interdiscurso, reduzindo o saber discursivo a um pacote de informações” (ORLANDI, 2012, p.15,16).

A noção de “rede” (IDEM, 2008b), entendida tanto em relação à televisão como ao computador, sendo que, em ambos, a memória é metálica, nos diz sobre essa linearização da memória. Uma rede de informações vai se formando no espaço eletrônico, e com ela uma memória linear, serializada, que não se verticaliza, não se historiciza. Na televisão, por exemplo, “um fato é interpretado por outro já disponível na rede” (IBIDEM, p.182), certos sentidos são fixados, não outros. E o efeito de evidência que daí decorre gera a serialização dos fatos (dados) nos/pelos fios dessa rede (“paráfrase”), produzindo uma imobilidade do acontecimento na história, que por essa inscrição poderia trazer outros sentidos (“polissemia” [ORLANDI, 2011]). Estabilização da interpretação nos/pelos cabos da rede.

5.1. Aterrado na Depressão.

A imagem e os comentários que analisaremos foram postos em circulação na rede social do *Facebook*. A página responsável por produzi-la é denominada *Pouso Alegre da Depressão*. Assim como para Pouso Alegre, para outras cidades também foram criadas páginas “*da Depressão*” no Facebook. Através do compartilhamento de fotos, textos e vídeos, além de críticas ou notícias, na maioria das vezes essas páginas realizam piadas, sátiras e paródias referentes ao município em questão. Ou seja, como o próprio nome indica, as páginas ditas *da Depressão* têm como característica principal o fato de produzirem formulações que jogam com acontecimentos e com aspectos repudiados pela população de uma determinada cidade.

Ressaltamos que é neste espaço do digital, ou melhor, é de acordo com essa formação discursiva *da Depressão* que o bairro São Geraldo está sendo significado da forma como veremos na imagem a seguir, que consiste em uma montagem em que o desenho infantil *O Rei Leão* é parodiado. Vejamos:



Nesta imagem, *Mufasa*, o *Rei Leão*, e *Simba* podem ser compreendidos de diferentes modos. Dois deles são: *Mufasa* como um rei, mostrando ao seu sucessor os domínios do seu futuro reino; ou *Simba* como um filho, aprendendo com seu pai sobre o local em que eles vivem. Seguiremos com a consideração de que se trata de um ser mais experiente significando a cidade/reino para um jovem. O pai diz: *tudo o que o sol toca é Pouso Alegre*. O filho expressa seu espanto (*wow*), e em seguida questiona: *Mas e aquele lugar escuro?* Por fim seu pai responde: *é o Aterrado*. O bairro é posto para o jovem como uma região que jamais deve ser visitada (*você nunca deve ir para lá Simba!*), visto que ele deve percorrer somente os domínios do seu reino. O São Geraldo, quer dizer, o Aterrado, é colocado como um local que não pertence a Pouso Alegre.

As terras do reino são extensas, ultrapassam a paisagem que pode ser observada de cima de uma colina. Os seus contornos não estão sendo postos nos pontos mais longes, não estão sendo dados de acordo com a distância geográfica, pois *tudo o que o sol toca*, isto é, até mesmo os lugares que estão além do alcance do olhar, fazem parte do reino. Eles estão sendo

estabelecidos no interior das próprias terras, e para fazer essa sua delimitação do território, o *Rei Leão* utiliza a relação entre a luz e a sombra. A luz está permitindo a definição dos limites: os locais iluminados são parte do reino e o(s) espaço(s) escuro(s) não. Mas o sol não estar atingindo o Aterrado não é o motivo pelo qual ele está posto como não pertencente à cidade, por esta via, a escuridão sobre ele é somente a alternativa escolhida para que se possa explicar o modo como para o pai, o bairro, mesmo estando localizado “dentro”, permanece “fora” da cidade. As fronteiras não estão sendo dadas de um modo em que os seus contornos exteriores podem ser apontados. *Mufusa* não mostra o reino para seu filho dizendo que ele é, por exemplo, “tudo o que há entre estas colinas e o rio”, ou simplesmente “tudo o que podemos ver”, sendo que um dos lugares que assim seria incluído nesse domínio para ele não faz parte.

Em seu discurso, o pai busca a “organização” (ORLANDI, 2001) da cidade (na luz), já no discurso do filho é o “real da cidade” (IBIDEM) que (se) significa (na escuridão), “desorganizando” o “imaginário urbano” do pai.

Notamos que a explicação a ser realizada é confusa, tanto para o adulto que a profere, como para o jovem que busca entendê-la. Em relação ao pai, podemos perceber essa dificuldade na sua escolha de utilizar o sol como um ponto de referência para fazer a demarcação da cidade, uma vez em que as coordenadas geográficas a partir dos elementos da paisagem não favorecem o tracejo desse limite. E quanto ao filho, ela é significada nas diferentes expressões que ele apresenta no decorrer da imagem: primeiramente *Simba* contempla a vista; em seguida, quando percebe que há uma área que não está sendo atingida pelo sol, mas que está no interior do reino, confuso, sob um olhar de insegurança ele faz um questionamento; e no momento em que recebe a resposta de seu pai, que confirma a contradição que produziu a sua dúvida, ele fica espantado. Uma paráfrase deste diálogo, que expõe o que estamos compreendendo poder ser:

Pai: *Tudo o que o sol toca é o nosso reino.*

Filho: *Mas e aquele lugar escuro ali?*

Pai: *Eu disse somente o que o sol toca!*

Filho: *Mas ele está no meio do reino.*

Pai: *A questão não é onde está, sim o que é¹³.*

Filho: *Como assim?*

Pai: *Ele está entre o reino, mas não é parte dele.*

Filho: *Por quê?*

¹³ Ao dizermos em nossa paráfrase que “a questão é o que aquele lugar é”, o que estamos pretendendo destacar é que para a posição-sujeito do *Rei Leão* o que importa é a projeção feita pelo imaginário urbano sobre o Aterrado. Ou seja, para ele, “o que é”, já é um resultado do discurso de organização da cidade.

Pai: *Porque é o Aterrado.*

Filho: *Nossa!*

As diferentes interpretações que os personagens fazem do Aterrado podem ser observadas ainda quando analisamos a dêixis daquele discurso. O filho menciona o bairro como *aquele lugar escuro ali*, e seu pai diz que *aquilo lá é o Aterrado*, e que *Simba nunca deve ir para lá*. Com os termos *aquele lugar*, *Simba* acusa o distanciamento entre ele e o bairro, que é inevitável, visto que no momento em que elas são proferidas ele está no alto de um monte. Porém, com a expressão *ali*, ele indica ainda que essa distância entre eles é curta. Ele aponta para o bairro tomando como referência a geografia da cidade, e mostra a proximidade que há entre ele e o Aterrado, na medida em que esse está localizado no interior da cidade em que ele vive. Na palavra *escuro* ele se mostra intrigado por causa da relação *sol/sombra*, e de acordo com o seu parâmetro ele não está longe nem de um e nem de outro. *Simba* faz significar que o espaço da cidade é tomado por “luz” e por “escuridão”, e que isto é uma questão geográfica. Escuridão aqui é “ausência da luz do sol”.

O *Rei Leão* também (se) afasta (d) o bairro. Mas a significação do precipício entre eles extrapola a do que há do topo da colina para a planície da cidade. Para ele o Aterrado não está localizado *ali* (perto), está *lá* (longe). Ele sobrepõe aquela distância geográfica, determinada exclusivamente pelo despenhadeiro da montanha, pela formulação de um abismo simbólico que produz o afastamento social entre o bairro e a cidade. Para o pai, que, filando-se ao “discurso do urbano”, está colocando a “luz” e a “sombra” como uma metáfora para dizer o que é (ou não) espaço urbano, “escuro” não é “ausência de luz”, assim como para o filho, mas pode ser entendida como “carência de organização”.

Um outro ponto em que podemos observar essa exclusão do Aterrado do *reino* de Pouso Alegre está na forma como o *Rei Leão* se refere ao mesmo. Enquanto *Simba* o aponta como um lugar: *aquele lugar escuro ali*, o seu pai retira o bairro desta categoria. Para ele o Aterrado é *aquilo lá*. Como dissemos mais acima, para o filho, aquele local estar escuro não necessariamente o difere do *Reino*, pois se trata simplesmente de um *lugar* que não está sendo atingido pela luz solar naquele momento, mas que ainda sim faz parte do *reino*. Ou seja, o que ele avista *ali* é um bairro, é a cidade, é um *lugar*. Já nos dizeres do pai a indeterminação sobre o que é o Aterrado, posta na palavra *aquilo*, incide sobre o atributo de *lugar* produzindo o efeito de contraposição a esta declaração de *Simba*. Desse modo, ele não só desintegra o bairro da cidade, além disso, ele acaba por definir o bairro pela negação da interpretação do filho. Assim, para o pai o Aterrado é “qualquer coisa” menos um *lugar*. Quer dizer, é um *não-*

lugar, um não-bairro, ou, como o seu discurso de um modo geral significa, é um não-reino, um não-Pouso Alegre.

O *Rei Leão* encontra na luz do sol uma referência para dizer a seu filho que, embora o Aterrado esteja entre as terras do reino, isto é, entre os outros bairros da cidade, ele não está “dentro” de Pouso Alegre. Mas ele não expõe as razões pelas quais isso acontece, ele somente coloca que o bairro é uma área que não deve ser percorrida, que não faz parte da cidade simplesmente porque é o Aterrado. Embora a formulação desses sentidos sobre o bairro, que faz com ele seja interpretado como um lugar alheio a Pouso Alegre não esteja sendo realizada nesta imagem, ela pode ser observada em seus comentários, e no discurso do Desciclopédia também, como mostraremos por fim.

Quanto aos comentários, primeiramente sublinharemos que eles foram diversos, indo desde uma risada, uma insatisfação, representadas, por exemplo, por um *kkkk* ou um *nda aver*, até a elaboração de textos mais argumentativos. Para integrar o nosso corpus não elencamos todos eles, fizemos alguns recortes de acordo com os objetivos deste capítulo e trouxemos somente alguns, que somados consistem especificamente em oito formulações. Dividimos as nossas análises em dois momentos, em cada um deles destacamos quatro comentários. Primeiramente tratamos dos discursos que estão se filiando aos sentidos sobre o São Geraldo que foram postos em circulação na imagem exposta há pouco, e em seguida daqueles que significam o bairro de outro modo, que como veremos, estão funcionando como “discursos da cidade” (ORLANDI, 2001).

Ainda que a principal finalidade deste capítulo seja analisar o “discurso do urbano” (IBIDEM) sobre o São Geraldo, consideramos relevante abordar também estes “discursos da cidade”, afinal, além das importantes questões que eles estão nos apontando, como inicialmente esclarecemos, o objetivo geral desta dissertação é compreender o modo como o bairro é significado na cidade por ambas as vias: o real (da cidade) e o imaginário (urbano). E a opção de apresentar as análises destes enunciados neste capítulo e não no anterior foi escolhida por nós devido a presente ocasião ser a que estamos trabalhando com a imagem sobre a qual eles foram redigidos e também com os outros dizeres com que eles estão dialogando.

Os quatro primeiros comentários¹⁴ que abordaremos serão:

¹⁴ A identificação das pessoas que escreveram os dizeres que aqui analisamos, como antes já discutimos, não é um fator relevante para nós, portanto, estaremos somente tratando dos comentários, e referindo-nos a eles apenas pelas expressões: “Comentário 1”, “Comentário 2”, ou apenas “C1”, “C2”, e assim por diante.

(C1) *o problema lá é os pivetinho que assiste as reprise de “Cidade de Deus”, acha que dadinho é o caralho meu nome é zé pequeno, ficam pedindo 1 real pra tds.*

(C2) *pior q la é esquisito, não tenho coragem de passar depois das 22h.*

(C3) *E continuando o dialogo com simba: mas certas pessoas que discriminam o lugar, na penumbra da noite muitos deles vão ao local fazer umas ‘comprinhas’.*

(C4) *A diferença do São Geraldo para outro bairro NÃO são as pessoas de ma índole que vivem la e sim como se vestem.*

Todos estes enunciados se filiam à formação discursiva dominante na imagem, a saber, aquela formação em que o imaginário pejorativo sobre o São Geraldo é realizado. Nos dois enunciados iniciais, por exemplo, a questão da circulação pelo bairro também é colocada como algo arriscado de se fazer. No primeiro pela significação de que *todos (tds)* que vão até ele são abordados por “*crianças*” (*pivetinhos*), que identificadas com um criminoso (*Zé Pequeno*), ficam lá ficam “*roubando*” (*pedindo*). E no segundo pela definição do bairro como um lugar *esquisito*, que causa o medo de passar por ele após as vinte e duas horas. Mas, embora essa filiação à imagem aconteça, todos esses comentários, cada um ao seu modo, funcionam enquanto discursos que procuram negá-la, instaurando um efeito de contraposição para com ela. Vejamos.

Isso ocorre de uma maneira semelhante em C1 e C2, em um caso nas palavras *o problema lá*, e no outro em *pior q la*. Enquanto na imagem, o *Aterrado*, com toda a abrangência que esse nome pode estar designando, é significado como algo perigoso, em C1 aquilo a ser evitado é especificado. Pelo uso do artigo *o* ele aponta qual seria *o problema*, que é dado como sendo somente um entre a totalidade do bairro. Não mais o espaço do São Geraldo, nem mesmo todos os seus moradores, mas apenas *os pivetinho que assiste as reprise de “Cidade de Deus”, [e] ficam pedindo 1 real pra tds*. Já em C2, o bairro em geral é significado como *esquisito*, como um lugar pelo qual o sujeito em questão considera arriscado *passar depois das 22h*. Porém, com as palavras *pior q*, ele categoriza essa situação, a qual ele procura dar credibilidade pela citação de seu exemplo pessoal, como algo lamentável.

Em C3 a conversação posta na imagem é retomada: *continuando o dialogo com simba*. E no desenvolvimento de uma possível continuidade para ela é feita a crítica de muitos que estão marginalizando o bairro com os seus comentários: *certas pessoas que discriminam o lugar, na penumbra da noite muitos deles vão ao local fazer umas ‘comprinhas’*. Na imagem, na penumbra do dia, o *Aterrado* é posto como um lugar escuro, ao passo em que a luz está no restante do Reino. Em C3 ocorre uma inversão dos pontos

iluminados. E na *penumbra da noite* o *Aterrado* se torna o local claro e o restante da cidade o ponto escuro. É com este deslocamento de períodos, do dia para a noite, que o sujeito de C3 procura amparar o São Geraldo, lembrando que muitos daqueles que estão significando o bairro como um lugar que não deve ser percorrido ainda sim o faz. Enfim, segundo C3 ele não deve ser discriminado dos demais lugares da cidade por quem trata o caminhar pelo bairro como uma questão de momento, de quando andar por ele. Em C4, que diz que a *diferença do São Geraldo para outro bairro NÃO são as pessoas de má índole que vivem lá e sim como se vestem*, com a negação aí posta, e o deslocamento da diferenciação do bairro dos seus habitantes para o modo como estes se vestem, também observamos a pretensão de se defender o São Geraldo.

A negação da filiação aos sentidos postos na imagem ocorre de maneiras distintas nos dois primeiros enunciados e nos dois últimos. Em C1 e C2 ela acontece apenas em momentos específicos: no primeiro caso pela delimitação do *problema* em relação ao bairro; e no segundo pela classificação de lastimável o aspecto de *esquisito* que ele coloca. Já nestas duas últimas sequências, mesmo que retomando o diálogo estabelecido na imagem, como é feito em C3, o que se procura é deslocar os seus sentidos. Isso ocorre, porém não sem contradições.

No comentário 3, especificamente quando é dito que *na penumbra da noite muitos deles vão ao local fazer umas ‘comprinhas’*, um dos sentidos que constituem o imaginário negativo sobre o São Geraldo irrompe. Com o diminutivo e as aspas colocadas na palavra *compras*, junto com a definição do período noturno como o horário em que *muitos* vão ao local para consumir, quando a maioria dos comércios formais já encerrou as suas atividades, ele é significado como um lugar de tráfico de drogas. Quanto ao C4, que diz que a *diferença do São Geraldo para outro bairro NÃO são as pessoas de má índole que vivem lá e sim como se vestem*, ele também produz o imaginário negativo sobre o bairro. Ainda que haja a negação destacada no “não” escrito em maiúsculo, ela não é posta sobre a colocação de que quem vive no bairro são *pessoas de má índole*, mas sim sobre o pré-construído de que aquilo que o distingue do restante da cidade é os seus habitantes por esse aspecto. Ou seja, para dizer que é o modo de vestir da sua população que o discerne dos outros bairros, a definição dos seus moradores como *pessoas de má índole* é estabelecida. Em outras palavras, o que está sendo dito é: *a população que vive no São Geraldo são pessoas de má índole, mas a sua diferença NÃO é essa, mas sim o modo como essas pessoas se vestem*.

Até aqui podemos destacar duas considerações: por um lado, a negação da identificação com a formação discursiva que determinou a formulação da imagem sobre o São Geraldo acontece mesmo onde há a pretensão de se filiar a ela; e por outro notamos o inverso,

isto é, a identificação incide mesmo nos comentários que foram realizados para contrapor os seus sentidos. Isso é compreensível devido ao fato de que no discurso, como sabemos, não são as intenções dos sujeitos que determinam os seus sentidos, mas sim o funcionamento deste discurso em determinadas condições de produção (ORLANDI, 2009).

Agora partiremos para a análise dos quatro comentários restantes. São eles:

(C5) *as casas aqui estão custando de 50 mil pra cima, antigamente nem mil custava agora somos centro*

(C6) *eu sai deste lugar escuro preparada p/ a vida e minha honestidade e igual ou melhor do que muitos que vivem na dr lisboa...*

(C7) *Aterrado é amor ♥*

(C8) *É noooiz no Aterrado, com orgulho kkkkk ;p.*

Abordaremos as sequências acima separando-as em dois grupos. Cada um deles apresenta uma particularidade. Tanto em C5 como em C6, o que mais nos chamou a atenção, e o que assim gostaríamos de focalizar, são os sentidos relacionados à localização do São Geraldo em Pouso Alegre. A designação temporal em C5, que pode ser observada na conjugação dos verbos “estar” e “custar”, movimenta-se do presente ao passado, fazendo referência à mudança nos preços das casas: *estão - 50 mil pra cima; custava - nem mil*. Do passado há um retorno ao presente, onde o comentário é encerrado com referência ao posicionamento do bairro na cidade: *somos - centro*. Seguindo o raciocínio das duas primeiras partes deste enunciado, porém referindo-nos à questão posta na última, podemos supor uma continuidade para o mesmo: *éramos - periferia*. Afinal, como sabemos a região em que está o São Geraldo, inicialmente era considerada uma margem da cidade. Dizendo sobre ela, Gouvêa (2004, p. 107), por exemplo, cita que era uma várzea “situada em frente da cidade”. Ou seja, é um local que nem mesmo era considerado como estando “dentro” de Pouso Alegre.

No comentário 6, a conjuntura criada na imagem é retomada de uma maneira diferente da que acontece em C3, que como vimos sustenta o imaginário negativo sobre o bairro ao fazer os sentidos de criminalidade sobre ele significarem. Aqui, a colocação do bairro como um *lugar escuro* é significada de uma maneira específica no que se segue na frase: *eu sai deste lugar escuro preparada p/ a vida e minha honestidade e igual ou melhor do que muitos que vivem na dr lisboa*. É interessante sublinhar o lugar que é citado como parâmetro para fazer a comparação com o bairro: a Avenida Dr. Lisboa, que é a via com maior destaque em Pouso Alegre, localizada frente à praça central, que, mais do que isso, funciona como uma

marca de tradição na cidade. Ao estabelecer uma igualdade, e até mesmo uma superioridade entre uma pessoa que pertence ao São Geraldo e outras ao Centro, essa formulação acaba contrapondo a possível interpretação negativa sobre a colocação do bairro como um *lugar escuro*, equiparando-o com o centro da cidade. Tomando a honestidade como fator primordial para definir uma pessoa, conseqüentemente o lugar em que esta vive, e dizendo que em relação a isso o São Geraldo não é diferente, C6 faz significar que ele *não é um lugar escuro*, ou que *o Centro também é escuro*, em suma, que um e outro não se distinguem.

Antes de analisarmos os dizeres restantes, retornamos a um ponto que já destacamos, que, no entanto deixamos para discutir neste momento, em paralelo com a apresentação dessa parte do nosso corpus de pesquisa: a da grafia com a qual muitos comentários foram feitos. Ela geralmente é conhecida como o “internetês”, surgido “com a expansão da comunicação nas comunidades virtuais e redes sociais da internet” (DIAS, 2008, p.15). Assim como todo discurso, ela também é desenvolvida em condições de produção específicas, que neste caso implicam “de um lado, a matematização ou codificação matemática da língua com a linguagem de programação e, de outro lado, a língua no fluxo histórico dessa codificação” (IBIDEM, p.16). De acordo com a maneira como são interpelados ideologicamente e individuados pelo Estado, enfim, determinados historicamente, os sujeitos (se) significam (n)o internetês “através de uma formulação específica de um sentido para a linguagem de programação (...) e para a linguagem formal”. (IBIDEM, p.58).

Para abordarmos os comentários 7 e 8, elencaremos ainda a questão da “corpografia”, que segundo Dias (IDEM, p.20) consiste na “escrita determinada pelo corpo, em sua manifestação de um estado afetivo”, sendo ela definida precisamente como uma escrita que “não representa nem imita a emoção”, mas que “cria essa emoção, nas condições de produção muito específicas do computador”. E é justamente essa manifestação de um estado afetivo que podemos observar no C7 (*Aterrado é amor* ♥). Aqui, em meio a diversos dizeres e mesmo à imagem sobre o São Geraldo, que hostilizam o bairro, o sentido de amor por ele vem significar. Isso na corpografia do enunciado, que cria essa emoção em sua própria forma de acontecimento que, como dissemos, é possível devido às condições criadas pelo espaço eletrônico.

No último comentário que recortamos, *É noooiz no Aterrado, com orgulho kkkkk ;p* (C8), além do afeto, podemos notar ainda um outro aspecto relacionado à corpografia: o estilo. Retomando Deleuze e Guattari (1991, *apud* DIAS, 2008, p.43), Dias diz que para eles “a noção de afeto é inseparável daquela do estilo”, e que “pensar uma escrita produzida por afeto, seria pensar uma escrita que, pelo estilo, desfaz uma organização da língua, do corpo”,

enfim, “é levar a língua ao limite, contorcer a sua sintaxe, fazer vibrar suas linhas retas, num grito, num riso, num gosto”. É como vimos na sequência 8, por exemplo, na palavra “nós”, que foi escrita sem o acento com três letras “o” e uma substituição do “s” pelo “z”, na manifestação de risadas nos caracteres “;p” e na repetição da letra “k”. Por essas “contorções” da sintaxe, o sujeito do C8 formula seu afeto pelo Aterrado, e ainda faz significar a sua interpretação da imagem que, produzindo nele essa emoção criada no enunciado, por um lado não o deixou indiferente a ela, mas por outro também não o levou a se zangar, mas sim a debochar da situação.

Observamos que vários sentidos que constituem os moradores do São Geraldo e que são silenciados no “discurso do urbano”, encontram condições para significar no “discurso da cidade”. Como, por exemplo, o afeto, o sentimento de amor para com ele, o de orgulho de pertencer ao mesmo, e ainda uma das características do real do bairro: a sua localização central em Pouso Alegre. No comentário 5, sublinhando a valorização econômica que o São Geraldo vem adquirindo nos últimos anos, essa citação se direcionou especificamente a esse posicionamento geográfico. Mas como sabemos, “o corpo do sujeito está atado ao corpo da cidade e estes são significados por essa ligação” (ORLANDI, 2012a, p. 201), e na medida em que o seu espaço é significado como periférico, logo ocorre um deslizamento desses sentidos para os seus moradores. Eis de onde são criadas as condições para o acontecimento do discurso que afirma a centralidade do São Geraldo não só em relação ao fator geográfico, mas principalmente aos seus moradores, como no comentário 6. Neste caso, tomando como parâmetro um motivo da ordem do simbólico, os sujeitos pertencentes ao bairro e ao Centro são equiparados, e assim, o que a formulação em questão faz significar é que qualquer qualificação que ele receba também deve ser atribuída ao Centro.

5.2. Desciclopédia do Aterrado.

Passaremos agora à análise do material proveniente do Desciclopédia. A respeito deste site, resumidamente podemos descrevê-lo dizendo sobre o seu desenvolvimento em relação ao chamado Wikipédia, e sobre o fato de que ambos foram criados para funcionar como uma Enciclopédia, ou seja, para disponibilizar informações sobre assuntos diversos. Além da Enciclopédia sempre ter sido produzida em papel impresso e as outras duas de modo digital, é importante destacar ainda que estas últimas podem ser editadas a todo o momento por

qualquer internauta, e que essa diferença na autoria modifica também a legitimidade que cada uma delas possui com o público. Enquanto o “*especialista* da Enciclopédia tradicional” permite que ela tenha “sua legitimidade assegurada”, o “*todos* da Wikipédia” faz com que ela tenha “sua legitimidade questionada” e o “*qualquer um* da Desciclopédia” a torna “isenta da legitimidade, do compromisso com os fatos e dados, com a cientificidade” (FERREIRA, 2012, p.52) (grifos da autora). Em relação à cidade, de um modo geral, podemos dizer que tanto o Desciclopédia como o Wikipédia funcionam como espaços de produção de saberes urbanos.

Notamos ainda o modo como esses dois sites se distinguem. Mesmo que a sua legitimidade seja questionada, a Wikipédia “procura funcionar de acordo com o modelo de uma enciclopédia tradicional, no espaço de significação do científico”, produzindo um efeito de fidelidade à realidade, ao passo que a Desciclopédia já é marcada principalmente pela paródia (IBIDEM, p.52). Na própria página temos o alerta de que *nenhum artigo da Desciclopédia representa a verdade. Todos servem apenas como sátira ou humor. É com essas particularidades mencionadas que a Desciclopédia se constitui como um “espaço de significação que inclui preconceitos” e “também críticas”* (IBIDEM, p.52).

Os textos que analisamos foram obtidos na página da Desciclopédia que é dedicada à cidade de Pouso Alegre¹⁵. Nela observamos enunciados que fazem referência a diversos aspectos da cidade, como à História, à Política, à Economia, à Geografia, aos Bairros, etc. Para nossa pesquisa fizemos recortes das passagens em que o São Geraldo é mencionado. Elas estão inseridas especificamente sob os itens: *População, Pontos Turísticos, Bairro e Fatos Marcantes*. Iniciaremos tratando das seguintes:

2003 - Manos do Aterrado atacam guarnição dos Bombeiros que tiveram que ser resgatados pelo então desconhecido e ainda Cabo, o capitão Nascimento.

CASCALHO: a melhor porra de bairro de PA q só perde pros mano da aterrado em manice.

Possui também uma enorme quantidade de adolescentes EMOS, NERDS e AFINS, além dos "TEMIDOS" Manos do Aterrado. (Maloqueiros e Abas Retas) - Vale lembrar que o "TERRADO" vai dominar o mundo! (ao menos é isso o que os Terradenses pensam).

Essas três formulações estão dispersas na página em questão, respectivamente nos itens *Fatos Marcantes, Bairros e População*. Elas foram aqui reagrupadas pelo fato de que

¹⁵ Disponível em <http://desciclopedia.org/wiki/Pouso_Alegre> Acessado no dia 12 de março de 2014.

todas estão estabelecendo diferentes nomeações para os moradores do São Geraldo, chamados aqui de *Manos do Aterrado* e de *Terradenses*, e ainda para o bairro, que no último caso é referido como *Terrado*. Com estes recortes, poderemos notar como “o modo como se dispõe o espaço é uma maneira de configurar sujeitos em suas relações, em suma, de significá-los” (ORLANDI, 2012a, p.199). E por outro lado, veremos como os sentidos atribuídos aos sujeitos moradores também significam o próprio espaço do bairro, percebendo que “a forma da cidade e a forma sujeito, ou seja, o modo como os sujeitos aí estão dispostos, estão ligados” (IBIDEM). Enfim, analisando a questão da “denominação”, a maneira como ela foi realizada nestes enunciados, observaremos como ela “se interpõe como um corpo opaco entre o corpo do sujeito e o corpo da cidade” (COSTA, 2012, p.146), isto é, destacaremos como as nomeações dos sujeitos moradores também significam o espaço do bairro e vice-versa.

Nos dois casos iniciais notamos que as nomeações aparecem de uma maneira secundária, quer dizer, o foco daqueles enunciados não está direcionado ao Aterrado, ou sobre a sua população. No primeiro, para criar como um dos “fatos marcantes” de Pouso Alegre o “ataque à guarnição dos bombeiros”, os *Manos do Aterrado* são colocados como aqueles que teriam realizado tal ação. E no segundo, eles são citados como um parâmetro para caracterizar o bairro Cascalho. Porém, ainda sim, muitos sentidos, não somente sobre o Corpo de Bombeiros da cidade ou sobre o Cascalho, mas também sobre uma parte da população do São Geraldo são produzidos no funcionamento destes discursos.

De uma forma geral, a expressão “manos” significa de modo distinto, dependendo da formação discursiva em que está inscrita. Nas músicas de Rap, e para os seus ouvintes, por exemplo, “mano” normalmente indica uma pessoa considerada. Já em uma formação discursiva em que o Rap é marginalizado, “mano” geralmente é significado como um criminoso. É justamente a partir da posição filiada a esta formação que os discursos que estamos analisando foram produzidos. Além de apontar os *Manos do Aterrado* como os responsáveis por atacar a guarnição dos bombeiros, a intervenção da polícia é posta como a condição em que eles puderam ser resgatados. Indo mais longe, percebemos que não são significados somente como “criminosos”, mas ainda como “perigosos”, pois vemos que não se trata de qualquer policial que interveio, mas do *então desconhecido e ainda Cabo, o capitão Nascimento*, que é a personagem do filme *Tropa de Elite*, o capitão do BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais) do Rio de Janeiro. Isto é, um policial que trata exclusivamente de criminosos de alta periculosidade.

E são esses sentidos que sustentam a segunda passagem. Para produzir um efeito de “bairro perigoso” para o Cascalho, é dito que ele *só perde pros mano da aterrado em manice*.

A palavra que significa os sujeitos passa a nomear também as suas práticas: criminoso está para crimes, assim como *mano* está para *manices*. Eis o deslizamento de crimes para *manices*, determinado pela definição de *mano* como um criminoso. Este é um processo discursivo em que vemos, como diz M. Pêcheux (1990), que um enunciado tem “pontos de deriva” que podem deslizar constituindo outro enunciado. E como uma das possíveis paráfrases deste discurso podemos ter os seguintes dizeres: *o Cascalho é um bairro de criminosos, e estes só não são mais perigosos do que os criminosos do Aterrado*. Antes disso, é dito que *o Cascalho é a melhor porra de bairro de PA*. Observamos que o “melhor”, nestas condições, significa de um modo peculiar, pois o que está sendo dito não é que *o Cascalho é o melhor bairro*, mas sim *a melhor porra de bairro*. Aqui, a palavra *porra*, em relação com o sentido de crimes que expomos acima, define que de fato o que está em questão neste discurso não é o *melhor bairro*, mas *a melhor porra de bairro*, que também pode ser entendida como o *pior dos piores bairros*. Outra paráfrase cabível seria: *entre os piores bairros de Pouso Alegre, o Cascalho é (quase) o pior, só perde para o Aterrado*.

A terceira formulação, que no site está sob o título de *População*, também se relaciona com estes sentidos. Entre outros dizeres sobre os habitantes de Pouso Alegre, há o que estamos tratando, que menciona que a cidade *possui também uma enorme quantidade de adolescentes EMOS, NERDS e AFINS, além dos "TEMIDOS" Manos do Aterrado. (Maloqueiros e Abas Retas)*. Aqui observamos uma oposição ser criada a princípio. De um lado são colocados os *adolescentes EMOS, NERDS e AFINS*, grupos que no imaginário social são tidos como frágeis e que, neste caso, podemos dizer ainda inofensivos. Do outro os *Manos do Aterrado*, indicados como temidos. O sentido de “perigosos” que nas passagens anteriores está significando, nesta é problematizado, ou melhor, é instaurada uma ambiguidade sobre ele. Isso acontece devido à palavra *temidos* aparecer inserida entre aspas. Desse modo, eles surgem tanto como temidos, quanto como *Manos* que não causam nenhum temor. Ou melhor, é posto que por uma parte dos pousoalegrenses eles são interpretados como ameaçadores, e que por outra são vistos como inofensivos, assim como os grupos que os sucedem na escrita da frase.

Nessa direção, o sentido de “perigosos” é ironizado, os *Manos do Aterrado* são definidos diretamente como *Maloqueiros e Abas Retas*. Notamos que é uma formação discursiva semelhante a que antes citamos que está condicionando a significação dos *Manos*. *Aba reta* também é uma referência à vestimenta de uma parte dos sujeitos que cantam ou escutam Rap, assim como o título de “maloqueiros”, que muitas vezes é atribuído a estes. Com essa filiação, a frase em questão não está colocando os *Manos do Aterrado* como

“criminosos perigosos”, nem os definindo pelas atividades que eles realizam, mas pelo que o sujeito que a redigiu acredita ser os modos que esses se trajam, e por fim, fazendo significar o imaginário sobre esta forma de vestir, que naqueles que a associa com a criminalidade desperta medo, e nos que não o fazem gera o deboche.

Na última parte deste enunciado, que está separada por um traço, é dito: *Vale lembrar que o "TERRADO" vai dominar o mundo! (ao menos é isso o que os Terradenses pensam)*. Já não é mais *Aterrado*, mas somente *Terrado*. Como dissemos inicialmente, antes mesmo de receber o nome São Geraldo, ele já era conhecido como *Aterrado*, isso porque começou a se formar em uma área que foi aterrada várias vezes. Mas com a elisão da letra “a”, de certa maneira também sai de cena essa ligação do nome do bairro com a palavra “terra”, pois resta “terrado”, que na etimologia popular relaciona-se mais com o termo “terror”. Além dessa modificação na forma de nomear o bairro, o que nos chamou a atenção neste caso foi ainda a mudança que ela acarretou no modo como os moradores passaram a ser referidos, relação esta que nos permite observar de uma outra forma a ligação entre a cidade e os sujeitos (ORLANDI, 2012a), neste caso pela denominação (COSTA, 2012). *Aterrado* se tornou *Terrado*, e com isso, *Manos do Aterrado* passaram a ser *Terradenses*. Como não se trata de “manos terradenses”, o que é designado são os habitantes do bairro de uma maneira geral. Isto é, com a retirada da palavra *manos*, que estava delimitando qual era a parte da população que se tratava, e com o surgimento de *terradenses*, o enunciado começa a abranger todos os seus residentes. E se *Aterrado* está ligando-se à “terra”, como falamos há pouco, podemos dizer que *manos (do Aterrado)* também está. Logo, assim como em *Terrado* há o deslize do sentido de terra para o de terror, um dos pontos de deriva de *terradenses* leva a identificação dos moradores do bairro para *terroristas*. Essa relação fica ainda mais marcada considerando que no discurso em questão está sendo dito que *o que os Terradenses pensam é que o Terrado vai dominar o mundo*, ou seja, que a dominação do mundo, que implica subjugar outras nações pela guerra, pela luta, é posta como uma pretensão do bairro.

Aqui, notamos que a “denominação”, como diz Costa (IBIEM, p.146), “funciona no percurso dos sentidos como um vetor ideológico”, que “os carrega no trajeto entre espaços e sujeitos”, pois observamos como a significação posta nessa forma de nomear os moradores como *Terradenses* acaba produzindo outros sentidos para o bairro também. Com esta expressão, é feita uma separação entre os moradores do São Geraldo e de Pouso alegre que se sustenta justamente na desagregação aí realizada entre o bairro e a cidade. Afinal, *Terradenses* seria cabível para identificar a nacionalidade ou a naturalidade de uma pessoa. O brasileiro o é porque nasceu no Brasil, assim como o mineiro, por ser oriundo de Minas

Gerais. Quem foi gerado em Pouso Alegre é pousoalegrense. Viver em um determinado bairro não modifica tais referências, e nem mesmo demanda uma especificação como essa. Logo, com esse termo, o *Terrado* é colocado ao nível de uma nação, de um estado ou de uma cidade, que tem como seus habitantes os *terradenses*, ou seja, ele é desmembrado da cidade, passando a ter a sua própria população.

Este gesto que separa o bairro da cidade de Pouso Alegre, que também está posto na imagem do *Rei Leão* que tratamos inicialmente, é constitutivo ainda dos outros dizeres que analisamos. Como veremos nesses dois últimos recortes que trouxemos nesta etapa. O primeiro deles se encontra no item *Bairros* da página de Pouso Alegre no Desciclopédia, e o seguinte em *Pontos Turísticos*:

***Aterrado:** ou também conhecido como "Texas", pela sua imensa semelhança ao estado norte-americano na época de velho oeste com seus tiroteios. Mas se ainda preferir pode chamar essa desgraça de bairro de "Eispanha", porque a partir das 20:00 hs eispanha carteira, eispanha celular, tênis....eispanha tudo. É o bairro mais populoso, tem pra lá de um milhão de gente (GENTE?!!) vivendo abaixo da linha da miséria e o restante tudo vivendo do Bolsa gás, Bolsa escola, Bolsa feijão, Bolsa arroz, Bolsa a "puta que te pariu" segundo "Dercy Gonçalves".*

***O Aterrado:** Um lugar bucólico, esquecido por Deus e lembrado por alguns em época de eleições. É cercado por mato e água de um lado e pela miséria e a polícia do outro. A única coisa que entra lá de boa é a água do Rio Mandu. Visitas ao local ocorrem mediante apresentação do "GreenCard" ou com o passaporte da alegria. Não se recomenda tirar fotos e nem filmar, aliás, o melhor é nem ir lá. Na famosa rua Oscar Dantas é possível comprar produtos que deixam qualquer ser humano na velocidade da droga. Simplesmente um luxo! Lá onde reside o povo areia.*

Sublinhamos inicialmente a parte do primeiro enunciado que diz que no São Geraldo *tem pra lá de um milhão de gente (GENTE?!!)*, e a do segundo que cita que nele *é onde reside o povo areia*. Nestas passagens observamos a significação da diferenciação dos moradores do bairro ser levada a um patamar que não só os distinguem dos outros pousoalegrenses, mas até mesmo das pessoas, isto é, da espécie humana.

Assim que é posta a expressão *gente* é feita uma repetição desta palavra, que é reescrita em letras maiúsculas e entre parênteses, seguida por um ponto de interrogação e por dois de exclamação. Ou seja, logo que os habitantes do bairro são significados como pessoas é realizado um questionamento desta colocação e adiante uma negação. *Gente* é reinserida sob a forma de *(GENTE?!!)*, que funciona como uma afirmação de que os habitantes do bairro não são pessoas (*gente*). Esse é o efeito que está sendo produzido neste discurso. Embora escrita

com letras minúsculas, *gente* é uma primeira afirmação sobre essa condição dos moradores: *a população do bairro é gente*. Em seguida, (*GENTE?!!*) estabelece uma indagação sobre ela: *são mesmo gente?* E essa pergunta, que surge quando o que está sendo referido são as pessoas que moram no bairro, ou seja, que é feita em um momento incabível, que com as suas letras maiúsculas é posta de uma maneira destacada da afirmação inicial, enfim, que é realizada nestas condições de produção, já produz aí também a sua resolução: *não são mesmo gente*. E aquilo que aparentemente seria uma dúvida, dá lugar a esta declaração final. Ou melhor, com a repetição do ponto de exclamação, que mesmo em número também ultrapassa o de interrogação, essa resposta sobrepõe a pergunta, e o que compreendemos com o funcionamento deste discurso é que, longe de questionamentos, o que ele faz é a afirmação de que *não são gente!!*.

A segunda sequência, que diz que no *Aterrado* é *onde reside o povo areia*, segue em uma direção similar. Um dos modos possíveis de interpretá-la é a partir dos filmes *Star Wars*, onde um dos gêneros de seres é chamado *Povo da Areia*. Considerando essa relação, observamos que aqui os moradores do bairro novamente estão sendo negados como pessoas, ao passo que são referidos pela nomeação de uma espécie de ser vivo não-humana. Tendo em vista que na ficção de *Star Wars* aquele povo vive em um dos planetas existentes no universo da saga, organizado em tribos, praticando a caça e guerra contra outros povos, podemos notar ainda outros sentidos. Os habitantes do São Geraldo, identificados por esse discurso como *Povo Areia*, são aí significados pela hostilidade para com os que não residem neste local. E quanto ao espaço do bairro, ou melhor, à sua localização no espaço, novamente ela é dada como se ele não pertencesse à cidade de Pouso Alegre, como se ele estivesse posicionado em um lugar distante (assim como um outro planeta).

Analisando outros segmentos destes enunciados, percebemos que não é somente quando os sujeitos residentes do São Geraldo estão sendo referidos desse modo é que são produzidos esses sentidos de hostilidade destes para com os outros moradores de Pouso Alegre. Mesmo quando outras condições do bairro são mencionadas, em geral, ele é significado como um ambiente hostil.

No item *Bairros*, além de *Aterrado*, duas novas expressões são estabelecidas para nomeá-lo: *Texas* e *Eispanha*. A primeira é seguida pela explicação de que o São Geraldo é assim conhecido *pela sua imensa semelhança ao estado norte-americano na época de velho oeste com seus tiroteios*. A memória discursiva de “Texas” traz diferentes sentidos. Na formulação em questão podemos observar alguns que estão sendo retomados e em seguida deslocados. Com a sequência das palavras na frase que estamos analisando, o sujeito que a

proferiu busca direcionar os possíveis sentidos do termo anterior, e assim significar o Aterrado em uma região específica do interdiscurso relacionada ao *Texas*, fazendo uma contenção de certas derivas possíveis a partir dessa nomeação. Se em um primeiro momento *Texas*, remetendo aos Estados Unidos, poderia estar colocando o bairro em uma posição privilegiada, ao passo em que estaria significando-o como parte de uma nação “forte”, “desenvolvida”, “de primeiro mundo”, logo é delimitado o período em que esse paralelo é possível: a *época de velho oeste*. Ou seja, a *imensa semelhança ao estado norte-americano* que o Aterrado possui não é traçada com os E.U.A da contemporaneidade, mas com o faroeste do século XVIII, marcado pela cobiça, pela violência contra os índios. Porém, “*Velho Oeste*” também tem a glória em sua memória. Certamente não a partir dos assassinatos, torturas ou escapelamentos dos nativos, mas dos filmes hollywoodianos, em que os mocinhos destemidos protegiam os seus caras-pálidas do perigo. E para que esse sentido “célebre” não possa significar, por fim é definido o aspecto com o qual o bairro se identifica: *com seus tiroteios*. Enfim, *Texas*: não no desenvolvimento, nem no heroísmo, mas no tempo em que nesse espaço uma troca de tiros era um acontecimento corriqueiro.

Essa ironia com a nomeação do Aterrado, não está restrita à palavra *Texas*, ela também é feita em *Eispanha*. Neste caso, um efeito parecido com o que acabamos de ver é produzido: o nome escolhido traz um pré-construído que poderia estar enaltecendo o bairro, visto que o mesmo estaria sendo equiparado com um Estado europeu, que em muitos brasileiros despertam um fascínio, porém, ele sempre vem seguido de outras especificações que deslocam esse pré-construído para outra formação discursiva, significando-o de outras maneiras. O surgimento da letra *i* na primeira sílaba de *Eispanha* poderia parecer um simples erro de digitação, porém, ela é posta de modo proposital, para que a sua sonoridade faça parecer que o que está sendo falado é *eles apanham*. Para tornar mais compreensível esse sentido, ou seja, para não deixar a nomeação do bairro deslizar para Espanha, e para definir que *eles apanham* é um sinônimo de *eles pegam*, *Eispanha* vem seguida de sua justificativa: *porque a partir das 20:00 hs eispanha carteira, eispanha celular, tênis... eispanha tudo*. “Eles apanham”, que com essas colocações adquire o sentido de *eles roubam*.

Nesses dois casos, como dissemos, o que está funcionando é a ironia com o São Geraldo. Mas há uma exceção em: *Mas se ainda preferir pode chamar essa desgraça de bairro de "Eispanha"*. Não a nomeação, mas o que a antecede, que não se limita ao deboche, ao sarcasmo, e se refere ao Aterrado como *essa desgraça de bairro*, formulando de uma maneira mais direta o ódio para com ele.

No segundo enunciado que elencamos, o que no site está na categoria de *Pontos Turísticos*, o imaginário de um lugar de criminalidade, de um lugar hostil para os seus não-moradores continua sendo produzido. O paralelo entre o São Geraldo e os E.U.A também é feito, mas ainda para sustentar a significação do bairro como um lugar distante e distinto do restante da cidade: *Visitas ao local ocorrem mediante apresentação do "GreenCard" ou com o passaporte da alegria*. “Green Card”, um documento que concede o direito de livre permanência nos E.U.A, que é emitido pelo Governo estadunidense. Considerando esses pontos, observamos como aqueles dizeres colocam o bairro como um local que não é de livre circulação para qualquer pousoalegrense, que cabe aos representantes dos seus moradores decidirem quem pode ou não entrar em seu espaço.

Com a expressão *passaporte da alegria*, esse direito de decisão é deslocado de uma esfera oficial para um nível clandestino. Isto é, os mandantes nesta situação não seriam amparados na Lei. A autoridade aqui é posta especificamente em relação ao tráfico de drogas, como se aqueles que estão nessa posição a tivessem alcançado por dominarem esse tipo de comércio no bairro. É isso que compreendemos com a análise do restante da formulação, no qual é dito: *Não se recomenda tirar fotos e nem filmar, aliás, o melhor é nem ir lá. Na famosa rua Oscar Dantas é possível comprar produtos que deixam qualquer ser humano na velocidade da droga*. Em *produtos* muitos sentidos poderiam estar significando, mas um deles é realizado. Para prosseguir com o sarcasmo inicial, observamos que *produtos* é mencionado para não se dizer drogas, mas que com a explicitação do seu efeito e a comparação utilizada para melhor explicá-lo, o seu sentido de drogas surge posteriormente. Enfim, a razão pela qual é indicado que *não se recomenda tirar fotos e nem filmar, aliás, o melhor é nem ir lá*, é devido ao Aterrado estar sendo posto como um espaço exclusivo de tráfico de drogas. Assim, entendemos que a permissão que neste enunciado está sendo dita como algo necessário para entrar no bairro, é concedida aos que são usuários de drogas, logo, pelos responsáveis por esse ramo de comércio. O efeito-leitor nele inscrito pressupõe um internauta que não consome tais produtos, é dessa forma que a ressalva é de que *o melhor é nem ir lá*.

Analisaremos por fim a seguinte passagem:

O Aterrado: *Um lugar bucólico, esquecido por Deus e lembrado por alguns em época de eleições. É cercado por mato e água de um lado e pela miséria e a polícia do outro. A única coisa que entra lá de boa é a água do Rio Mandu.*

Além da criminalidade em relação ao São Geraldo, que é significada na citação de que ele, de um lado é *cercado pela polícia*, aqui notamos ainda outros sentidos sobre o bairro.

Nesta etapa, ele é posto inicialmente como um local rústico, campesino, ao ser apontado como *um lugar bucólico, cercado por mato e água de um lado*. Essas palavras que a princípio estão tomando-o como uma área rural estão abrindo caminho para a colocação da questão das enchentes que geralmente o atingem. Nota-se que na sequência, ainda para dizer que a circulação por ele é restrita para aqueles que não são seus moradores, a *água do Rio Mandu* é designada como a *única coisa que entra lá de boa*.

Em *esquecido por Deus e lembrado por alguns em época de eleições*, é dada uma responsabilidade pela situação precária em que o bairro existe. Ela é posta na significação do seu “esquecimento”. Primeiramente na citação da que ocorre por parte de um dirigente transcendental, e em seguida no momento em que é dito que ele é lembrado por governantes da cidade. Situando esse “lembrar” como algo que acontece somente em épocas de eleições, o esquecimento do São Geraldo em todos os outros períodos pelos governantes mundanos é significado sob a forma de um “não-dito” (ORLANDI, 2009). Por duas vias, ele é apontado como um local desamparado: pelos céus e pela terra. Com o estabelecimento de um “esquecimento divino”, notamos novamente a produção do imaginário pejorativo sobre ele. E com a formulação do “esquecimento terreno”, observamos a inscrição do “real do bairro”: o histórico descaso da administração pousoalegrense para com o São Geraldo.

Embora certas condições do real do São Geraldo estão inscritas nestes discursos, como a inundação do bairro em períodos de chuvas, o desdém com que ele foi/é tratado pelos políticos da cidade, ou o índice de pobreza de sua população, com as nossas análises compreendemos que eles estão funcionando não só como “discursos da cidade”, mas também como “discursos do urbano” (IDEM, 2001). Isto é, eles são atravessados por estas duas formações discursivas.

As últimas passagens que abordamos, por exemplo, elas ressaltam o fato de que o bairro é atingido pela enchente e a maneira como ele é administrado em Pouso Alegre, no entanto essas formulações são realizadas em uma situação que reforça a separação entre o São Geraldo e o restante da cidade, funcionando de um modo que produz a delimitação das fronteiras do bairro, que neste caso são dadas por essas duas perspectivas: o fator natural (*cercado por mato e água de um lado*), relacionado também ao “transcendente” (*esquecido por Deus*); e o social (*pela miséria e a polícia do outro*), ligado ao político (*lembrado por alguns em épocas de eleições*). Ainda que estas sejam condições do real do bairro que estão inscritas nesses discursos, neles há a dominância da formação discursiva que significa o São Geraldo pela marginalização, pela generalização dos seus aspectos negativos. Assim, mesmo

que eles estejam significando o real do bairro, o que neles sobressai é o silenciamento da constituição do bairro pela falta do Estado, isto é, do próprio real do bairro.

6. A(terra)do São Geraldo.

As duas nomeações que o bairro possui e os diferentes modos como cada uma delas significa, despertaram o nosso interesse em compreender melhor os sentidos destas denominações. Esse será o nosso objetivo nesta etapa. Buscaremos analisar o funcionamento dos nomes São Geraldo e Aterrado. Além de retomar certos momentos anteriores do nosso texto, para alcançar os propósitos deste capítulo fizemos também outras análises. Partiremos de uma outra imagem compartilhada no Facebook, e depois traremos ainda dois documentos publicados pela Câmara Municipal no ano de 1927, recortes de jornais locais e um vídeo que narra a história do nome Aterrado.

Na primeira etapa desta pesquisa mostramos uma parte da história do Aterrado, isto é, através das narrativas feitas por memorialistas de Pouso Alegre, de documentos disponíveis no Museu Municipal e de dados geográficos, expomos o modo como o bairro foi se formando na cidade e como ele recebeu esse nome. Mas e o São Geraldo? Quando/como surgiu essa denominação? Procuraremos agora responder essa pergunta. No entanto, diferentemente da escrita que empreendemos inicialmente, neste momento não faremos uma narrativa histórica do bairro a partir dos dados locais, o que buscamos já não é a “história”, mas sim a “historicidade” (ORLANDI, 2012c). Ou seja, de acordo com os nossos objetivos em questão, não trataremos os fatos como estão descritos nos materiais históricos, pois o nosso intuito aqui é analisar a “exterioridade no texto” (IBIDEM, p.13), compreender como a história se inscreve nos nomes São Geraldo e Aterrado para significá-los.

Começaremos analisando uma imagem que, assim como a que trouxemos no capítulo anterior, também foi posta em circulação no Facebook pela página *Pouso Alegre da Depressão*. Logo, lembramos que as páginas desta rede social que são chamadas *da Depressão*, geralmente produzem piadas, sátiras, ironias e deboches em relação à cidade a qual correspondem. É o que acontece novamente nesta outra imagem. Abaixo do título *Mulheres de Pouso Alegre!*, há quinze pequenos quadros, e cada um deles traz uma mulher que é atribuída a um local da cidade.



Não são somente bairros que estão sendo mencionados nesta imagem. *Club Literário*, *Texas* e *Shopping*, por exemplo, são espaços de lazer. *Direito* é uma referência à Faculdade de Direito de Pouso Alegre. *Perimetral* é uma avenida que conduz à saída da cidade na direção oeste. Através do título *As mulheres de Pouso Alegre!* e com fotografias que provavelmente foram todas retiradas na própria internet, acima dos nomes de determinados lugares, uma grande parte das moradoras da cidade é significada nessa imagem. O “efeito-leitor” (ORLANDI, 2008b) produzido na escrita dos nomes causa a identificação da mulher que lê para com o local, no sentido de que caso ela more ou frequente o mesmo ela poderá se reconhecer respectivamente como moradora ou frequentadora. No entanto, isso não necessariamente implica a sua identificação para com a fotografia correspondente ao lugar em questão. Na imagem, uma moradora pode, por exemplo, constatar que é o seu bairro que está indicado no quadro central da segunda fileira, ao ler *Jatobá*, porém, olhando a foto junto com o nome, ainda que ela observe que é da população feminina do Jatobá que se trata, pode ser que ela não se reconheça como uma índia, que ela conclua que é um imaginário sobre as mulheres do seu bairro que está posto na imagem.

Mas, além das mulheres, as fotografias estão atribuindo sentidos aos locais descritos abaixo delas também, “o corpo do sujeito está atado ao corpo da cidade e estes são significados por essa ligação” (ORLANDI, 2012a, p. 201). Podemos dizer que neste caso certos lugares de Pouso Alegre estão sendo significados de acordo com os corpos femininos mostrados.

O nosso interesse nessa imagem ocorreu principalmente por ela estar mencionando o bairro que é o nosso objeto de pesquisa. Portanto, não nos aprofundaremos com a análise dos diversos sentidos que ela está formulando em seu conjunto. De um modo geral, salientaremos apenas que as mulheres dos locais habitados ou frequentados por uma população de maior poder aquisitivo, como o *Alta Vile*, o *Clube Literário*, o *Fátima*, a Faculdade de *Direito* e a Faculdade (e/ou o bairro) *Medicina* estão representados por corpos que se destacam nos quesitos de riqueza, de elegância, de saúde e de beleza. E por outro lado, as mulheres dos bairros e lugares nos quais não há a predominância de pessoas mais ricas (*Aterrado*, *São Geraldo*, *Perimetral*, *Texas*), dos que são periféricos (*Jatobá*) ou rurais (*Pantano*), na maioria das vezes são significadas por corpos que fazem funcionar um imaginário pejorativo sobre a população do local em questão. Por exemplo: a personagem “Filó”, que possivelmente está fazendo referência ao aspecto rural do Pantano; uma índia, que poderia ser interpretada como ausência de “civilização”, que assim estaria jogando com o a distância entre o Jatobá e o centro da cidade; uma moça com o rosto sangrando para a casa noturna chamada *Texas*; e para a Avenida *Perimetral*, não uma mulher, mas um homem travestido, que remete à prostituição exercida por muitos travestis naquele local.

A publicação da imagem na página *Pouso Alegre da Depressão* também gerou vários comentários no Facebook. Considerando os nossos objetivos em questão, não traremos essas formulações para analisarmos. Porém, elencaremos uma delas, pois ela coloca em cena o ponto em que pretendemos chegar. Em certa altura dos comentários um sujeito diz: *mas aterrado e sao geraldo e um bairro so*.

Essa afirmação tem sustentação na história de Pouso Alegre, em seus mapas, nos guias das ruas da cidade, nas listas telefônicas, nos documentos oficiais, enfim. Qualquer pessoa que tenha conhecido o bairro por um de seus nomes e que depois venha ler ou escutar a outra denominação para aquele mesmo espaço pode resolver essa confusão chegando a uma conclusão idêntica à afirmação posta no comentário acima: *Aterrado* e *São Geraldo* são um bairro só. Mas vamos questionar essa afirmação, colocaremos em cheque a evidência dessa resposta mudando a sua pontuação e a transformando em uma pergunta: *Aterrado* e *São Geraldo* é um bairro só? Ou seja: esses dois nomes se inscrevem em uma região idêntica do interdiscurso? São os mesmos sentidos que se significam em um e em outro? Enfim: ao dizermos *Aterrado* e *São Geraldo* falamos (d)o mesmo bairro?

Na imagem que estamos analisando eles aparecem divididos. São duas fotografias para os diferentes nomes referentes a um espaço. Embora de maneiras diferentes, ambas são constituídas pelo imaginário pejorativo sobre o bairro.

Podemos dizer que a mulher selecionada para representar o São Geraldo é feia, isso levando em conta o padrão de beleza dominante em nossa sociedade, o qual também é reproduzido na imagem através das mulheres escolhidas, por exemplo, para o *Alta Ville*, o *Foch*, o *Fátima*, o *Direito* e o *Medicina*. Este critério está estabelecendo que uma mulher bonita é aquela que possui uma pele lisa, sem cicatrizes, sem manchas, com uma coloração homogênea, seja ela branca, bronzeada ou morena, isso aliado a uma certa elegância nas vestimentas e nos acessórios, a um corpo com uma aparência saudável, ou com seios grandes, com uma cintura fina e o quadril largo. E de acordo com esse parâmetro observamos que a mulher que está representando o São Geraldo é feia. Ela não apresenta essas características, é oposta a esse padrão de beleza que significa na imagem. Com um corpo magro, no qual quase se nota a presença dos ossos do braço, do tórax e das coxas, ela se mostra até mesmo insalubre. Igual à sua pose, o seu rosto e o seu sorriso parecem desalinhados. Nos lábios, um batom muito chamativo expõe a sua inabilidade para lidar com a maquiagem, assim como para com a sua vestimenta, bagunçada sobre o seu corpo. De um modo geral, podemos dizer que esta imagem está significando o São Geraldo como um bairro sem vigor, feio e desorganizado.

No caso do Aterrado, essa falta de vitalidade atinge o seu ápice. Diferentemente de todas as outras fotografias, em que tem mulheres feias ou bonitas, magras ou gordas, com roupas luxuosas ou mais simples, ou até mesmo um homem travestido, mas sempre corpos de carne e osso, na foto do Aterrado há um corpo só de ossos, sem a sua carne. No São Geraldo ainda podemos notar algumas plantas ao lado de um caminho de pedras, mas para o Aterrado o cenário é somente um fundo preto. Enfim, no quadro do Aterrado, não entra em questão se é um corpo feio ou belo, rico ou pobre, simples ou ornamentado, feminino ou masculino, se o local em que ele está é limpo ou sujo, organizado ou desorganizado, pois nele o que há é somente um corpo sem carne, morto e em meio às trevas. Esses são os sentidos atribuídos ao Aterrado nesta imagem, o de um bairro desconhecido pela falta de visibilidade, sem nenhuma vida, nem a de um ser humano e nem mesmo a da natureza.

Mas não estamos considerando somente essa imagem para discutirmos a divisão do bairro em Aterrado e São Geraldo. Aqui, temos a oportunidade de observar essa separação ser produzida em uma mesma formulação. Porém, quando questionamos sobre ela, estamos nos referindo às distintas formas como esses nomes se inscrevem na história para significar, aos diversos sentidos constituídos na materialidade de um e de outro, enfim, à diferença no modo como Aterrado e São Geraldo são construídos discursivamente que, como veremos, acaba por produzir dois bairros, que surgem como efeitos de sentidos. Para aprofundarmos nesse ponto

começaremos abordando o São Geraldo. Apreenderemos parte da historicidade que atravessa esse nome buscando expor os sentidos que aí são constituídos e que nele significam.

Traremos primeiro o recorte de algumas falas de um vídeo que diz a respeito da história dos nomes do bairro, e mais a frente alguns materiais que trabalhamos nos capítulos anteriores, que retomaremos destacando precisamente as passagens em que esse nome aparece. O vídeo que mencionamos chama-se: *Por que “Aterrado”?*¹⁶. Como consta em seus créditos, ele foi produzido e realizado pelo historiador e radialista local Juliano Finamor, a partir dos livros *A História de Pouso Alegre*, de Octávio Miranda de Gouvêa, *Pouso Alegre Pitoresca*, de Antônio Célio Rios de Andrade, de documentos e imagens disponíveis no *Museu Municipal Tuany Toledo* e de mapas obtidos no site *Google Earth*. Especificamente sobre o São Geraldo, no vídeo temos as seguintes falas:

O bairro São Geraldo surgiu em uma várzea adjacente ao centro da cidade, que fica em um terreno relativamente baixo às margens do rio Mandu com confluência do rio Sapucaí Mirím. Na imagem captada por satélite é possível percebermos o quanto o bairro São Geraldo sempre esteve vulnerável às inundações. O bairro é até hoje popularmente conhecido na cidade como o bairro do Aterrado (...) Em 1927, conforme a Resolução número 167 da Câmara Municipal, o bairro que ainda se chamava Aterrado, passou a ser chamado de bairro São Geraldo devido a um abaixo assinado dos moradores que alegaram ser hostilizados pela conotação pejorativa de Aterrado. O nome sugerido foi para homenagear o santo Gerardo Magela, franciscano, em virtude dos milagres que praticava. Também consta nesses documentos a informação de que o nome do bairro foi mudado para evitar parecer ignorância a respeito da vida do santo e outras considerações de mau gosto, e ao invés de São Gerardo, como o nome oficial do santo, o bairro teve o seu nome modificado para São Geraldo.

Embora o título do vídeo seja *Por que “Aterrado”?*, no seu início, para mostrar ao espectador o bairro que nele está sendo tratado, a palavra Aterrado não é mencionada, mas somente São Geraldo. Na formalidade de sua pesquisa, o próprio autor procura evitar essa expressão para se referir ao bairro, e ela só aparece no momento em que é esclarecido que essa é uma nomeação popular. Ou seja, o pesquisador tenta expor que não é ele que está pronunciando essa denominação. Ele mostra que em seu trabalho, nas suas palavras, o bairro é São Geraldo. Isso pode ser visto também no título do vídeo, em que Aterrado é escrito entre aspas. De ambos os modos, notamos que é produzido um afastamento entre esse termo e os dizeres do historiador.

¹⁶ Disponível em <http://pousoalegre.net/noticia/2014/03/por-que-aterrado/>> Acessado no dia 08 de agosto de 2014.

Quanto ao nome São Geraldo, vemos que ele surge devido a uma iniciativa dos próprios moradores, que fizeram um abaixo assinado para instituí-lo. Como a pesquisa nos fala, eles *alegaram ser hostilizados pela conotação pejorativa de Aterrado*. Observamos que desde as primeiras décadas da formação do bairro a nomeação Aterrado já era constituída de sentidos pejorativos, e que é nessa medida em que os moradores instauram para com ela uma “política do silêncio” (ORLANDI, 2007) com o nome São Geraldo. Segundo Orlandi (IBIDEM, p.73), “ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada”, e é por esse efeito que se define a “política do silêncio”, em que “se diz ‘x’ para não (deixar) dizer ‘y’, este sendo o sentido a se descartar do dito”. Ou seja, uma nova denominação surge como uma forma de se apagar os sentidos indesejáveis que eram realizados em Aterrado. E para não (deixar) chamar mais o bairro assim, para silenciar os sentidos que aí significavam, passou a ser dito São Geraldo. Desse modo, podemos notar ainda que, a princípio, é uma nova formação discursiva sobre o bairro sendo produzida. Na medida em que se pratica a “política do silêncio”, os sentidos apagados são “sentidos que poderiam indicar o trabalho significativo de uma ‘outra’ formação discursiva, uma ‘outra’ região de sentidos” (IBIDEM, p.73, 74). Ao passo em que há uma investida para silenciar os sentidos de Aterrado, acontece também uma tentativa de impedir o trabalho da sua formação discursiva. E com a nova nomeação surge uma outra formação discursiva: a do São Geraldo.

Com o objetivo de apagar os sentidos terrenos de Aterrado, isto é, os que ligavam o bairro à terra, os moradores escolheram um nome celestial. De Aterrado a São Geraldo: da terra ao Céu. Nesta ocasião, podemos mesmo dizer que se passa do profano ao sagrado, pois, com o novo nome, no fim, o que se buscava era restituir o status de sagrado a algo fundamental do bairro: a sua vida. O objetivo foi acabar com a hostilidade para com os seus moradores, profanação que para eles era oriunda do A(terra)do. E a denominação é escolhida em homenagem a um santo: *Gerardo Magela*. Mas como o vídeo ressalta, o nome do bairro não permaneceu igual ao do santo, ele *foi mudado para evitar parecer ignorância a respeito da vida do santo e outras considerações de mau gosto*, e assim, *ao invés de São Gerardo, como o nome oficial do santo, o bairro teve o seu nome modificado para São Geraldo*. Quer dizer, a própria nomeação é definida com base em um pré-construído de ignorância por parte dos moradores, vemos que ela já é instaurada como uma forma de negar esse e outros sentidos *de mau gosto* a respeito do bairro.

Esse é um dos ângulos da exterioridade que faz a denominação São Geraldo significar. A negação de sentidos pejorativos sobre o bairro é parte da historicidade que

constitui esse nome. Retomando os materiais do nosso corpus de pesquisa, podemos destacá-la em algumas formulações. Uma delas é na resposta aos dizeres de Airton Chips que elencamos em nosso terceiro capítulo, em que, indignado com o fato do bairro estar sendo chamado pelo autor de *velho Aterrado*, o leitor questiona: *Como um meio de comunicação chama o Bairro São Geraldo de (velho aterrado)*. E a outra é em um dos comentários a respeito da imagem do *Rei Leão* que trouxemos no quinto capítulo, no qual é dito: *A diferença do São Geraldo para outro bairro NÃO são as pessoas de má índole que vivem lá e sim como se vestem*. Percebemos que nestes enunciados a pretensão é defender o bairro. Os sujeitos buscam contrapor os sentidos negativos atribuídos a ele que foram interpretados respectivamente no discurso de Airton Chips e no da página Pouso Alegre da Depressão. Para se referir a ele, o nome usado não é o mesmo que estava nos discursos que desencadearam esses dizeres. No primeiro caso, inclusive, o questionamento é justamente a respeito do uso da denominação *Aterrado*, não só do adjetivo *velho*.

Enfim, nestas e em muitas outras ocasiões em que os sujeitos tomam como pressuposto a existência de uma significação hostil sobre o bairro e buscam fazer oposição a ela, o nome utilizado por eles não é *Aterrado*, mas *São Geraldo*. Vejamos, por exemplo, um dos comentários do vídeo *Por que “Aterrado”?*:

Parabéns pela matéria, O bairro São Geraldo é um bairro onde a maioria de seus habitantes são simples de origem humilde, mas pessoas honradas e trabalhadoras que também contribuem para o crescimento da cidade.

E isso também pôde ser percebido em algumas passagens da matéria do Jornal Folha do Vale que analisamos em nosso quarto capítulo: nas citações de que a *Semana do Bairro* foi um evento organizado *com o objetivo de trabalhar a imagem do bairro São Geraldo na cidade de Pouso Alegre*, e de que a Associação dos moradores *trabalha no sentido da melhora do bairro e da visibilidade do São Geraldo, no restante da cidade*; no discurso do diretor da escola CIEM São Geraldo que disse que o *São Geraldo não teve chance de se projetar por ser área de baixo valor econômico*; no lema *“Eu amo o bairro São Geraldo eu cuido do Bairro São Geraldo”*, da Associação, ou até mesmo em seu nome *Viva Geraldo!*. Em nenhum momento desta reportagem a palavra *Aterrado* foi dita, nem nas falas do Jornal, nem nas dos moradores. A denominação pronunciada foi sempre *São Geraldo*.

Como vimos, o nome *São Geraldo*, desde a sua produção por parte dos moradores, tem um investimento de sentidos benéficos sobre o bairro. É assim que, conforme pudemos observar durante nossa pesquisa, não somente nos momentos em que se busca negar algum

sentido hostil que esteja sendo atribuído a ele, mas ainda em diversas situações em que os sujeitos procuram ressaltar alguma positividade sobre o bairro, ou nos casos em que se precisa apenas mencioná-lo por alguma razão e se quer manter um distanciamento dos seus sentidos pejorativos, geralmente a denominação escolhida para fazê-lo é São Geraldo. Isso é recorrente tanto no discurso jornalístico, no administrativo, ou mesmo nas falas de parte dos pousoalegrenses.

Para compreendermos melhor a historicidade do nome São Geraldo, é preciso que observemos um outro aspecto que também está presente nessa relação. Além de sentidos como esses que explicitamos anteriormente, que constituem a memória dessa denominação, como o de negação de pré-construídos pejorativos para com o bairro, o de afirmação de uma positividade sobre ele, ou mesmo o de afastamento de uma significação hostil a seu respeito, notamos que há ainda outros que nela estão investidos desde o seu estabelecimento e de sua oficialização. Observemos a *Resolução nº164 de 6 de julho de 1927*, referente a instalação de luz elétrica no bairro:

Resolução nº 164 de 6 de julho de 1927.

Autoriza a instalação de luz electrica no Aterrado, desta cidade, e contem outras disposições.

O povo do município de Pouso Alegre, por seus representantes resolveu e eu, em seu nome sanciono a seguinte resolução:

Art. 1º - Fica o Agente Executivo Municipal Autorizado a instalar luz electrica no bairro do Aterrado, desta cidade, abrindo, para tal fim, os necessarios creditos e procedendo aos respectivos estudos

Art. 2 – Revogam-se as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e a execução da referida resolução pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como na mesma se contem.

O Secretário da Câmara a publique e registre.

Secretaria da Câmara Municipal de Pouso Alegre, 6 de julho de 1927.

João Tavares Corrêa Beraldo.

(Presidente da Câmara)

Publicada e registrada no livro respectivo.

Secretaria da Câmara Municipal de P. Alegre, 6 de julho de 1927.

O Secretário: Joaquim Honorio de Mello.

Além deste documento, no acervo do Museu Municipal de Pouso Alegre encontramos ainda a *Resolução* que foi citada nas falas do vídeo *Por que “Aterrado”?*, que é a de *nº167*, que decreta a mudança na nomeação do bairro. Ela também nos ajudará em nossa compreensão:

Resolução nº 167 de 6 de julho de 1927.

Muda a denominação do bairro “Aterrado” para “S. Geraldo”.

O povo do município de Pouso Alegre, por seus representantes resolveu e eu, em seu nome sanciono a seguinte resolução:

Art. 1º - Fica denominado “S. Geraldo” o bairro actualmente chamado “Aterrado”, desta cidade.

§ único. O Sr. Agente Executivo Mandará colocar uma placa em lugar apropriado do mesmo bairro com a nova denominação.

Art. 2 – Revogam-se as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as auctoridades a quem o conhecimento e a execução da referida resolução pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como na mesma se contem.

O Secretário da Câmara a publique e registre.

Secretaria da Câmara Municipal de Pouso Alegre, 6 de julho de 1927.

João Tavares Corrêa Beraldo.

(Presidente da Câmara)

Publicada e registrada no livro respectivo.

Secretaria da Câmara Municipal de P. Alegre, 6 de julho de 1927.

O Secretário: Joaquim Honorio de Mello.

Embora o bairro seja constituído pela "falta do Estado" (ORLANDI, 2012a), como dissemos nos capítulos anteriores, observamos que no nome São Geraldo ele começa a marcar a sua presença no bairro. Em relação a essa “falta”, ressaltamos que “o Estado, em uma sociedade de mercado predominantemente, falha em sua função de articulador simbólico e político” (IBIDEM, p.229) e que é essa sua “falha” que produz a “falta”. Portanto, de um modo mais preciso, pontuamos que ao falarmos sobre a “falta do Estado”, não estamos afirmando que ele esteve totalmente ausente no local em questão, mas sim que essa sua presença é estruturada pela “falha”, que por sua vez gera a “falta” no bairro. Assim, ainda que posteriormente o Estado tenha faltado em muitos outros aspectos necessários para uma boa qualidade de vida dos moradores, dizemos que no estabelecimento da denominação São Geraldo há um gesto inicial da sua presença no bairro.

Esse gesto pode ser percebido através de diferentes perspectivas. Primeiramente chamamos a atenção para o fato de que ambas as Resoluções que transcrevemos acima foram publicadas em 6 de julho de 1927. Ou seja, no mesmo dia em que o novo nome foi estabelecido, a autorização para a instalação de luz elétrica, que se pensarmos em termos de urbanização¹⁷ é uma das ações básicas que são tomadas inicialmente na edificação de um bairro, foi concedida à administração da cidade. Certamente, antes mesmo dessa decisão os moradores poderiam encontrar outras formas de se fazer a iluminação elétrica chegar ao

¹⁷ Aqui, ao dizermos “urbanização”, estamos nos referindo a ela em sua relação com a “cidade”, isto é, falamos das medidas que são realizadas para levar infra-estrutura e aparatos urbanos a uma determinada área.

bairro, porém, nesta ocasião, ainda que tal providência fosse realizada, ela teria sido uma atitude clandestina, pois como está dito na *Resolução nº 164*, é este documento que *auctoriza a installação de luz electrica no Aterrado*, é a partir deste dia que *o Agente Executivo Municipal Auctorizado a instalar luz electrica no bairro do Aterrado*. Enfim, o momento em que essa medida mínima de urbanização é autorizada para ser efetivada no bairro é justamente o mesmo em que o nome São Geraldo é oficializado.

Na segunda *Resolução*, a de nº 167, antes de anunciar o *Artigo 1º*, o Presidente da Câmara Municipal diz: *O povo do município de Pouso Alegre, por seus representantes resolveu e eu, em seu nome sanciono a seguinte resolução* (grifo nosso). Se considerarmos algumas opções de possíveis substituições para o termo que destacamos nessa frase, teríamos os dizeres de que foi, por exemplo: *através de seus representantes que o povo do município de Pouso Alegre resolveu* modificar a denominação do bairro; ou que isso ocorreu *por intermédio de seus representantes*; ou ainda que essa foi uma atitude tomada *por causa de seus representantes*. Na primeira ocasião, os *representantes* estão como o meio, a forma pela qual o *povo do município de Pouso Alegre resolveu* e atingiu o objetivo em questão. No segundo, eles são aqueles que incitaram o *povo do município de Pouso Alegre* a realizar essa ação. E no último caso, os *representantes* aparecem como o motivo pelo qual o *povo do município de Pouso Alegre resolveu* mudar o nome Aterrado. Não há como sabermos se a decisão aconteceu porque foi fomentada pelos vereadores, ou se uma nova nomeação era uma demanda que partira mesmo da administração pousoalegrense, ou ainda se os representantes foram apenas a via pela qual os moradores puderam estabelecer a nova denominação. O que observamos é que, de acordo com essa *Resolução*, não foi somente a população do bairro que instaurou o novo nome, além de estender esse feito aos outros habitantes do município, pela generalização dada nas palavras *o povo do município de Pouso Alegre*, ela nos mostra também que a administração da cidade, na figura dos vereadores, foi um caminho pelo qual o São Geraldo teve que passar para ser consolidado como denominação do bairro.

Assim ela adquire o status de nome oficial e, ao passo em que o Aterrado permanece até hoje como uma forma popular de se chamar o bairro, o São Geraldo se consolida como uma maneira formal de dizê-lo. Como está escrito na *Resolução nº167*, *cabe a todas as auctoridades a quem o conhecimento e a execução da referida resolução pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como na mesma se contem*. Ou seja, podemos afirmar que, sobretudo, o São Geraldo é um nome institucionalizado, lícito de acordo com a legislação municipal, uma denominação que não foi só de competência da população, mas sim das *auctoridades* começarem fazer a vigorar. Na *Resolução*, após dizer que *fica denominado*

“S. Geraldo” o bairro actualmente chamado “Aterrado”, desta cidade, o Presidente da Câmara define que o Sr. Agente Executivo Mandará colocar uma placa em logar apropriado do mesmo bairro com a nova denominação. A instalação da referida placa pelas autoridades é uma das primeiras medidas que asseguram a legitimidade da nova nomeação por parte da administração municipal. Dispor a placa no bairro é um gesto simbólico que marca tanto a chegada do nome São Geraldo até ele como a presença do Estado, não só em seu espaço, mas principalmente na nova denominação.

Assim, o Aterrado é um termo que geralmente não é utilizado em determinadas condições de produção. Ao passo em que o São Geraldo é constituído por sentidos que o investe de oficialidade, de legitimidade, de legalidade, quando o bairro está em questão e se trata de um momento formal, ou de um discurso realizado em uma esfera institucional, ele sobrepõe o nome Aterrado. Podemos observar essa consideração que estamos sublinhando, retomando novamente a reportagem que analisamos durante o nosso quarto capítulo. Vejamos algumas passagens em que foi necessário dizer a denominação do bairro: *Moradores do São Geraldo promovem “Semana do Bairro”*; *Reunião do projeto do Orçamento Participativo no São Geraldo*; *Obras que o prefeito Perugini está fazendo no São Geraldo*; *Escola Municipal Profa. Isabel Coutinho Galvão, o CIEM do bairro São Geraldo*. Para especificar qual é o bairro dos moradores que promoveram o evento, de qual bairro se trata o Orçamento Participativo, qual é o lugar em que o prefeito está fazendo obras, e por fim, para se referir ao modo como a escola do bairro é conhecida, em ambos os casos, o nome dito é São Geraldo. Sendo esta uma ocasião em que está sendo noticiada uma campanha promovida por representantes e habitantes do bairro em diálogo com a administração da cidade, em que se fala de Orçamento Participativo, de obras da prefeitura, de uma escola municipal, enfim, de questões que estão todas em um nível institucional, o nome Aterrado não aparece, pois, como vimos, esses são sentidos que habitam no São Geraldo.

Observamos que é somente no momento em que o bairro recebe a sua nova denominação, constituída pelos sentidos da “organização” (IDEM, 2001) que nessa ocasião passa a incidir sobre o seu espaço, que ele se torna um bairro (com um nome). Embora as duas Resoluções que analisamos tenham sido publicadas no mesmo dia, elas possuem uma ordem de produção, que se percebe na sequência que elas apresentam. Seguindo a contagem numérica dos documentos, a *Resolução nº164*, que diz sobre a instalação de luz elétrica foi escrita primeiro. As passagens em que nela o bairro é citado são especificamente as seguintes: *Autoriza a instalação de luz electrica no Aterrado, desta cidade, e contem outras disposições*; *Fica o Agente Executivo Municipal Autorizado a instalar luz electrica no bairro*

do Aterrado, desta cidade. O bairro é citado em dois momentos, em um ele é referido nos termos *no Aterrado*, e no outro como *bairro do Aterrado*. No primeiro, a palavra bairro nem mesmo é utilizada, e *Aterrado* pode estar significando simplesmente o aterro que como já vimos existia no local. No segundo encontramos a expressão *bairro*, porém, *Aterrado* não é posto como a sua denominação, mas somente como o nome de um dos locais que integram o seu espaço.

Em nenhum dos dois casos é escrito *bairro Aterrado*. Apesar de haver a consideração de que existe um bairro em questão, ele é dado como um sem nome, ou seja, o *Aterrado* mesmo não é admitido enquanto bairro. Isso já ocorre na *Resolução nº 167*, quando é dito que será mudada a *denominação do bairro “Aterrado” para “S. Geraldo”*, ou que ficará *denominado “S. Geraldo” o bairro actualmente chamado “Aterrado”, desta cidade.* Desse modo, nestes documentos, ele é assumido como sendo um bairro, mas isso só acontece quando ele é posto em relação ao espaço que passará a ser chamado de São Geraldo, circunstância que dura somente um instante, pois como se sabe é nela em que o *Aterrado* está sendo legalmente silenciado.

Durante este capítulo observamos que foi constituindo sentidos do/no nome São Geraldo que a “organização da cidade” começou a incidir sobre o bairro, que essa nova nomeação foi a via pela qual ele passou a integrar o “discurso do urbano” (ORLANDI, 2001) em Pouso Alegre, e que foi assim que, para a administração municipal, ele veio a se tornar um bairro (com um nome) legitimado. É desse modo que, com a instalação de luz elétrica no bairro, com placa colocada em seu espaço com a nova nomeação, com a legitimidade assegurada pela lei municipal, enfim, com um gesto inicial da presença do Estado, o São Geraldo surge como um bairro “organizado”¹⁸. Assim, este novo nome institui uma outra formação discursiva que, embora formulando sentidos diferentes, hostis ou amigáveis, funciona de acordo com essa relação entre o espaço do bairro e a organização, a formalidade, a oficialidade, a legitimidade enquanto bairro.

Como vimos durante essa pesquisa, o nome São Geraldo aparece principalmente em falas que buscam restituir a ele a sua condição de bairro, em discursos que buscam expor para a cidade os seus sentidos positivos, mostrar que nele há vida. Porém, ele não estabelece condições somente a essa formação discursiva amistosa, mas também possibilita formações

¹⁸ Deste ponto em diante, ao falarmos em “organização”, estaremos sempre nos referindo ao modo como anteriormente apresentamos esse conceito com base nos textos de Orlandi, ou seja, ao imaginário de organização produzido pelo discurso do urbano sobre a cidade.

discursivas que o marginalizam e que, no entanto, estão filiadas a uma memória do São Geraldo como um bairro legítimo, organizado.

Um caso que exemplifica isso que estamos explicando, está no corpus que analisaremos na etapa final do nosso texto. Como veremos, apesar de ser um discurso que formula sentidos pejorativos sobre o bairro, e que por fim acaba mesmo negando-o como bairro, o termo usado para nomeá-lo é sempre São Geraldo. Se tratando de um pronunciamento feito por um vereador da cidade durante uma reunião na Câmara Municipal, ou seja, realizado em uma ocasião marcada pela formalidade, não há espaço para a palavra *Aterrado*. Da sua posição-sujeito vereador, embora esteja se inscrevendo em uma formação discursiva que recusa ao bairro esse seu status, dada as condições de produção em que esse discurso acontece, ele necessita utilizar o nome São Geraldo, isto é, ele precisa partir do bairro enquanto tal, ainda que vá negá-lo depois.

Outro exemplo em que observamos o funcionamento das palavras *Aterrado* e São Geraldo significarem o bairro de maneiras distintas, não em termos de se estar sendo favorável ou não a ele, mas em relação à sua organização, ao seu caráter de bairro justamente, está na imagem sobre as *mulheres de Pouso Alegre* que abordamos inicialmente nesta etapa. Em nossa análise vimos que a fotografia estabelecida para o *Aterrado* é apenas a de um esqueleto sobre um fundo preto, que assim, nela não entra em questão se há beleza ou feiúra, riqueza ou pobreza, se o corpo está em um local citadino, rural ou litorâneo, se é limpo ou sujo, pois, antes de tudo, os próprios sentidos de espaço e de vida são negados ao bairro. Já na imagem do São Geraldo, embora haja uma marginalização para com ele, conforme expomos anteriormente, a mulher posta em seu quadro se encontra em “algum lugar”. Isto é, ela não permanece mórbida e imersa em um fundo no qual não se pode visualizar espaço algum, mas está em um local que, inclusive, dispendo de alguns arbustos e pedras que parecem ser um caminho construído, de certo modo faz significar a vida e a organização daquele espaço. Enfim, nos dois casos ele é hostilizado, mas não é no *Aterrado*, e sim no São Geraldo que se inscrevem os sentidos de organização e o de bairro propriamente.

Como vimos, para que a nova nomeação começasse a vigorar, foi necessário que ela percorresse o nível da administração municipal. E como podemos perceber, é quando ela passa por essa esfera institucional que o Estado também passa por ela. Enfim, neste momento em que ambos se atravessam, a nova denominação é produzida: São Geraldo. Nome este, que passa o bairro do não-sentido ao sentido, que assim, de certa forma, funda um novo bairro, para os moradores e para administração: um bairro legal(izado).

Mas o gesto de estabelecer a nova denominação não gerou uma ruptura definitiva, pois, inicialmente, para que ela pudesse fazer sentido, o nome Aterrado continuou a ser reproduzido nessa relação em alguns casos. Vejamos primeiro uma notícia publicada pelo *Jornal A Razão* em 14 de outubro de 1937:

*O Bairro São Geraldo tem nova capela.
Inaugurar-se-á no próximo sábado, às 8 horas, a nova capela do bairro de São Geraldo (Aterrado), verificando-se, nessa ocasião, a bençã da nova imagem de S. Geraldo e do Sino da Capela.
As solenidades terão a presença do Sr. D. Otavio C. de Mirando, Bispo Diocesano.*

Observa-se que não é usado somente o nome São Geraldo. Entre as duas ocasiões em que ele aparece em referência ao bairro, a palavra Aterrado é escrita em uma delas entre parênteses. Mesmo tendo passado dez anos desde a mudança de nomeação, o jornal considerou ainda ser necessário expor que quando se falava em São Geraldo estava se remetendo ao bairro Aterrado. E nesses dizeres eles estão postos como equivalentes. O que é dito não é que o São Geraldo é o “(antigo Aterrado)”, e sim o (*Aterrado*). Ou seja, este nome continuava significando o bairro contemporâneo da notícia, e não o dos tempos anteriores ao ano de 1927, em que a denominação foi oficialmente modificada.

Conforme dissemos no início desta pesquisa, o bairro começou a ser chamado de Aterrado devido aos vários aterros que foram realizados no local com o objetivo de facilitar a passagem daqueles que trafegavam entre o centro da cidade e a sua saída na direção Sul. Ao redor deste caminho construído com os aterros algumas casas começaram a ser edificadas, e com o tempo foi se formando o bairro que ficou conhecido como Aterrado. Mas não é somente ele que obteve a sua nomeação a partir das terras depositadas naquela área. Além disso, os aterros renderam ainda nomes a alguns locais dentro do próprio bairro e nos seus arredores. Em certa altura de uma matéria publicada em 14 de fevereiro de 1929, a respeito das enchentes que aconteceram na cidade no ano em questão, o jornal *Gazeta de Pouso Alegre* diz:

A vargem do rio Mandù, de tal maneira se innundou que quasi todo o aterrado, que dá acesso ao bairro de São Geraldo está coberto de agua, factõ já mais observado nesta cidade.

Aqui a denominação Aterrado não é empregada para se referir ao bairro, nesta ocasião é apenas São Geraldo. Mas como o jornal nos mostra, embora a sua nomeação tenha

sido mudada, o termo aterrado prossegue definindo outros lugares próximos a ele. Nas falas da reportagem há uma separação do São Geraldo (o bairro) com o local que está sendo chamado de Aterrado (o aterro), e este não é colocado como parte do bairro, mas como um caminho que dá acesso a ele. No entanto, mesmo que nomeação Aterrado esteja sendo silenciada, ainda sim a palavra *aterrado* não está, ela continua incidindo nessa relação em que o bairro aparece, por estar nomeando locais contíguos a ele. A seguir, com a *Lei Ordinária nº 262*, decretada pela Câmara Municipal de Pouso Alegre no dia 9 de janeiro de 1955, podemos perceber que essa situação permanece por um tempo relativamente longo, assim como a pretensão de encerrá-la:

Art. 1º - Passará a denominar-se Rua "Vereador Antônio da Costa Rios" a atual via pública "Aterrado" desta cidade e que, partindo da Ponte do Mandu, termina no Bairro de São Geraldo.

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução desta Lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir, tão inteiramente como nela se contém.

Por quase três décadas após a mudança na denominação, a palavra Aterrado ainda permaneceu intitulado a sua principal via. Neste caso, e também no que mostramos há pouco, notamos que o sentido de ligação com a cidade, de contiguidade, ou mesmo o de pertencimento do bairro, de certa forma, significavam (n)o nome Aterrado. Afinal, nos momentos em questão, ele era usado para se referir às ruas de acesso ao bairro, ou seja, aos locais que vinculam o seu espaço ao da cidade.

Consideramos que nestes períodos em que certos lugares do bairro continuaram a ser definidos de acordo com os aterros, a nomeação Aterrado possa ter funcionado como uma metonímia do bairro. E isso certamente contribuiu para que o nome São Geraldo fosse silenciado em certas ocasiões, na medida em que o bairro era tomado pela denominação de determinadas partes suas. A sobreposição do Aterrado pelo São Geraldo é um processo que vai ocorrendo ao longo dos anos, e que se estende até os dias de hoje. Ainda que no decorrer do tempo o termo Aterrado tenha sido retirado das nomeações oficiais das ruas do bairro, e que assim a possibilidade de ocorrência da metonímia que mencionamos tenha sido extinta, conforme vimos durante a nossa pesquisa ele permanece até a atualidade como nome do bairro. Não mais nos documentos e nos discursos oficiais, nem por essa operação metonímica que antes encontrava na denominação de certas partes do seu espaço condições para

acontecer. Ele está presente principalmente como uma “metáfora” (PÊCHEUX, 2009) nas falas de uma grande parte dos moradores da cidade, que não se filiando às formações discursivas que dispõem a nomeação São Geraldo, trocam “uma palavra por outra” (IBIDEM, p.277), e significam o bairro por Aterrado.

Considerando os nossos resultados, podemos definir essa nomeação como uma “palavra-discurso” (ORLANDI, 2013, p.17), que “explode carregando diferentes construções referenciais” do bairro, “em distintas porções do real”. Pois, os vários sentidos constituídos historicamente a partir do seu real, que seguem em distintas direções, incidem na palavra Aterrado, e esta, por sua vez, “explode” significando o bairro de maneiras diversas em diferentes lugares.

Embora tenha havido o investimento para silenciar essa denominação, e isso ainda venha acontecendo, ela resiste até os dias atuais. O estabelecimento da nova nomeação não conseguiu apagar completamente a precedente. Esta, não atingiu a mesma credibilidade do São Geraldo, e com o tempo, cada vez mais foi sendo inutilizada principalmente em condições formais. No entanto, em algumas matérias jornalísticas, nas redes sociais, nas falas dos pousoalegrenses, em discursos de diferentes materialidades realizados na cidade, o Aterrado continuou fazendo sentido. Com as análises que realizamos anteriormente, percebemos que ele é o nome que está na maioria dos casos em que os sujeitos produzem um imaginário negativo sobre o bairro, em que buscam significá-lo por sentidos de violência, de pobreza, de tráfico de drogas, ou pela a falta de infra-estrutura. Notamos que esses são sentidos presentes na memória da denominação Aterrado em Pouso Alegre, e que alguns deles foram sendo constituídos desde a formação do bairro, significando-o pela falta de organização, bem antes do São Geraldo ser estabelecido.

Agora, tendo em vista as nossas conclusões, podemos tecer algumas considerações finais sobre o discurso que elencamos em nosso terceiro capítulo. Naquele momento mostramos o modo como um dos leitores de uma matéria publicada no blog *Airton Chips* ficou indignado com o fato de nela o bairro estar sendo chamado de *velho Aterrado*, e a resposta do autor a esse questionamento, que disse: *Pode me chamar de “velho Airton Chips” que não me importo!* Naquela circunstância, ressaltamos que a palavra *velho*, posta em relação ao Aterrado, significa diferentemente do que na ocasião em que ela surge adjetivando Airton Chips. E por fim, dissemos que era preciso que analisássemos as condições de produção em que este discurso está sendo realizado, observando a memória do nome Aterrado, para compreendermos melhor o porquê do termo *velho*, ao preceder o Aterrado, cria

a possibilidade para a interpretação de que é um dizer preconceituoso sobre o bairro que está sendo proferido.

Sabemos que as palavras significam de acordo com a “memória discursiva”, isto é, que elas fazem sentido porque estão inscritas no “interdiscurso” (PÊCHEUX, 2009). Assim, ao se dizer *Aterrado*, há uma determinada memória que viemos mostrando que é posta em funcionamento. No caso do *velho Aterrado*, o uso do termo *velho* está colocando em questão o “passado” do *Aterrado*, ele aparece como um alerta de que o bairro tem uma determinada história. Em termos discursivos, diríamos que a denominação *Aterrado* tem uma memória que possibilita a sua significação, e que no momento em que a palavra *velho* é posta anterior a ela, o efeito produzido é o de um lembrete que acentua a sua historicidade. Ou seja, embora desnecessariamente, na medida em que o próprio nome já significa em relação à sua exterioridade, a expressão *velho* está aí como uma ressalva realizada justamente como uma forma de enfatizar a memória do *Aterrado*, que como vimos, é constituída por muitos sentidos pejorativos sobre o bairro.

Porém, gostaríamos de encerrar essa etapa ressaltando que não são apenas os sentidos negativos que significam o nome *Aterrado*, que ele não é inscrito somente nas formações discursivas em que o bairro é marginalizado, mas também em discursos que estão funcionando como “discurso do bairro”, isto é, naqueles em que os sujeitos procuram contrapor o imaginário negativo sobre ele formulando sentidos do real do bairro. Isso pôde ser visto em alguns materiais que trabalhamos, como, por exemplo, na poesia posta em nossa introdução, na qual é dito: *O povo do aterrado, um povo muito legal*, ou em dois comentários da imagem do *Rei Leão* que elencamos no quinto capítulo, em que *Aterrado é amor ♥* está escrito em um, e no seguinte: *É noooiz no Aterrado, com orgulho*.

Um outro comentário sobre uma postagem realizada na página *Pouso Alegre da Depressão*, acaba mesmo invertendo o pressuposto de que é somente nos discursos pejorativos sobre o bairro que esse nome é utilizado. A postagem em questão é um discurso que, novamente, com a nomeação *Aterrado*, traz o pré-construído de que o bairro é um local de tráfico de drogas. Para essa formulação houve a seguinte resposta: *Aterrado é só para os íntimos. Mais respeito com o nosso bairro por favor*. Observamos que aqui, o sujeito reivindica o uso da denominação apenas para os moradores, para os *íntimos*. Na sua interpretação, um simples pronunciamento do nome *Aterrado* pelos demais é uma falta de respeito. Quer dizer, ele não possui somente um afeto para com o bairro, mas também para com a denominação *Aterrado*, e é nessa medida em que ele repudia a hipótese desse nome ser

usado por aqueles que não se identificam, pois assim se evita o risco do Aterrado se inscrever um discurso hostil para com o bairro.

Enfim, pudemos perceber que não são somente os negativos, mas também diversos outros sentidos positivos sobre o bairro, como, por exemplo, esses que mostramos acima (o de amor, de orgulho, de simpatia, de intimidade), que estão constituindo a memória dessa denominação, e observamos que pronunciar o nome Aterrado, e não o São Geraldo, muitas vezes acaba consistindo em um próprio gesto de resistência do bairro.

7. Conclusões: sobre o(s) bairro(s) e o(s) posicionamento(s) no espaço urbano.

Durante o percurso deste estudo, diferentes considerações sobre o São Geraldo nos foram sendo postas a partir do nosso corpus de pesquisa e das análises que dele fizemos. Além destas questões que tocam o bairro e a cidade de Pouso Alegre, com a nossa trajetória até aqui também pudemos formular algumas hipóteses relacionadas ao espaço urbano, ou melhor, aos estudos urbanos desenvolvidos no campo discursivo. Sendo assim, o que pretendemos nesta etapa conclusiva é discutir propriamente essas questões, para que por fim possamos contribuir com os estudos sobre o São Geraldo, sobre Pouso Alegre, e também com as pesquisas a respeito da cidade, do espaço urbano de um modo geral.

Partiremos de dois fatores marcantes do bairro para iniciarmos a discussão das hipóteses que formulamos. Primeiramente retomaremos o fato dele possuir dois nomes, e em seguida partiremos da sua localização na cidade, isto é, da relação entre o posicionamento do bairro em Pouso Alegre e as várias formas como ele é significado na cidade, que inclusive foi uma das condições que nos motivaram a realizar uma pesquisa sobre o São Geraldo. E são justamente estas questões, que foram levantadas com a própria escolha do nosso objeto, que nos permitiram formular as hipóteses que aqui iremos trabalhar.

Essas hipóteses são referentes à categoria de “bairro” e de “localização”. Como dissemos inicialmente, o bairro é uma questão fundamental em nossa pesquisa. Agora, a partir dos resultados do nosso estudo, gostaríamos de propor uma abordagem dessa categoria a partir do campo teórico da Análise de Discurso, assim como do conceito de localização.

7.1. Um bairro (não) é um bairro só (?).

No capítulo anterior levantamos a seguinte questão: *Aterrado e o São Geraldo são um bairro só?* E com as nossas análises percebemos que não. Durante nossa pesquisa notamos as diferenças entre se dizer *Aterrado* ou *São Geraldo*, vimos que essas duas denominações são significadas de formas muito diversas, em relação a distintas regiões do interdiscurso. Logo, devido aos modos como a memória discursiva se inscreve em cada uma dessas nomeações, elas significam o bairro de maneiras diferentes. Embora sejam dois nomes

de um mesmo território, eles, no entanto, não produzem o mesmo bairro. Aterrado e São Geraldo são dois bairros que não se coincidem.

Ainda que haja formações discursivas que significam o São Geraldo por uma marginalização, notamos que ele é um bairro constituído também pelos sentidos de organização, de legalidade, da legitimidade por parte do Estado, do reconhecimento feito por este de que se trata de um espaço da cidade. Quanto ao Aterrado, lembremos alguns dizeres que estão formulados em certos enunciados que recortamos: *Só que tem gente que fala: mais que povo animal; aquilo lá é o Aterrado; Vale lembrar que o "TERRADO" vai dominar o mundo! (ao menos é isso o que os Terradenses pensam); Lá ode reside o povo areia; Visitas ao local ocorrem mediante apresentação do "GreenCard" ou com o passaporte da alegria.* Como mostramos com as nossas análises¹⁹, todos esses discursos, cada um em seu modo, localizam o Aterrado como um local fora da cidade. Ora pela menção ao seu espaço, que é definido como “qualquer coisa” menos um lugar da cidade, ou como um país que demanda um passaporte para que as pessoas possam circular por ele, e outrora pela referência aos seus moradores, que são identificados como animais, como habitantes de uma nação própria, ou como extraterrestres. De qualquer maneira, assim como a imagem que analisamos no capítulo anterior, na qual o bairro é significado pela foto de uma caveira em quadro preto, esse discursos não só separam o Aterrado de Pouso Alegre, mas a distância posta entre ele e a cidade aí, é tão intensa que o bairro acaba sendo posicionado até fora do planeta Terra, ou mesmo em outra dimensão.

Embora o desenvolvimento do conceito de bairro que estamos buscando fazer tenha inicialmente girado em torno do questionamento da afirmação de que *Aterrado e São Geraldo são um bairro só*, o ponto em que agora pretendemos chegar está basicamente relacionado a um desfecho para a pergunta que se inscreve no modo como intitulamos esta seção: *um bairro é um bairro só?* Mais adiante, com base nas nossas conclusões, retornaremos a essa questão para discuti-la.

Para começarmos, destacaremos novamente o deslocamento feito por Orlandi (2012c) que nos leva à categoria de “historicidade”, com a qual a história, que em determinadas disciplinas é concebida como um conteúdo presente “atrás” de um texto, passa a ser compreendida enquanto efeito de sentidos da própria materialidade discursiva. Essa abordagem proposta pela autora nos conduz também ao questionamento do modo como o conceito de bairro é posto em funcionamento na sociedade a partir do imaginário produzido

¹⁹ As análises de cada um desses enunciados, seguindo a ordem em que aqui estamos apresentando, se encontram respectivamente nas páginas 10, 58-59, 68-69, 70, 71-72.

pelo “discurso do urbano”, no qual “o real urbano é substituído pelas categorias do saber urbano, seja em sua forma erudita (discurso do urbanista), seja no modo do senso comum em que esse discurso do urbanista é incorporado pelo político, pelo administrador, pela ‘comunidade’” (IDEM, 1999, p.9,10). Observando o modo como o bairro é definido, por exemplo, nos mapas, nos guias de um município, que são embasados na sobreposição da materialidade da cidade pelo discurso do urbano, vemos que ele é estabelecido através de linhas traçadas (imaginariamente) no território. Ele é apresentado como um recorte de uma área, como um dado sobre um determinado espaço, enfim, como sendo apenas um conteúdo sobre a cidade, que pode ser apreendido com o devido entendimento dos seus limites que estão sendo desenhados na cartografia em questão. Segundo Tuan (1983, p.188):

Os bairros urbanos, se comparados com os povoados rurais, não têm proeminência visual. Cada bairro é uma pequena parte de uma área construída maior, e não está claro onde termina uma unidade e começa a outra. Um planejador, ao olhar a cidade, pode discernir áreas de características físicas e sócio-econômicas bem definidas; ele as chama de distritos ou bairros e lhes atribui nomes se ainda ninguém lhes deu um.

Como o autor prossegue afirmando no decorrer do seu texto, os moradores de uma cidade não possuem uma noção de bairro assim como um planejador. Como ele diz: “cada bairro é uma pequena parte de uma área construída maior, e não está claro onde termina uma unidade e começa outra”. Ou seja, no espaço urbano, essa unidade é inexistente, ela consiste em uma definição posta por um limite imaginário. Porém, embora se tratando de uma unidade imaginária, ela tem a sua materialidade nos discursos que derivam do saber sobre a cidade produzido pelo especialista do espaço urbano. De acordo com Orlandi (1999, p.9):

A maneira como o urbanista fala sobre a cidade acabou criando categorias que vão substituindo a própria maneira como as pessoas pensam a cidade. Por um processo de migração de sentidos, elas significam a partir de categorias do urbanismo, tornadas gerais, e deixam de dizer a cidade em seu real, em sua materialidade específica.

Acompanhando as palavras da autora, podemos dizer que é por esse “processo de migração de sentidos” que a categoria de bairro passa a individuar os moradores da cidade com a evidência de sua unidade (imaginária). Parafraseando a citação de Tuan que trouxemos mais acima: um planejador irá discernir áreas, chamá-las de distritos ou bairros e lhes batizar com um nome. Posteriormente, essa definição passará a circular na cidade através da sua

formulação em diferentes discursos, sendo o mapa urbano um exemplo clássico (ou mais recentemente o programa digital *Google Earth*²⁰, ou mesmo o site *Google Maps*²¹). Após essa empreitada, frente a um mapa, um sujeito pode constatar uma delimitação e dizer: “esse é o bairro X”. Ou, mesmo no espaço da cidade, ele pode concluir a partir da deriva de um já-dito do discurso do urbano: “o bairro X é aquele que fica entre a praça Y e a avenida Z”.

Essa “sobreposição do que é conhecimento urbano (sobre a cidade) com a própria materialidade urbana (da cidade)” (IBIDEM, p.9) é justamente o movimento que produz também a sobreposição do real da cidade pelo imaginário urbano. Eis que o bairro, sob um efeito de evidência, passa a significar como uma unidade no imaginário urbano, e a cidade fica impedida de (se) significar em sua falha, em seu equívoco, enfim, em seu real, que por sua vez rompe com a unidade atribuída ao bairro no discurso do urbano.

É tendo em vista essas considerações que buscamos fazer avançar o nosso entendimento sobre o conceito de bairro. Compreenderemos o bairro não como algo já dado, como um conteúdo que estaria “atrás” do discurso do urbano, mas sim como um efeito de sentidos produzido na própria materialidade desse discurso. Passamos a apreendê-lo não apenas como resultado da delimitação de uma determinada área, de um recorte sobre um certo espaço, mas, sobretudo, como uma construção discursiva sobre a cidade. Por essa perspectiva, saindo da evidência pela qual a categoria de bairro é mantida, observamos o real da cidade destituir a unidade imaginária atribuída a ela, e notamos que o bairro é sujeito a equívocos. Quer dizer, vemos que ele não é constituído somente pelo sentido do especialista, mas por um processo discursivo em que entram outros gestos de interpretação, não só do urbano, mas também da cidade.

Procuramos trabalhar a categoria de bairro de acordo com a historicidade, e não com a história, ao passo em que pelo viés historiográfico teríamos apenas corroborações para a forma como o bairro se apresenta a partir do discurso do urbano enquanto unidade. Pela nossa perspectiva, observando a relação entre uma materialidade discursiva e a sua exterioridade, conseguimos apreender a historicidade que constitui os discursos que produzem bairro, e perceber o modo como ela garante o “movimento dos sentidos” (ORLANDI, 2012b). Ou, em outras palavras, como ela determina diferentes construções discursivas do bairro.

Foi ao analisar a historicidade que se inscreve nos nomes São Geraldo/Aterrado que conseguimos observar as distintas maneiras pelas quais esse bairro é significado em cada uma destas denominações, e por fim perceber que elas acabam por produzir dois bairros diferentes.

²⁰ Disponível em <<https://www.google.com/earth/>>

²¹ Disponível em <<https://www.google.com.br/maps>>

Nesse caso, tivemos a oportunidade de estar frente a um espaço que é multiplicado por nomes diferentes, que assim, produzem bairros diversos. Mas as nossas considerações estão relacionadas à afirmação que se entrelaça com a pergunta feita no título desta etapa. Para a qual respondemos: *um bairro não é um bairro só*. Conforme discorreremos, a categoria de bairro funciona enquanto uma unidade no imaginário urbano a partir de uma deriva do discurso do urbano. E analisando a materialidade destes discursos que formulam um bairro, podemos observar o modo como essa unidade é um efeito aí produzido, enfim, como o bairro, assim concebido, é um efeito de sentidos. Assim, discursivamente, podemos dizer que um bairro não é um bairro só, afinal as suas fronteiras e os seus limites são traços simbólicos, passíveis de equívoco, são construções discursivas. Em suma: é o sentido que produz bairro.

Dessa forma, propomos uma abordagem desse conceito, levando-se em conta que um bairro não é estabelecido apenas por uma delimitação no “território”, mas por uma demarcação na “territorialidade”. Aqui, estamos nos filiando à distinção entre esses termos ressaltados em nossa frase, tal como estabelecida por Orlandi (2011a, p.20), que compreende a “territorialidade” como um espaço “material, parte das condições de produção dos sentidos que aí se constituem, se formulam e circulam. Espaço histórico e simbólico. Espaço de interpretação”, e o “território” como referente ao “espaço *institucionalizado*, nomeado pelo poder do Estado” (grifo da autora). De acordo com esses dizeres, o que buscamos é destacar que um bairro não é somente uma área projetada sobre um espaço institucionalizado a partir dos seus contornos expostos em um mapa. Na medida em que a “territorialidade” indica o espaço como “histórico e simbólico”, podemos afirmar que é nessa relação com a “territorialidade” que o bairro é produzido. Afinal ele coloca em funcionamento o fato de que o espaço é um “espaço de interpretação”, já se apresentando como o resultado de uma das possíveis interpretações do espaço. É assim que conseguimos apreender um bairro em sua demarcação feita por limites simbólicos, traçados no espaço de interpretação, e por fim, discursivamente, defini-lo enquanto um gesto de interpretação de uma “territorialidade”.

Para exemplificar essas nossas conclusões, lembraremos as observações que fizemos a respeito dos dizeres sobre o Aterrado no site Desciclopédia²². Naquela ocasião, ressaltamos o modo como os limites do bairro não são dados a partir da sua extensão territorial na cidade, mas sim de acordo com a interpretação do seu espaço. Como dissemos, no discurso em questão, as fronteiras do bairro são construídas através de duas perspectivas: o fator natural (*cercado por mato e água de um lado*), que está relacionado também ao

²² Esse discurso e as análises que dele fizemos estão em nosso quinto capítulo, elas tem início especificamente na página de número 69, e as observações que estamos retomando aqui se encontram na página 74.

“transcendente” (*esquecido por Deus*); e o social (*pela miséria e a polícia do outro*), ligado ainda ao político (*lembrado por alguns em épocas de eleições*). Enfim, aqui, o sujeito que realizou esse discurso não acompanha as delimitações do território do bairro que estão estabelecidas no mapa da cidade para produzi-lo, as suas fronteiras são demarcadas através de uma cartografia de sentidos, desenhada pelo seu gesto de interpretação da territorialidade do Aterrado.

7.2. Às margens no centro.

Por fim, a partir dos estudos discursivos relacionados ao espaço urbano, com a discussão da questão do posicionamento do bairro São Geraldo em Pouso Alegre, gostaríamos de realizar uma abordagem do conceito de “localização”.

Esses pressupostos teóricos que permitiram essa nossa empreitada são provenientes principalmente dos conceitos desenvolvidos por Orlandi (1999, 2001, 2004), tal como inicialmente apresentamos e como viemos trabalhando no decorrer desta pesquisa. Outra formulação que também forma a base dessa nossa proposta, é sobre a periferia, da maneira como ela é colocada por Barbosa Filho (2012). De acordo com o autor (IBIDEM, p.53), “da ordem do imaginário urban(ístic)o, ela é periférica não porque está nas bordas da *cidade*, mas porque escapa precisamente da *substância* que o *saber sobre a cidade* institui como centralidade: *a organização*” (grifos do autor). Com essa afirmação, não renunciamos o entendimento de que, de acordo com a área de uma cidade, um local que está posicionado às suas margens é periférico, isto é, não deixamos de apreender a periferia em relação ao espaço contíguo da cidade. No entanto, com Barbosa Filho, vemos que ela pode ser compreendida também através de outra concepção, e que por esta, a periferia não está necessariamente localizada na circunferência de um perímetro urbano, mas às margens da “organização”, que por sua vez é instituída pelo “imaginário urbano” como o centro.

Assim, para trabalhar essas diferentes perspectivas, propomos a consideração de que, discursivamente, a “localização” de um lugar na cidade pode ocorrer simultaneamente sobre espaços diferentes, representados por dois eixos: o horizontal e o vertical. O primeiro corresponde ao espaço horizontal da cidade, ou também podemos dizer que ele é referente à “ordem da cidade” (ORLANDI, 2001). Quanto ao segundo, ele diz respeito ao plano do “imaginário urbano”, ele consiste em um eixo do nível simbólico, isto é, está relacionado ao

modo como um determinado espaço se inscreve na verticalidade da dimensão simbólica sobre a cidade, como ele é aí significado. Este é um resultado da “verticalização das relações horizontais na cidade, que de espaço material contíguo, se transforma em espaço social hierarquizado (vertical)” (IBIDEM, p.14). O grau zero de ambos, o ponto de cruzamento dos dois eixos, é o local em que o “discurso do urbano” se coloca. É a partir desse seu posicionamento central que ele busca organizar os espaços vertical e horizontal da cidade.

Considerando essa concepção de localização, ou melhor, de localizações no espaço urbano, observamos que os bairros periféricos nos dois eixos, que são aqueles distantes do cruzamento das linhas horizontal e vertical, são tratados como problemas menos graves para o “discurso do urbano”. Isso devido ao fato de que, na medida em que uma periferia no domínio vertical é periférica também no plano horizontal, ela se encontra mais distante do centro, lugar de mais visibilidade, e assim, aumentam as chances de se manter o imaginário de organização sobre uma cidade.

Para discorrermos a respeito dessa observação, e para expor o funcionamento da localização, assim como estamos propondo, realizaremos a análise de um pronunciamento do presidente da Câmara dos Vereadores de Pouso Alegre do ano de 2011. Com esse estudo, buscamos apreender o modo como o São Geraldo e o Faisqueira, que também é um bairro de Pouso Alegre, estão sendo significados nesse discurso, que como veremos está funcionando enquanto discurso do urbano. Mais precisamente, o que pretendemos foi compreender a forma como esse discurso localiza o próprio vereador, e os dois bairros nos diferentes eixos que estamos destacando.

Esse material foi obtido por nós em uma matéria publicada pelo *Jornal Folha de Pouso Alegre*, apresentada pelo título: *S. Geraldo é o câncer de P. Alegre*²³. Ela trata dos debates que ocorreram durante a reunião do dia 10 de março daquele ano na Câmara de Vereadores. Especificamente, ela aborda as discussões que envolvem o pronunciamento do ex-vereador Moacir Franco, que naquela ocasião era o presidente da Câmara dos Vereadores. A reportagem menciona o conselheiro fiscal da Associação de Moradores do São Geraldo, dizendo que o mesmo fez uso da tribuna livre da Câmara para cobrar melhorias para o bairro. Essas falas causaram reações de alguns vereadores que estavam na sessão, que também são citadas na matéria. O nosso recorte é justamente a resposta de Moacir Franco a estas reivindicações do conselheiro fiscal da Associação dos Moradores do São Geraldo. O presidente da Câmara disse:

²³ A matéria completa está nos anexos de nosso trabalho.

O Bairro São Geraldo é um dos bairros mais antigos, ele ajudou a fazer outros. Mas é como se fosse o câncer de Pouso Alegre, um câncer no coração de Pouso Alegre. Nenhum prefeito que teve peito de arrumar aquilo lá até hoje. O Bairro da Faisqueira está lá. Quantas coisas ainda estão para acontecer e não acontecem.

Primeiramente, chamaremos atenção para a relação comparativa que é feita entre a cidade e os sujeitos. O vereador significa as condições do corpo da cidade (*bairro São Geraldo*), por uma situação própria ao corpo dos sujeitos (*câncer*). Prosseguindo ele localiza o *câncer*, especificando em qual parte do corpo ele está: no *coração* (centro). De seu lugar de administrador, ele faz um diagnóstico e constata: *um câncer no coração de Pouso Alegre*. Para desenvolvermos a nossa análise fizemos uma série de paráfrases desse discurso do vereador:

- (a) *Aquele grupo de células já fez bem ao nosso corpo.*
- (b) *Mas hoje é como um câncer.*
- (c) *É um câncer, igual aquele que está lá no pé.*
- (d) *O que os olhos vêem o coração sente.*
- (e) *Esse tumor é grave, ele está localizado bem aqui no coração.*
- (f) *E o que o coração sente os olhos vêem.*
- (g) *Ele é tão delicado que nenhum médico teve peito de operar aquilo lá.*
- (h) *Vamos fechando os olhos, quantas coisas ainda estão para acontecer e não acontecem.*

O vereador se posiciona como o centro/coração. Ao se colocar assim, ele se situa como um órgão vital, o qual o corpo da cidade está submetido. É estabelecida uma hierarquia entre as partes do corpo, e ele se põe no topo, lugar de onde o restante do corpo será regulado. O vereador também cria um afastamento para com ambos os bairros, que, porém, é dado de maneiras diferentes para com cada um deles. Para expor o modo como esses posicionamentos estão sendo produzidos e as considerações às quais eles nos conduziram, partiremos da análise da dêixis do discurso do vereador através da palavra *lá*.

Em uma circunstância ela é usada em referência ao bairro Faisqueira (*O bairro da Faisqueira está lá*), e em outra ao São Geraldo (*Nenhum prefeito que teve peito de arrumar aquilo lá*). Considerando que o Faisqueira é um bairro que está localizado em uma região periférica de Pouso Alegre, podemos compreender que, neste caso, o “lá” está indicando a periferia, e o “aqui”, que marca a posição do vereador, é o centro da cidade. Logo, trazendo ainda a comparação corpo da cidade/sujeitos, temos as seguintes associações: *lá/Faisqueira/periferia/pé; aqui/vereador/centro/coração*. A relação “aqui/lá”, que

corresponde a “centro/periferia”, é dada segundo o plano horizontal da cidade. Esse é o gênero de diferenciação que o vereador estabelece entre ele e o Faisqueira: uma distância no espaço (eixo) horizontal.

No caso do São Geraldo, esse distanciamento é dado através de um outro parâmetro. Como dissemos diversas vezes, não há distância horizontal entre esse bairro e o centro da cidade, e assim, o “lá” pronunciado pelo vereador nessa relação produz outros sentidos. Na medida em que o São Geraldo está localizado no centro de Pouso Alegre, região em que, como vimos no caso do Faisqueira, o vereador também se posiciona, quando o “lá” é dito, o que acontece é um deslocamento que, seguindo a ordem do nosso texto, vai do espaço horizontal da cidade para o âmbito do imaginário urbano sobre ele. Neste caso, os termos “aqui/lá” e “centro/periferia”, não estão mais funcionando no eixo horizontal, mas sim no vertical. Por estar às margens da “organização”, o São Geraldo é localizado pelo vereador na periferia no nível do simbólico, no eixo vertical. É aí que ele significa o bairro como um câncer e que, na mesma medida, novamente se põe como centro ao se definir como coração. Afinal, se de um lado as relações agora ficam: *lá/São Geraldo/periferia/câncer*, do outro temos: *aqui/vereador/centro/coração*. Essa é a distância que afasta o bairro do centro/coração: uma distância no espaço (eixo) vertical.

Ao falar sobre o Faisqueira o administrador se põe no centro do espaço horizontal. E ao mencionar o São Geraldo, ele se coloca no coração, que aqui está funcionando como o centro do espaço vertical. São dessas maneiras que ele se posiciona sempre no cruzamento dos dois eixos dos diferentes níveis do espaço da cidade. Com a nossa análise, podemos perceber como a organização urbana busca gerenciar esses eixos, se localizando no grau zero de ambos, no cruzamento entre eles. E notamos também como este local é construído como o ponto máximo, como o lugar idealizado do espaço, que assim, significado pelo discurso do urbano, é tomado como o “coração” (vital), a partir do qual as contradições, as falhas (o real) da cidade serão silenciadas ao serem recebidas como doenças. Assim, parafraseando novamente o discurso analisado: *o real da cidade é como um câncer para o coração do urbano*.

O vereador fala da posição-sujeito de um especialista (urbanista), de uma autoridade, de um administrador, e em seu discurso (do urbano), o real dos bairros é significado como doença. Isso ocorre na medida em que esse real expõe o histórico descaso público para com eles. Afinal, parecidos, ambos possuem, por exemplo, ruas sem calçamento, falta de iluminação, alagamentos e esgotos sem tratamento. Porém, podemos observar que para a organização urbana (centro/coração), o problema não é somente a existência de adversidades

na cidade, não é apenas por esse corpo “estar doente”, a gravidade é principalmente devido à qual parte do corpo a “doença” está. No caso do Faisqueira, por exemplo, que é um bairro afastado do centro, ele também é significado como um câncer, mas é dado como uma doença mais amena, pois como diz o vereador, ele *está lá (no pé) na periferia*. Enquanto isso, o São Geraldo, bairro central, é dado como uma doença grave *como um câncer no coração*.

É nessa medida em que notamos como os bairros periféricos, tanto no eixo vertical como no horizontal, são interpretados pela organização da cidade como menores empecilhos, e como os bairros centrais no espaço horizontal da cidade, e ao mesmo tempo periféricos na verticalidade do imaginário urbano, são tidos como problemas mais sérios. Enfim, observamos como se trata de uma questão de localização. O Faisqueira está distante do centro, em um local menos visível para a cidade, assim, as suas condições críticas não são tratadas como problemas urgentes pelo administrador, que colocando a organização urbana como coração/centro, menciona o bairro de acordo com o raciocínio de que apenas *o que os olhos vêem o coração sente*. E é nessa relação que o São Geraldo constitui para ele uma grande adversidade. O vereador reconhece que o bairro está no centro/coração e admite que, com isso, não há como a administração municipal ignorar a sua situação precária, é assim que, a sua fala sobre o São Geraldo, segue o princípio de que *o que o coração sente os olhos vêem*.

Por fim, destacamos que essa é uma das principais particularidades do São Geraldo em Pouso Alegre: a sua localização. Ou melhor: as suas localizações. Podemos afirmar que ele consiste em um bairro que está localizado no centro e na periferia, isto é, no centro do espaço de Pouso Alegre e às margens da centralidade (organização) instituída pelo imaginário urbano sobre a cidade. Um bairro que, ao mesmo tempo, está “dentro” e “fora”. Por estar no vértice do eixo horizontal e no horizonte do vertical, o seu real se torna inconcebível para o urbano. E é nessa medida em que o São Geraldo muitas vezes é tido como indesejável, como um a mais, como uma excrescência que, assim, poderia ser posto fora do corpo da cidade. Ao passo em que o discurso do urbano sobrepõe o real da cidade, há uma busca pelo silenciamento do que aí não está organizado (ORLANDI, 2001), e é nessas condições que o São Geraldo é significado como nocivo pela/para administração municipal. Afinal, por causa de uma das suas localizações – se pensamos o horizonte, cruzando com o vértice – o silenciamento da outra é dificultado.

Apesar dessa dificuldade para a organização urbana ser potencializada no caso de bairros centrais, sabemos que ela também se faz presente para com toda a cidade, pois o silenciamento imposto não se realiza de forma absoluta. O “real”, se “significando em faíscas, luminosidades que não duram senão o tempo de um flash”, sempre faz persistir ao menos um

“lembrete” (IDEM, p.14) que irrompe em alguma materialidade, fazendo o real significar²⁴. Portanto, para concluir, gostaríamos de jogar com esse aspecto paliativo do silenciamento imposto pelo urbano, parafraseando uma última vez um discurso já conhecido: *se é um problema do coração, apaga-se a luz, pois o que os olhos não vêem o coração não sente*.

²⁴ No próprio discurso do vereador temos um exemplo. Ao entrar na relação estabelecida entre o São Geraldo e um câncer, o Faisqueira se contrai em uma “faísca” que faz o seu real significar. De um modo fugaz, ele aparece naquelas falas “lembrando” a cidade das suas carências.

8. Referências bibliográficas.

ABREU, Ana Silvia Couto de. Gestos de escrita em ambientes virtuais – uma análise. In. DIAS, Cristiane. **E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]**. 2011, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, Pierre [et al] **O papel da memória**. 3ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. 3ª. ed. : Presença, 1970.

ANDREADE, Alexandre Carvalho de. Pouso Alegre (MG). **Expansão urbana e as dinâmicas socioespaciais em uma cidade média**. Tese (Doutorado em Geografia). Unesp. Rio Claro: 2014.

BALDINI, Lauro José Siqueira. Cidade e sujeito na rede. In: ORLANDI, Eni. P (org.) **Discurso, Espaço, Memória – Caminhos da identidade no sul de Minas**. Campinas: Editora RG, 2011.

BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. **A escrita urbana nos (dês)limites do (im)possível**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Unicamp. Campinas: 2012.

CALVÍNO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Biblioteca Folha nº21, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTELLANOS PFEIFFER, Claudia; DIAS, Cristiane. *Minicurso: escrita, escola e sujeito urbano*. 60ª Reunião Anual da SBPC, de 13 a 18 de julho de 2008. *Apud*: SARIAN, Maristela Cury. “O desafio está nas mãos do professor”: um gesto de análise no discurso sobre a inclusão digital. In. DIAS, Cristiane. **E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]**. 2011, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CLEPS, Geisa Daise Gumiero. O comércio e a cidade: Novas territorialidades urbanas. In: **Sociedade & Natureza**. Uberlândia. 2004.

COSTA, Grciely Cristina da. Denominação: um percurso de sentidos entre espaços e sujeitos. In: **Revista RUA (online)**. 2012, no. 18. Volume 1 – ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). **Os múltiplos territórios da análise de discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **Nas tramas da segregação – o real panorama da polis**. São Paulo. Dissertação (mestrado em Sociologia). USP. São Paulo, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Qu'est-ce que la Philosophie? Paris: Les editions minuit, 1991. *Apud* DIAS, Cristiane. **Da corpografia: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital**. Santa Maria: PPGL, UFSM, 2008.

DIAS, Cristiane. **Da corpografia: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital**. Santa Maria: PPGL, UFSM, 2008.

_____. E-urbano: a forma material do eletrônico no urbano. In. DIAS, Cristiane. **E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]**. 2011, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

FARIA, Rivaldo. Mauro. **Território urbano e o processo saúde-doença. Perfil territorial da saúde no São Geraldo, em Pouso Alegre (MG)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UNICAMP. Campinas, 2008.

FERREIRA, Ana Cláudia Fernandes. *As coisas-a-saber sobre uma cidade no Wikipédia e na Desciclopédia: Pouso Alegre entre edifícios e buracos*. In: **Revista RUA (online)**. 2012, no. 18. Volume 2 – ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

_____. Uma Especialidade Culinária do Sul de Minas e a Demanda pela Patrimonialização IN: ORLANDI, Eni. (org): **Linguagem, sociedade, políticas**. Campinas: RG Editores, 2014.

FOUCAULT, Michel. L'archéologie Du savoir. Paris: Gallimard, 1969 *Apud*: COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). **Os múltiplos territórios da análise de discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

GADENS, Letícia. Irracionalidades urbanas e requalificação de áreas centrais. In: **REDES**. vol. 12. Santa Cruz do Sul. 2007.

GOUVÊA, Octávio. Miranda. **A História de Pouso Alegre**. Pouso Alegre: Gráfica Amaral, 2004.

HENRY, Paul. Le mauvais outil: langue, sujet e discours. Paris: Klincksieck, 1977. In: PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

NUNES, José Horta. Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. In: **Anais do Sead II**, 2005.

ORLANDI, Eni. P. A Análise de Discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. vol. 42. Campinas: Unicamp/Iel, jan/jun, 2002.

_____. **A Linguagem e seu Funcionamento**. 6ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2011.

_____. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni; LAGAZZY, Suzy (orgs.). **Discurso e Textualidade**. 2ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2010a.

_____. Análise de Discurso: Conversa com Eni Orlandi. In: **TEIAS**: Rio de Janeiro, ano 7, nº 13 – 14, jan/dez 2006.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 8ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2009.

_____. A palavra dança e o mundo roda: Polícia! In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). **Cidade, Linguagem e Tecnologia: 20 Anos de História**. Campinas: LABEURB, 2013

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Cidade dos Sentidos**. Campinas: Pontes Editores, 2004.

_____. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. Campinas, SP: Pontes, 2012a.

_____. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. 3ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2008b.

_____. Exterioridade e ideologia. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Vol. 30. Campinas: Unicamp/Iel, jan/jun, 1996.

_____. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 6ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2012b.

_____. Maio de 68: os silêncios da memória (2010b). In: ACHARD, Pierre (et al) **O papel da memória**. 3ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.

_____. N/O Limar da Cidade. In: **Revista RUA**. Número especial. Campinas, 1999.

_____. Os sentidos de uma estátua: Fernão Dias, individuação e identidade pousoalegrense. In: _____. (org.) **Discurso, Espaço, Memória – Caminhos da identidade no sul de Minas**. Campinas, SP: Editora RG, 2011a.

_____. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. In: CARROZA, Guilherme; SANTOS, Míran dos; SILVA, Telma Domingues da. (orgs.). **Sujeito, Sociedade, Sentidos**. Campinas: Editora RG, 2012c.

_____. **Terra à vista – Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008a.

_____. Tralhas e troços: o flagrante urbano. In: ORLANDI, Eni. (org.) **Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço**. Campinas: Pontes Editores, 2001.

PAYER, Maria Onice. Memória da imigração e processos de identificação em mídia jornalística. In: ORLANDI, Eni. (org.). **Discurso, Espaço, Memória – Caminhos da identidade no sul de Minas**. Campinas: Editora RG, 2011a.

_____. **Memória da língua: imigração e nacionalidade.** São Paulo: Escuta, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux.** 3ª. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. Delimitações, inversões, deslocamentos (1980). In: **Caderno de Estudos Linguísticos n°19.** Campinas, 1990a.

_____. Leitura e memória: projeto de pesquisa (1990b). In: ORLANDI, Eni. (org): **Análise de Discurso: Michel Pêcheux – textos selecionados por Eni Orlandi.** Campinas: Pontes Editores, 2011c.

_____. Ler o Arquivo Hoje (1994). In: ORLANDI, Eni. (org): **Gestos de Leitura.** Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

_____. Metáfora e interdiscurso (1984). In: ORLANDI, Eni. (org): **Análise de Discurso: Michel Pêcheux – textos selecionados por Eni Orlandi.** Campinas: Pontes Editores, 2011b.

_____. O papel da memória. (1983) In: ACHARD, Pierre (et al) **O papel da memória.** 3ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** 4ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

QUEIRÓZ, Amadeu. **Pouso Alegre: origem da cidade e a história de sua imprensa.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1948.

ROBIN, Régine. Le Cheval Blanc de Lénine ou L'Histoire Autre. In: Le naufrage Du siècle. Paris: Berg International e Montréal: XYZ, 1995 *Apud*: PAYER, Maria Onice. Memória da imigração e processos de identificação em mídia jornalística. In: ORLANDI, Eni. (org.) **Discurso, Espaço, Memória – Caminhos da identidade no sul de Minas.** Campinas: Editora RG, 2011a.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.

9. Anexos.

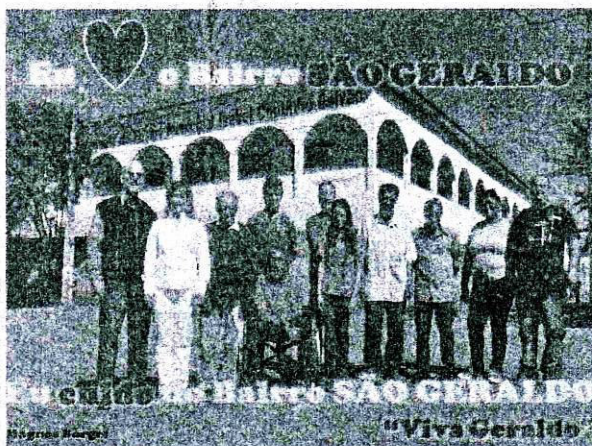
9.1. Anexo A – Matéria: Moradores do São Geraldo promovem “Semana do Bairro”.

Moradores do São Geraldo promovem “Semana do Bairro”

Projeto “Eu amo o bairro São Geraldo. Eu cuido do Bairro São Geraldo” é destaque na programação

Com o objetivo de trabalhar a imagem do Bairro São Geraldo na cidade de Pouso Alegre, a Associação Viva Geraldo! organizou uma programação especial no bairro e até participação na reunião da Câmara dos Vereadores durante esta semana. A associação, formada por diversos órgãos, instituições e profissionais autônomos, trabalha no sentido da melhora do bairro e da visibilidade do São Geraldo, no restante da cidade. “O bairro pede para ser visto com carinho e não piedade”, afirma o diretor do CIEM do São Geraldo, Francisco Marcelo Ivo (foto). Segundo o diretor da escola, tráfico de drogas, prostituição e violência não são problemas isolados de bairro.

As atividades tiveram início no domingo, dia 5 de maio e encerram no sábado, dia 11. No dia 5 houve uma caminhada pelo bairro e plantio de árvores. A caminhada marcou a abertura da semana. Segundo o diretor do CIEM é preciso mostrar que o bairro pode ser mais cuidado e preservado.



construção de um complexo de esportes ao lado do CIEM, nos terrenos da escola e da prefeitura.

Para a área da saúde foi pedida melhoria no atendimento aos morado-

brou ainda que a construção do Dique II vai “trazer tranquilidade à população e à escola, que não mais sofrerão com as enchentes”.

Sobre o bairro, afir-

OP foi oportunidade de demonstrar união

Na segunda-feira foi o dia da reunião do projeto do Orçamento Participativo no São Geraldo, "momento em que a população tem voz", lembrou o líder comunitário Mário de Pinho. No dia 7 representantes do bairro participaram da Tribuna Livre, na Câmara dos Vereadores. Projetos para melhorias nas áreas da saúde, educação e segurança pública foram levantados. Um relatório sobre as prioridades, em longo prazo, foi apresentado aos vereadores. Todas as propostas seguem o objetivo de contribuir para que o bairro tenha uma imagem positiva.

Com relação à educação, foi destacado o pedido da reforma da Escola Municipal Profa. Isabel Coutinho Galvão, o CIEM do bairro São Geraldo. O valor levantado para o custo da reforma é de 480 mil reais. Outra proposta apresentada foi para a

res do bairro, com um número maior de profissionais na Policlínica. Para a segurança pública o pedido é para que ações sejam feitas para que a população veja que a Polícia Militar e a Guarda Municipal estão no bairro para proteger e servir a população.

Na quarta e na quinta-feira, o CRAS recolheu materiais como garrafa pet, cabo de vassoura e óleo, para reaproveitamento. Nesse sábado acontece, às 9 horas, o encerramento da Semana, com roda de capoeira na Praça Luis Serpa.

Perugini informou início da reforma no Ciem

O diretor do Ciem São Geraldo, Francisco Marcelo Ivo, em sua participação na tribuna da Câmara, informou que, em conversa com Perugini, o prefeito disse a ele que as obras do Ciem São Geraldo, orçadas em R\$480 mil, devem começar em julho. Lem-

mou ainda que o São Geraldo "não teve chance de se projetar por ser área de baixo valor econômico, margeado por dois rios, alagável nas épocas de vazante do Mandu e Sapucaí Mirim, e passou a ser um lugar para os menos afortunados pela vida". Para ele o bairro é um retrato da insensibilidade dos homens públicos que passaram pela administração de Pouso Alegre. Realidade que está mudando agora, com as obras que o prefeito Perugini está fazendo no São Geraldo (Avenida Dique, captação de águas pluviais, infra-estrutura viária, etc.).

Concluindo, os representantes do bairro afirmaram que "a partir desta semana, o lema do Viva Geraldo! é *"Eu amo o Bairro São Geraldo, eu cuido do Bairro São Geraldo"*. Foram distribuídos adesivos para carro, com o slogan da campanha, patrocinados pela **Folha do Vale**. Os adesivos podem ser obtidos com as lideranças do Viva Geraldo!

9.2. Anexo B – Matéria: S. Geraldo é o câncer de Pouso Alegre.

S. Geraldo é o câncer de P. Alegre

Uso da tribuna livre vira novo bate boca e situação começa a ficar insustentável

Cláudio Prado
redacaoofolha@hotmail.com

Um câncer. Este foi o termo utilizado pelo vereador Moacir Franco, atual presidente da Casa para definir o São Geraldo, um dos bairros mais antigos da cidade, causando a ira dos representantes daquela localidade que acompanhavam a sessão ordinária da Câmara.

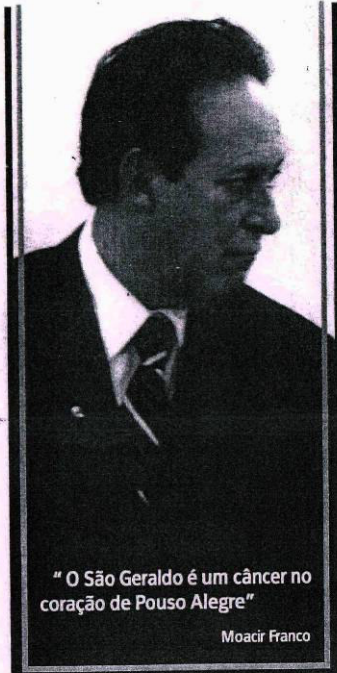
O desabafo do presidente da Câmara foi uma resposta às duras críticas tecidas aos vereadores pelo conselheiro fiscal da Associação de Moradores do bairro, durante o uso da tribuna livre.

A ação

O conselheiro fiscal da Associação de Moradores do São Geraldo, Alex Rafael utilizou a tribuna livre da Câmara por 10 minutos e fez um estrago de grandes proporções. Teceu críticas ao trabalho dos vereadores e solicitou maior empenho dos vereadores para solução de problemas do bairro.

Segundo ele, a função do vereador não é ficar combatendo a administração e sim ajudar. "Entra prefeito, sai prefeito e neste ano, o bairro foi novamente castigado pelas enchentes e o prefeito Agnaldo, que lá esteve, junto com o povo e mesmo acabado a enchente ele não abandonou a população que necessitava. A gente que anda no bairro acompanha o sofrimento do povo e muitos querem sentar aqui e não vê a dificuldade do povo lá fora. Na hora de pedir voto, chega lá com cara de cachorrinho", disse ele.

Alex citou por diversas vezes o nome do vereador Oliveira e fez questão de frisar: "gostaria de deixar claro que não tenho nada contra a pessoa da Oliveira, mas sim con-



"O São Geraldo é um câncer no coração de Pouso Alegre"

Moacir Franco



"Se eu pudesse faria todas as obras que a população quer"

Oliveira Altair



"É preciso conhecimento de causa para vir aqui e falar"

Rogéria Ferreira

mento. Alex disse que estava ali apenas para cobrar do vereador Oliveira para que este se preocupasse mais com o bairro que ele diz representar e não deixar que esta função ficasse por conta da Associação como está acontecendo. "A associação foi abandonada e a Ana assumiu com a cara e coragem, juntou o pessoal e o Oliveira como vereador tem mais força para ajudar a trazer benefícios para aquela população carente. E não estou falando só do Oliveira não. Estou falando de todos que estão aqui sentados. Todos foram lá pedir voto. Não é só o centro que elege ve-

reador não, são os bairros mais carentes que elegem vocês" disse ele.

"Tenho certeza de que o prefeito quer levar melhorias para o São Geraldo, mas que esta ação não depende só dele. Tudo tem que ser aprovado pelos vereadores. Citou o exemplo das 12 ruas que vão ser calçadas e disse novamente que se a obra não sair, a população vai cobrar o executivo. O que precisamos neste momento é de união. Não é chegar ali e dizer: o prefeito tem que fazer. A culpa é do prefeito. A culpa é nossa, é do vereador, é do povo. O vere-

ador não aprova, o prefeito não faz e o povo não cobra. A culpa é de todos e 2012 está aí e muita gente vai querer ser reeleito", finalizou Alex.

A reação

A peemedebista Rogéria foi a primeira a sair em defesa de Oliveira e acusou o conselheiro Alex de falar sem conhecimento de causa. Rogéria disse sempre ter trabalhado em prol daquele bairro, especialmente na área da saúde.

Rogéria disse que não é papel do vereador executar e

sim de fiscalizar os atos do executivo e lembrou indicações feitas por ela.

"Quando você faz indicações de melhorias na área de saúde, das 12 ruas do bairro lá, que foram votadas aqui, sejam calçadas, é para que seja provocada a ação do prefeito e não ação do vereador. Nós não temos este poder. Nosso poder é apenas de chegar no secretário de perguntar: Secretário, recebeu a indicação?, disse ela.

Oliveira Altair (DEM) que anteriormente havia batido boca com Alex, disse não ser oposição ao prefeito e que se pudesse faria todos as obras que a po-

pulação necessita, mas esta é uma ação do executivo.

Moacir Franco também criticou a atitude do membro da Associação de Moradores e iniciou o discurso dizendo: "O bairro São Geraldo é um dos bairros mais antigos, ele ajudou a fazer os outros, mas é como se fosse o câncer de Pouso Alegre, um câncer no coração de Pouso Alegre. Nenhum prefeito que teve peito de arrumar aquilo lá até hoje. O bairro da Faisqueira é o mais velho da cidade e está lá. Quantas coisas ainda estão para acontecer e não acontecem", disse ele.

tra o vereador Oliveira. São 6 anos como vereador e a gente não consegue ter um benefício lá no bairro. Não tem uma quadra, não tem um nada. Eu faço parte da Associação e a Ana como presidente tem conseguido benefícios, através de conversas, sem discussão com a administração. Ali é um povo carente. A gente foi reivindicar melhorias para o bairro e as coisas que estão sendo feitas no bairro, não são os vereadores que estão indo lá, é a Associação quem está conseguindo. Agora já estão planejadas o calçamento de mais 12 ruas, porque nós estamos correndo atrás, porque é o povo que precisa. E falo claramente aqui, eu não tenho intenção de sair candidato. Mas quero pedir para que quando forem lá pedir voto, que se lembre que não é só pedir e depois esquecer a população carente. Porque na hora de ir é fácil e na hora de fazer é difícil. Porque chegam aqui e começam a fazer oposição política. E o povo é quem sofre.

Alex foi interrompido pelo presidente para que este se ativesse aos problemas do bairro e que deixasse discussões políticas para outro mo-

Presidente da Associação fica indignada com comentário de Moacir

Eu, Ana Maria da Silva Rodrigues, presidente da Associação dos Moradores do Bairro São Geraldo, venho através desta, fazer uso de direito de resposta como cidadã e representante legal do bairro ao Exmo Presidente da Câmara Municipal, vereador Moacir Franco no tocante ao comentário infeliz proferido por este em sessão ordinária, conforme áudio da sessão de 10/03/2011, onde ouvesse de forma clara "O bairro São Geraldo é como se fosse o câncer de Pouso Alegre, um câncer no coração de Pouso Alegre", e que nunca haveria de ser curado.

O nobre vereador fez o comentário de forma pejorativa. Talvez o exmo presidente deva ter esquecido que o São Geraldo é hoje o coração de Pouso Alegre e que seus 22 mil habitantes, sempre o apoiaram em suas candidaturas, com seus votos.

Esperamos que esta sirva pelo menos para que o exmo presidente se retrate publicamente com os moradores do bairro São Geraldo. Não somos o câncer da cidade e não precisamos de quimioterapia. Quem precisa de tratamento urgente é a Câmara Municipal. Portanto, senhores vereadores Moacir Franco, Frederico Coutinho, Oliveira Altair, Laércio Poteiro e Rogéria, pensem bem ao entrar no bairro São Geraldo em 2012 para fazerem promessas e tentarem sua reeleição. O povo não esquecerá este comentário.

Ana Maria S. Rodrigues
presidente

